PÄR
LAGERKVIST

PRÊMIO
NOBEL
DE
1951

XLVI

BIBLIOTECA

DOS

PRÊMIOS NOBEL

DE

LITERATURA

patrocinada pela

ACADEMIA SUECA

e pela

FUNDAÇÃO NOBEL

BIBLIOTECA DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA
PATROCINADA PELA ACADEMIA SUECA
E PELA FUNDAÇÃO NOBEL

Prêmio de 1951

PÄR LAGERKVIST

(SUÉCIA)

EDITÔRA OPERA MUNDI
Rio de Janeiro
1970

PÄR
LAGERKVIST

BARRABÁS

ROMANCE

Tradução de
GUTTORM HANSSEN

Estudo introdutivo de
ERIK HJALMAR LINDER

Ilustrações de
PAULETTE HUMBERT

EDITÔRA OPERA MUNDI
Rio de Janeiro
1970

Título do original sueco:

BARRABAS
Copyright, Albert Bonniers Forlag, Stockholm

Todos os direitos desta edição
(introdução, prefácios, notas, tradução,
ilustrações e demais características)
pertencem à
EDITÔRA OPERA MUNDI

"PEQUENA HISTÓRIA"

DA ATRIBUIÇÃO DO PRÊMIO NOBEL A PÄR LAGERKVIST

*

Pelo DR. KJELL STRÖMBERG
Ex-Conselheiro Cultural da
Embaixada da Suécia em Paris

Pär Lagerkvist, laureado em 1951, é o quarto escritor sueco a receber o Prêmio Nobel de literatura — seguindo-se a Selma Lagerlöf, agraciada em 1909, Verner von Heidenstam, premiado em 1916 e Erik Axel Karlfeldt, laureado pòstumamente em 1931. Dêsses três predecessores, apenas Selma Lagerlöf logrou firmar uma reputação mundial, conquistada aliás bem antes de alcançar êsse apogeu de glória que o Prêmio Nobel representa. Êsse conceito internacional, pelo menos no que concerne à Inglaterra e mòrmente à França, Pär Lagerkvist estava em vias de conquistar no momento em que foi agraciado com o prêmio, através de dois romances bem recentes: *O Anão*, visão dos tempos atuais apresentada sob as côres fortes da Renascença italiana, e sobretudo êste *Barrabás*, prefaciado por André Gide, obra que veio classificá-lo em difinitivo, aos olhos de uma crítica esclarecida, como um dos intérpretes mais autorizados de nossa atormentada época.

Na primavera dêsse mesmo ano, um professor da Universidade de New Jersey, William F. Lamont, editor da revista

Books Abroad, submetera a distribuição dos Prêmios Nobel de Literatura a uma espécie de inquérito popular, cujas conclusões foram transmitidas à Academia sueca. Apurou-se que, na concessão do troféu, a Academia incorrera em erros mais ou menos graves — catorze casos eram citados — e em algumas omissões lamentáveis; mas, tudo bem pesado, chegou-se à conclusão de que merecia "mais elogios que críticas" pela escolha dos laureados. Foi opinião geral que não havia motivo para censurá-la pelo fato de ter favorecido demasiado os escandinavos — naquela época, em tôrno de dez —, entre os quais foi mencionado apenas um caso francamente duvidoso (o de Gjellerup), embora se fizesse referência à injustiça por omissão feita a Ibsen, a Strindberg e ao grande crítico dinamarquês Georg Brandes. Na extensa relação de escritores apresentados como futuros candidatos ao título figuram — embora no final da lista — ainda alguns escandinavos: o dinamarquês Johannes Jörgensen, o norueguês Arnulf Överland e ainda — coincidência tão extraordinária quanto lisonjeira — Pär Lagerkvist!

No discurso que pronunciou por ocasião da entrega do troféu a Pär Lagerkvist, o secretário perpétuo da Academia sueca, Anders Österling, não deixou de aludir a êsse inquérito americano, cujo organizador impôs duas condições, a seus olhos igualmente indispensáveis, para que uma obra literária seja considerada digna de um Prêmio Nobel: primeiramente, que o valor artístico da obra seja satisfatório, e em segundo lugar que esta se prevaleça de uma repercussão internacional. No que concerne a essa segunda condição, o orador objetou, não sem razão, que aquêles que escrevem em idioma relativamente pouco difundido ver-se-iam dessa forma em situação assaz desvantajosa. Ainda no caso de tratar-se de um escritor nórdico que preenchesse com perfeição a primeira das condições propostas, o julgamento dêsse tipo de candidatura não constituiria problema menos delicado. Por outro lado, o testamento de Nobel prescreve explìcitamente que os Prêmios deverão ser

outorgados sem qualquer consideração de nacionalidade, de tal sorte que sejam conferidos ao mais merecedor, seja êle escandinavo ou não. É provável, senão mesmo certo, que ao fazer esta observação o doador teve acima de tudo em mente acentuar o caráter internacional que pretendia conferir aos Prêmios por êle idealizados, demonstrando não confiar integralmente nas disposições que a êsse respeito tomariam as importantes agremiações literárias e científicas às quais confiara a difícil incumbência de distribuí-los. Por outro lado, isso deve significar também — observa muito judiciosamente Österling, de cujo excelente discurso me permito citar por extenso êsse trecho — "que, se um escritor se impõe como merecedor do Prêmio Nobel, o fato de ser sueco, por exemplo, por si só não deve impedi-lo de obtê-lo. No que diz respeito a Pär Lagerkvist, intervém outro fator de que todos nos rejubilamos, a saber, que sua obra mais recente tenha podido granjear tanta simpatia e admiração para além de nossas fronteiras. Em confirmação dêsse fato podemos citar as diferentes propostas em que sua candidatura vem apoiada em maioria e com empenho por entidades estrangeiras".

Quais são essas "entidades estrangeiras" que o orador, em respeito aos estatutos dos Prêmios Nobel, não pôde citar nominalmente, por ocasião da entrega do Prêmio? Com dez ou doze anos de atraso, o segrêdo poderá certamente ser desvendado. Na realidade, Pär Lagerkvist despontara como candidato ao Prêmio Nobel desde 1946, ocasião em que seu nome fôra proposto por diversos confrades da Academia sueca, da qual fôra eleito membro em 1940, e onde tomara honrosamente a sucessão de Verner von Heidenstam, o último dos poetas nacionais, cronològicamente falando. Mas foi só em 1950, e sobretudo em 1951, depois da publicação de *Barrabás* — logo traduzido para diversos idiomas —, que as propostas dessa candidatura assumiram vulto. Aos votos de seus colegas acadêmicos vieram associar-se, pela voz de seus presidentes, as sociedades de intelectuais dos quatro países escandinavos,

e o título pessoal, entre outros antigos Prêmios Nobel, André Gide e Roger Martin du Gard. Não obstante, teria de defrontar-se com concorrentes de valor: para começar, Angelos Sikelianos, nôvo Píndaro grego, que infelizmente a morte iria levar no correr do ano de 1951; em seguida, Paul Claudel, proposto pelo grande poeta já falecido, Hjalmar Gullberg — eleito membro da Academia sueca (onde sucedeu a Selma Lagerlöf) ao mesmo tempo que Pär Lagerkvist —; e enfim, apresentados por diferentes sociedades literárias francesas, pelo menos quatro futuros candidatos: François Mauriac, sir Winston Churchill, o islandês Halldor Laxness e Boris Pasternak, rebelde já ilustre das letras soviéticas.

Nenhum relatório especial foi exigido no caso de Pär Lagerkvist, cujos méritos eram sobejamente conhecidos de seus companheiros, e o Prêmio Nobel foi-lhe atribuído, suponho, sem maior discussão, "em razão da fôrça artística e da profunda independência através das quais procura, obter, em suas obras, uma resposta às interrogações que o homem se propõe eternamente".

Cumpre assinalar que Pär Lagerkvist, no momento em que recebeu o laurel consagrador, era pouco conhecido — salvo por uma elite sempre diminuta — fora dos países escandinavos, onde gozava, em compensação, de um prestígio generalizado, lenta mas seguramente construído. Aos olhos de seus compatriotas, e de seus vizinhos dinamarqueses, noruegueses e finlandeses, é como poeta lírico que o laureado do ano atingira as culminâncias de sua arte e se impusera como o mestre de tôda uma geração que despontava. Infelizmente, essa parte essencial de sua obra está condenada a permanecer pouco accessível aos leitores estrangeiros, a despeito da existência de algumas traduções bastante corretas, especialmente em francês, feitas por autênticos poetas como sejam Jean-Victor Pellerin (em uma *Antologia* dos *Poetas Suecos Contempo-*

râneos, publicada na Editôra Stock em 1947) e Jean-Clarence Lambert (em *D'Angoisse et de Chaos*, coletânea de poemas em verso e em prosa publicada na Editôra Pierre Seghers em 1952). Entretanto, antes de conhecer um êxito de livraria tão surpreendente quanto fulminante como romancista, Lagerkvist impusera-se também à admiração geral como dramaturgo, o mais famoso desde Strindberg. Até hoje é considerado o mais fiel discípulo do velho mestre, fascinado acima de tudo pelo seu teatro místico, do qual foi um dos primeiros a revelar ao grande público a extraordinária fôrça dramática. Algumas peças de sua autoria, entre as quais *O Segrêdo do Céu*, com a qual enfrentou pela primeira vez as luzes da ribalta — e isto graças ao apoio eficiente que lhe prestou a terceira espôsa de Strindberg, Harriet Bosse, atriz de grande talento — foram encenadas por grupos de vanguarda na França e na Alemanha, depois da última guerra.

A boa reputação conquistada em França, antes mesmo de ser laureado, deve-a Pär Lagerkvist acima de tudo aos esforços de Lucien Maury, infatigável difusor das letras escandinavas nesse país. *O Carrasco*, violenta diatribe contra a tirania hitlerista, desenrolada em um cenário medieval, traduzida e publicada na década dos 30, abrira-lhe o caminho para a fama; porém foram os romances filosóficos da década seguinte que lhe valeram as grandes tiragens em França. Entretanto, sua reputação — que não tardaria a ser universal — deve ser com justiça atribuída a uma carta de André Gide, endereçada a Lucien Maury em outubro de 1950, pouco tempo antes da morte de seu autor. Nessa missiva, o ilustre escritor, que recebera a tradução de *Barrabás* em manuscrito, transmite suas impressões após uma leitura que confessa havê-lo transtornado literalmente, autorizando ao mesmo tempo seu velho amigo Maury a publicar sua carta a título de prefácio a essa tradução, que em menos de um ano lograva uma tiragem de 30 mil exemplares.

"Não há como duvidar", escreve Gide, "o *Barrabás* de Pär Lagerkvist é um livro notável, e fico-lhe grato por ter-me reservado a leitura em primeira mão, tal como o fizera anteriormente com relação a outra obra do mesmo autor, *O Anão*, tão calorosamente acolhida pela crítica e pelo público, há três anos atrás. Ao receber de suas mãos a tradução de *Barrabás*, experimentei de imediato um grande desejo de conhecê-la: mas nem de leve podia prever o extraordinário interêsse que despertaria em mim essa leitura..." Às portas da morte, o velho mestre, êle próprio angustiado pelas mesmas interrogações que o autor da obra em questão se propunha, mostrou-se impressionado com esta última frase, que reputava propositadamente ambígua: "Quando sentiu aproximar-se a morte, da qual experimentara sempre um receio imenso, êle (Barrabás) murmurou nas trevas, *como se se dirigisse à noite* (sublinhado por Gide): Em tuas mãos entrego meu espírito." E conclui: "Reside aí o talento máximo de Lagerkvist: ter sabido equilibrar-se sem desfalecimento nessa corda tensa através das trevas, ligando o mundo real ao mundo da fé." Ninguém como êle soube provàvelmente definir com mais precisão o traço dominante de tôda a obra de Pär Lagerkvist: essa angústia metafísica jamais aplacada que transparece em seus primeiros versos e em sua prosa mais recente. Não foi êle próprio a definir-se a si mesmo, ainda rapaz, como "um crente sem fé, um ateu imbuído de religião"?

Lucien Maury, que poucos anos mais tarde acompanharia seu grande amigo Gide ao túmulo, escrevendo em *Le Monde* a propósito da atribuição do Prêmio Nobel ao autor de *Barrabás*, chega à seguinte conclusão: "Se a literatura universal, naquilo que tem de mais autêntico, é essencialmente o estudo incessantemente retomado, aprofundado e agravado do homem, de seu destino e de seu irremediável infortúnio, Pär Lagerkvist deve figurar na primeira fileira dos acusadores, e poderia considerar-se um dos mais temíveis dentre êles, não fôsse êle ao mesmo tempo o intérprete mais sensível às emoções singelas,

à revelação das criaturas simples, à religião do senso poético... Escrevesse êle em idioma mais accessível ao Ocidente, e seria aclamado como um dos mentores de nossa época, um profeta do incerto futuro. Entretanto, êle não aspira a ser senão o mais modesto e o mais íntimo dos poetas — o mais ilustre de tôda a Escandinávia."

O jornal *Le Figaro* estampou um belo retrato do nôvo laureado e dedicou-lhe a crônica de sua fôlha de rosto, onde o autor destas linhas procurou demonstrar suas afinidades com certas correntes modernas da vida artística e literária em França. Em *Le Figaro Littéraire*, a propósito de *Barrabás*, assinala André Rousseaux que "essa contemplação meditativa do destino do homem encontra uma de suas mais notáveis expressões no livro de Pär Lagerkvist". Compara a história do malfeitor liberado por Pilatos em lugar de Jesus a outras narrativas romanceadas dedicadas a personagens bíblicos da mesma época: "Quem não se recorda de *O Procurador da Judéia*? Mas, entre a narrativa de Anatole France e a novela que Pär Lagerkvist criou em tôrno do personagem de Barrabás, a distância é infinita: não se trata mais de um divertimento de literato, e sim de um romance cuja vida intensa se transmite às nossas próprias vidas e aos problemas de cada um."

Tanto êsse periódico quanto *Les Nouvelles Littéraires*, onde a apresentação do homenageado foi confiada a François Régis Bastide, e ainda diversas publicações mensais, difundiram contos seus na íntegra e extensos trechos de outras obras de sua autoria. A popularidade de Pär Lagerkvist manteve-se, independentemente das modas variáveis do momento, de tal sorte que a parte essencial de sua obra em prosa se encontra presentemente traduzida não apenas em francês, mas em aproximadamente uns trinta idiomas mais.

No mundo anglo-saxônico das duas margens do Atlântico, os comentários foram sobretudo de pesar pelo desconhecimento

quase total de um laureado aparentemente digno de ser tido em alta conta, tanto mais quanto, desde que se precisara a ameaça, no início da década dos 30, soubera tomar resolutamente o partido certo no conflito que fazia defrontar-se a velha civilização ocidental com a nova onda de barbárie que se desencadeava da Alemanha hitlerista e de seus acólitos orientais. Não obstante, o *Times* assinala que "suas obras são de difícil leitura e jamais se constituíram em *best-sellers*, nem alcançaram grandes oportunidades de tradução em outros idiomas, à exceção de *Barrabás*" — cujo bem merecido sucesso, alcançado tanto em França quanto nos Estados Unidos da América, o importante órgão da imprensa londrina não pode furtar-se a reconhecer.

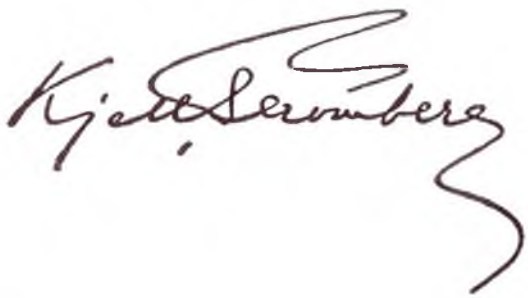
Fiel às normas que a si mesmo se impusera, ao longo de tôda a sua carreira literária, Pär Lagerkvist, assediado pelos representantes da imprensa em sua casinha coberta de neve dos arredores de Estocolmo, recusou-se obstinadamente a comentar a decisão de seus colegas, que iria fazer dêle, que até então se considerara "hóspede da realidade" — é o título de sua única obra autobiográfica — um hóspede de honra dessa mesma realidade até então considerada quase inóspita, para nos servirmos de um trocadilho que um grande periódico sueco utilizou na ocasião. Entretanto, deixou-se êle fotografar exaustivamente, e amàvelmente ofereceu um copo de vinho do Pôrto aos presentes. Que a imprensa sueca exultasse, era mais que natural; no que ela se enganou, foi quando previu que — como acontecera em casos semelhantes — a escolha do nôvo laureado seria acolhida com menos agrado no estrangeiro.

Do discurso de Österling por ocasião da entrega do Prêmio, já tive ocasião de citar alguns trechos, destinados — se assim se pode dizer — a fazer perdoar à Academia o seu gesto generoso para com um de seus membros. Convém recor-

dar que tal deliberação só fôra tomada após o exame de propostas merecedoras de tôda a atenção, provenientes do estrangeiro, e não por iniciativa própria. Todavia, o secretário perpétuo da Academia encontra palavras de uma sobriedade exemplar para fazer compreender ao laureado presente — de casaca e sem condecorações — o quanto lhe foi grata a incumbência de, falando em nome de seus colegas, prestar essa homenagem a uma obra literária nacional que soubera, graças às suas extraordinárias qualidades, conquistar um público europeu.

No decorrer do banquete, realizado na Prefeitura e presidido pelo Rei, que se seguia, como de hábito, à cerimônia do Palácio dos Concertos, Pär Lagerkvist, visìvelmente emocionado sob a moldura de sua imponente cabeleira branca, agradeceu à Academia sueca a distinção que lhe fôra prestada, com a mesma simplicidade de gestos e de palavras: "A honra é tão elevada que na realidade obriga-me a perguntar-me se foi merecida. Esta é, porém, uma pergunta que não ousei fazer a mim mesmo. Felizmente, a decisão foi tomada à minha revelia, e tenho a grata convicção de não ter nela a menor parcela de responsabilidade. Essa responsabilidade recai totalmente sôbre os ombros de meus caros e eminentes colegas — motivo a mais para que eu lhes seja eternamente reconhecido." Mas se a elegante assistência contava com um discurso-programa, do tipo com que, ao longo dos anos, a vinham presenteando a maioria dos laureados em literatura, ela não tardou a sentir-se decepcionada, porquanto Pär Lagerkvist — a exemplo do que fizera Selma Lagerlöf — limitou-se a ler as páginas iniciais de um conto inédito intitulado *O mito da humanidade*, versando, segundo suas próprias palavras, "sôbre o mistério de nosso ser e de nossa existência, sôbre êsse imponderável que faz do nosso destino uma tão grande aventura — e uma tão árdua provação".

Foi esta a primeira e única aparição de Pär Lagerkvist em público como orador, se excetuarmos seu discurso de recepção na Academia sueca; outrossim, o Prêmio Nobel constituiu — à parte um título de doutor *honoris causa* e o Grande Prêmio literário da Cidade de Paris, que lhe foi concedido em 1956 — a única distinção oficial que êle concordou jamais em receber.



Tradução de Maria Helena Senise

DISCURSO DE RECEPÇÃO

PRONUNCIADO POR

ANDERS ÖSTERLING
Secretário Perpétuo da Academia Sueca

POR OCASIÃO DA ENTREGA DO

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

A

PÄR LAGERKVIST

NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1951

Sire

Excelências,

Minhas senhoras,

Meus senhores,

Em um depoimento de juventude prestado em 1913 e intitulado A arte das palavras e a arte da imagem, *um escritor cujo nome, Pär Lagerkvist, era então desconhecido, empenhava-se em crítica audaciosa à literatura decadente de nossa época, literatura que, no seu entender, não correspondia às qualidades que normalmente se poderia esperar dela. Dêsse texto é possível isolar-se certos postulados que, em razão de seu enunciado por demais categórico, se avizinham perigosamente dos truísmos, mas que, examinados à luz da obra posteriormente consumada, adquirem um significado diverso, um sentido mais profundo. Assim é que o jovem escritor proclamava: "A missão do escritor consiste em explicar sua época como artista e em comunicar-nos, a nós e às gerações por vir, a expressão artística do que representam o pensamento e o sentimento dessa época." Julgamo-nos autorizados a afirmar agora que Lagerkvist êle próprio, tal como nos é permitido acompanhá-lo em sua marcha ascendente em direção à maturidade e à glória, preenche amplamente êsse requisito.*

Na ocasião em que se cogita de focalizar as atenções sôbre êsse escritor sueco, não para apresentá-lo de maneira geral — apresentação mais que supérflua em seu caso — mas para prestar à sua obra e à sua pessoa a homenagem a que têm direito, o que chama a atenção é talvez acima de tudo a gravidade apaixonada e irrestrita, o idealismo ardente e incorruptível, que constituíram as fôrças vivas das quais brotou sua obra. Estamos seguros de não nos enganar quando sustentamos que Pär Lagerkvist, em razão de seus atributos meramente espirituais, deve corresponder com bastante propriedade, pelo menos como tipo de espírito criador, àquilo que Nobel pretendeu definir nos têrmos sibilinos de seu testamento: "em um sentido idealista". Êle faz parte, inegàvelmente, daquele grupo de escritores que, corajosamente e sem rodeios, se dedicaram às questões vitais da humanidade, debruçando-se incansàvelmente sôbre os problemas fundamentais de nossa existência, com tudo aquilo que encerram de opressivo e de pungente. À época em que lhe foi dado viver e cuja contextura determinou sua vocação era toldada por nuvens ameaçadoras e assolada por tormentas que já se anunciavam devastadoras. Foi nesse cenário sombrio e caótico que êle iniciou sua luta, e foi nessa paisagem desolada que descobriu a chama de sua inspiração.

Existia em Lagerkvist um instinto precoce da imaginação, capaz de fazê-lo pressentir com alarma a aproximação da desgraça, com tanta antecedência que é possível adivinhar nêle o precursor da angústia na literatura nórdica; não obstante, é também um dos mais vigilantes guardiães do fogo sagrado do espírito que ameaçava extinguir-se na tormenta. Grande número daqueles que me ouvem recordarão certamente aquela breve narrativa dos Contos Cruéis *de Lagerkvist onde se descreve o passeio de um menino de dez anos, em um dia luminoso de primavera, acompanhado pelo pai, ao longo da via férrea; juntos, prestam ouvidos ao canto dos pássaros na floresta, e*

depois, no trajeto de volta, já em plenas trevas, vêem-se bruscamente surpreendidos pela inesperada aproximação do trem, que avança na escuridão. "Pressenti então vagamente o que aquilo significava: era a angústia que se aproximava, o desconhecido, tudo aquilo que meu pai ignorava e de que não estava em condições de defender-me. Eis aí a imagem do que seria o mundo, do que seria a vida para mim: nada que se assemelhasse à vida de meu pai, onde tudo era tranqüilo e bem ordenado. Não se tratava de um mundo verdadeiro, de uma vida autêntica. Era apenas algo de inflamado que se projetava na imensidão da obscuridade sem limites." Esta recordação de infância aparece-nos agora como que simbolizando a concepção que domina a produção de Pär Lagerkvist, e ao mesmo tempo, ousamos dizer, ela vem provar que as obras que se seguiram eram lògicamente necessárias.

Torna-se impossível, em face da exigüidade do tempo disponível, examinar separadamente cada uma dessas obras. O importante é que Pär Lagerkvist se tenha utilizado de gêneros diferentes e que, seja como autor dramático ou lírico, épico ou satírico, sua maneira de captar a realidade permanece fundamentalmente a mesma. O fato de que os resultados nem sempre correspondam às elevadas intenções que êle se propôe, não assume, no seu caso, importância decisiva, porquanto cada uma dessas obras figura como uma pedra do edifício que êle se propôs levantar, representa uma facêta da missão que êle se impôs, missão essa que, ainda e sempre, tem por objeto um único tema: a miséria e a grandeza de tudo o que é humano, a escravidão a que condenam, a um só tempo, a vida terrestre e a luta heróica do espírito pela própria libertação. Eis o motivo central de tôdas as obras cujos títulos desejamos aqui recordar: Hóspede da Realidade, Cânticos do Coração, Aquêle que Recomeçou a Viver, O Anão, Barrabás. *É inútil citar outros para fornecer uma idéia do alcance da inspiração de Lagerkvist, da fôrça do seu gênio.*

Um dos peritos estrangeiros que, por ocasião do cinqüentenário da Fundação Nobel, se deixou tentar pela tarefa, bastante ingrata e inoportuna, de criticar a seqüência histórica dos laureados com o Prêmio, apresentou dois critérios que lhe pareciam igualmente importantes: de um lado o valor artístico da obra, de outro a repercussão internacional alcançada pela mesma. No que concerne ao segundo quesito, cumpre objetar de imediato que aquêles que escrevem em idioma pouco difundido devem encontrar-se forçosamente em situação desvantajosa. É extremamente raro, por exemplo, que um escritor nórdico possa consolidar uma reputação junto a um público internacional, em razão do que torna-se particularmente delicado formar um juízo correto sôbre êsse aspecto da candidatura. Não obstante, o testamento de Nobel prescreve explicitamente que os Prêmios serão outorgados "sem qualquer consideração de nacionalidade, de tal sorte que sejam conferidos ao mais merecedor, seja êle escandinavo ou não". Isto deve significar outrossim que, se um escritor impõe-se como merecedor do Prêmio Nobel, o fato de ser sueco, por exemplo, por si só não deve impedi-lo de obtê-lo. No que diz respeito a Pär Lagerkvist, intervém outro fator de que todos nos rejubilamos, a saber, que sua obra mais recente tenha podido granjear tanta simpatia e admiração para além de nossas fronteiras. Em confirmação dêsse fato podemos citar as diferentes propostas em que sua candidatura vem apoiada em maioria e com empenho por entidades estrangeiras. Assim sendo, não será possível pretender que o Prêmio tenha partido de iniciativa interna da própria Academia. O fato de que a interpretação emocionante dos conflitos íntimos de Barrabás tenha obtido tão grande repercussão, inclusive em idiomas estrangeiros, vem patentear sobejamente o caráter inegàvelmente genial desta obra, tanto mas quanto ela é vazada em estilo original e até certo ponto intraduzível. Com efeito, no idioma a um tempo áspero e sensível, os compatriotas de Lagerkvist acreditam com freqüência ouvir os ecos do folclore de Smâland repercutir sob a abóbada estrelada da lenda bíblica; o que serve para nos fazer recordar,

uma vez mais, que o particularismo regional pode transformar-se não raro em algo de universal e acessível a todos.

Em cada página da obra de Pär Lagerkvist recolhemos palavras e idéias que abrigam, no mais íntimo de sua pureza, em sua ternura profunda e tímida, uma mensagem da terra, e que mergulham suas raízes numa vida campestre simples, laboriosa e comedida em palavras. Todavia, essas mesmas palavras e idéias, manejadas por um mestre, foram colocadas a serviço de outros desígnios, assumiram um maior alcance, qual seja o de oferecer, no plano da arte, uma explicação do tempo, do mundo, da condição eterna do homem. Eis aí porque, na exposição dos motivos da atribuição do Prêmio Nobel a Pär Lagerkvist, se nos afigurou justo afirmar que essa produção literária nacional deve considerar-se alçada ao plano europeu.

Doutor Lagerkvist,

Nós que vos temos acompanhado de perto, sabemos quanto vos desagrada ser colocado sob o foco dos refletores. Mas, uma vez que no momento isso parece inevitável, rogo-vos apenas crer na sinceridade de nossas felicitações no instante em que ides receber esta recompensa que, no nosso entender, merecestes mais que qualquer outro nome de nossa época. Fui forçado pelas circunstâncias a fazer o vosso panegírico em vossa presença. Mas, se a ocasião fôsse menos solene, eu me veria tentado a dizer-vos com tôda simplicidade, à velha e cordial maneira sueca: "Que isso vos traga sorte!"

E agora, resta-me pedir que vos aproximeis para receber das mãos de nosso soberano o Prêmio Nobel de Literatura de 1951.

Tradução de Maria Helena Senise

VIDA
E OBRA

DE

PÄR LAGERKVIST

POR

ERIK HJALMAR LINDER

PÄR LAGERKVIST

As fotografias conhecidas de Pär Lagerkvist são pouco numerosas, porém singularmente expressivas. Uma das mais belas foi tomada ao ar livre, em plena natureza, contra um cenário de rochas, num local árido da costa ocidental da Suécia. Os cabelos brancos formam como que uma nuvem em tôrno da cabeça imponente, nuvem essa que se repete, dessa vez ao natural, em segundo plano, por sôbre as montanhas, numa cortina espêssa que a luz só a custo consegue romper.

Linhas gerais

A imagem literária de Pär Lagerkvist, seu perfil espiritual e seu mundo íntimo parecem estar configurados nessa fotografia. Em sua obra, a vida na terra é representada como algo de simples e de árido, e, por sôbre as cabeças dos homens, o céu forma uma abóbada impenetrável aos olhares; entretanto, através das nuvens, filtra-se uma luz misteriosa.

A conseqüência a um tempo lógica e insólita de sua obra foi tornar expressiva sua fisionomia. A êsse respeito, com

razão se pode falar em caráter e em originalidade. Tôda a vida do poeta se desenrolou em tôrno de um tema único: o mistério de ser homem, a mesquinhez e a sublimidade da existência humana. Compraz-se em descrever sua experiência servindo-se de violentos contrastes: o mesquinho é caracterizado em imagens de desprêzo e brutalidade, o sublime é traduzido em esforços de um heroísmo infinito ou ainda numa bondade tranqüila e igualmente infinita. No que respeita à forma, persegue um único objetivo: a simplicidade, atitude que em sua juventude já contribuíra para criar o estilo um tanto ingênuo que o caracteriza. Sua linguagem permanece sempre muito próxima do conto e da lenda.

Em sua vida particular, Pär Lagerkvist buscou e conseguiu um isolamento, uma tranqüilidade ativa, uma concentração exclusiva no trabalho, que raramente nos é dado presenciar e que só uma forte determinação é capaz de realizar com êxito. Jamais concedeu entrevistas e só a custo permitiu aos historiadores da literatura transporem os umbrais de sua porta. Quando, em 1940, foi eleito membro da Academia Sueca, sua vida particular era quase totalmente desconhecida de seus compatriotas. Desde então, a publicação de certas fotografias na imprensa diária e o comparecimento a algumas sessões oficiais da Academia forneceram matéria para notícias em jornais e para um certo número de comentários. Na realidade, porém, foi só através de suas obras que êle soube verdadeiramente exprimir-se.

Quando, já na idade avançada, Pär Lagerkvist se tornou objeto de um crescente interêsse, simultâneamente na Europa e na América, não se tratava apenas da curiosidade que um detentor do Prêmio Nobel costuma despertar entre o público em geral. Com o passar dos anos foi-se manifestando com maior clareza até que ponto êle era um intérprete lúcido de sua época — de nossa época —, surgindo nessa qualidade no momento oportuno. Presentemente, a um simples

olhar em tôrno logrará encontrar afinidades espirituais entre representantes de gerações dezenas de anos mais jovens. Não sem razão poderia Pär Lagerkvist ter sido chamado de existencialista muito tempo antes de Sartre, notadamente a partir de 1920. Não obstante, como dramaturgo, poderia também, na mesma época, ter-se enquadrado na qualificação de "absurdo". A excentricidade de sua vida, sua repugnância em submeter-se aos padrões ditados pela imagem que dêle nos fazemos pelos imperativos da razão humana, constituem sua experiência máxima cuja expressão simbólica e grotesca êle mesmo retransmite em suas peças em um ato.

Na peça *O Segrêdo do Céu*, o cenário representa um setor de esfera e curiosos personagens empenham-se em diferentes afazeres. No último plano, pode-se ver um ancião ocupado em serrar madeira; no primeiro plano, um gigante vestindo um suéter vermelho entretém-se em cortar a cabeça de bonecas. Assistindo à peça, um espectador moderno refletiria com inteira justiça: "É como se fôsse um Beckett, trinta anos antes de Beckett aparecer!"

É inegável que a comparação servirá, em certa medida, para explicar a atualidade do autor. Salta aos olhos, porém, que Pär Lagerkvist, nascido em 1891, pertence, no que concerne à história da literatura, a uma época mais antiga — a sua própria. Na qualidade de jovem herdeiro do simbolismo e sèriamente precavido no que concerne à estreiteza de vistas do realismo, esforçou-se incessantemente por permutá-lo por formas de expressão modernista ainda não experimentadas, logrando um êxito absoluto.

Cenário de infância. Anos de juventude

Pär Lagerkvist nasceu na antiga cidade episcopal de Växjö, na província de Smâland. Seu pai era ferroviário;

os avós maternos, fazendeiros; o lar era simples, desprovido de qualquer formação intelectual e cultural. Contudo, mostrava-se profundamente impregnado de uma religiosidade hereditária e popular que já representava, em seu gênero, uma sobrevivência de outras épocas, embora não constituísse fato insólito na vida camponesa sueca, marcada há quatrocentos anos pelo protestantismo luterano e que, a partir do século XIX, entrara em contato com os movimentos de renascimento religioso animados de um interêsse renovado pela leitura da Bíblia.

Do cenário onde se desenrolou sua juventude, fornece Lagerkvist uma imagem bastante fiel em uma de suas melhores obras, *Hóspede da Realidade* (1925). Relata como um rapaz sensível e original, vivendo em um meio primitivo, atravessa suas primeiras e amargas experiências da vida, e de que maneira um jovem individualista logra escapar a uma ordem social coletivista, ultrapassada e irresponsável.

Nesse ambiente evoluem o pai, de características pouco marcantes, enquanto em compensação a mãe, criatura pálida e tranqüila, ostenta uma auréola de santidade em tôrno de sua figura um tanto retraída:

"Era loura, de olhos claros, cinza-azulados, e cabelos finos separados em bandós. Não é raro ver-se pessoas que têm um ar diáfano, mas ela era do tipo em que a iluminação vem do interior... Sua pessoa nada tinha de irreal ou de maravilhoso: movimentava-se pela casa, cuidava da cozinha, conversava com as crianças, lavava a louça e a roupa, passava a ferro... Nada de muito extraordinário. À noitinha, sentava-se para ler a Bíblia ou os Salmos, não em voz alta, mas murmurando para si mesma. Nesses momentos, aparecia pálida e como que desamparada, sob o reflexo da lâmpada; seus lábios finos tremiam. Nada apresentava, contudo, de

muito extraordinário — nada além disso. Para uma pessoa como ela, era o suficiente."

A leitura da Bíblia no lar e em casa do avô materno, no campo, emprestam à obra um caráter grave e quase tenebroso. O lar familiar surge como um oásis de calma, um mundo isolado em meio a uma existência que, sem êle, seria penosa. A família ocupa alguns cômodos e a cozinha de um prédio semelhante a um castelo, situado próximo à estação da estrada de ferro. No andar térreo funciona um restaurante intensamente movimentado; pelas janelas descortina-se o vaivém incessante dos trens. O ambiente é de contínua agitação.

É contra êsse mesmo ambiente de infância, ao qual se mostra apegado, que Pär Lagerkvist irá revoltar-se, para finalmente abandoná-lo. O jovem herói do livro, retratado em traços íntimos e patéticos, é a imagem do próprio Pär, enquanto criança e depois rapaz, atendendo pelo nome de Anders: menino solitário e melancólico, ocupado em brincadeiras aparentemente extrovertidas, perseguido por um pavor irracional da morte e, em razão dêsse próprio temor, vítima de um egocentrismo quase extático. Na floresta encontra-se uma pedra de grandes dimensões, uma "pedra de orações" (*bönesten*), sôbre a qual Anders, cercado do maior sigilo, cumpre suas devoções com o máximo de rigor; junto a essa mesma pedra encontrará, mais tarde, uma espécie de consolação, até a idade em que, já freqüentando o ginásio, perde completamente a fé. Todavia, essas práticas secretas, essa solidão não o impedem de alimentar pelos que lhe são próximos, e sobretudo pela mãe, uma afeição profunda.

Na cidade de Växjö imperava um ambiente conservador, pequeno-burguês e de tradições religiosas bem definidas onde a maioria das inovações no terreno espiritual eram desconhecidas. Assim sendo, as idéias novas — sob a

forma de oposição à sociedade e à religião — produziam um impacto bem mais violento ao apresentar-se. Pär Lagerkvist, ainda ginasiano, proclamava seu radicalismo ostentando, à maneira dos socialistas da época, chapéu de abas largas e gravata de laço frouxo, e freqüentava uma roda de opiniões avançadas cognominada o Círculo Vermelho. Admirava Strindberg e simpatizava com os movimentos operários. Influenciado pelos radicais, adotava uma atitude crítica para com o cristianismo da família.

Em seu *Hóspede da Realidade* refere-se à "nova doutrina", que "afastava definitivamente Deus e tôda a esperança, que deixava a vida a descoberto em sua nudez brutal, em tôda sua sistemática absurdidade..." Não obstante, essa doutrina apresentava-se como um auxílio, como um esfôrço em direção ao bem. Um bem verdadeiro, afirmava. Não uma crença qualquer — apenas aquilo que realmente existe. Essa "nova doutrina" contava já a seu favor com um meio século no mínimo: tratava-se do darwinismo. A especulação científica da época não esperava — como o fazia o pensamento cristão — por um reino celestial, e sim pela desaparição do universo, provocada por um enregelamento final; era uma imagem futurista que marcava profundamente a imaginação do rapaz. Dêsse conflito entre o calor da fé e a frieza positiva da "nova doutrina" nasceu — se é possível utilizar-se essa expressão — o existencialismo individual de Pär Lagerkvist, caracterizado pela curiosidade que ao longo de tôda a vida revelou pelo "significado" da vida, pela polêmica travada com a fé, considerada como absurda — não obstante sua nostalgia da fé —, pela apresentação que faz dos crentes como sendo a riqueza suprema da terra.

Em 1910, ao ingressar na categoria de estudante, Pär Lagerkvist adquire consciência nítida de sua vocação literária. Durante um determinado período, estudara história da arte na Universidade de Upsala, ao mesmo tempo que cola-

borava eventualmente em revistas radicais, através de poemas ou de críticas que testemunhavam sua veneração e sua admiração por Dostoïevski.

No entanto, num determinado dia do outono de 1913 abandona repentinamente os historiadores de arte de Upsala e suas excursões através das igrejas medievais da província de Upland. Com pouco dinheiro no bôlso, parte assim mesmo rumo a Paris. Nessa época, publicara já duas pequenas coletâneas de contos, mas sentia-se provàvelmente indeciso quanto ao caminho artístico a escolher. Sôbre a primeira dessas obras, um crítico sueco observou que continha 1.200 palavras e 12.000 reticências.

Manifesto

A viagem a Paris representa uma brusca ruptura nas novelas impressionistas pontilhadas de reticências. O jovem estudante viu-se inopinada e proveitosamente defrontado com a pintura da época — 1913 —, com razão considerada a arte mais expressiva do momento. Como se processou êsse contato, êle mesmo não sabe dizer, embora seja certo que Gertrude Stein exibiu sua numerosa coleção de quadros ao jovem de 22 anos. Outro acontecimento marcante foi a revelação do cubismo de Picasso, recém-surgido. Não é de estranhar também que tenha passado dias e semanas inteiras no Louvre. Logo depois de terminado o ano de 1913, após o regresso à Suécia, publicou o manifesto *Arte da palavra e arte da imagem. Sôbre a decadência da literatura moderna. Sôbre a vitalidade da arte moderna,* no qual compara o realismo inibido da literatura contemporânea à realidade atrevida e intensamente estilizada que a escultura procura exprimir ou recriar. Apreciada segundo o critério da época, essa pequena publicação constituiu até certo ponto uma profissão de fé

literária modernista. Pär Lagerkvist manifesta ali sua simpatia por quantos buscam a "poesia pura", zomba do naturalismo mesquinho, reivindicando a seriedade, o rigor, o intelectualismo, mas ao mesmo tempo recorre à arte dos primitivos como símbolo de um sentimento mais profundo com relação à "realidade" do que a civilização contemporânea européia era capaz de exprimir, a maior parte do tempo. Menciona outrossim os documentos religiosos clássicos do povo — o *Antigo Testamento*, os hinos do *Rig-Veda*, o Corão — manifestando o desejo de que os planos monumentais dessas obras, sua estrutura rigorosa, sua linguagem despojada, sejam tomados como modêlo. Refere-se ainda à *Edda* e às sagas irlandesas, ao direito consuetudinário medieval e às canções populares da Suécia, e bem assim à epopéia do povo finlandês, o *Kalevala*. Em todos os casos, proclama, a obra literária, à semelhança das melhores realizações da arte plástica, deve comportar uma estrutura organizada e consciente de sua finalidade. Como protótipos, cita Poe e Flaubert, mas refere-se também à "profunda consciência artística" existente em Baudelaire e revelada nos seus "Pequenos poemas em prosa".

Aquilo que o jovem pretendia alcançar aparecia então nìtidamente demarcado: simplificação, grandeza na seleção do tema, plenitude do símbolo de expressão, "construtividade". Poder-se-ia dizer outrossim: um maior idealismo na concepção da obra de arte e de sua missão. A êsse respeito, Pär Lagerkvist permanece doravante fiel ao programa que êle mesmo traçou para seu uso, inclusive depois que sua ascensão artística assume um caráter distinto.

Entrementes, duas obras logram ilustrar os postulados do seu manifesto. Para começar, uma antologia de poemas em verso e em prosa, publicada sob o título de *Motivos* (1914), onde certos efeitos de extrema brutalidade contrastam de maneira singular com hinos e orações religiosas; em

segundo lugar, um livro de novelas, *Armas e Homens* (1915), em que aborda o tema da guerra mundial recentemente desencadeada. O aço das armas forma aí um contraste estético com a vida e a carne humanas, "quase como nos quadros de Léger e de Picasso", como observou a respeito um crítico sueco.

Os anos da guerra, viveu-os Pär Lagerkvist na Dinamarca, onde estudou, entre outros, os problemas do teatro. Casou-se com uma dinamarquesa; no entanto, alguns anos mais tarde essa união desfazia-se, e êle tornava a casar-se após o regresso à Suécia. Na primavera de 1919, colaborava no *Svenska Dagbladet*, de Estocolmo, como crítico teatral, e concomitantemente participava, por diversas vêzes, de debates sôbre teatro. Outrossim, sua obra intitulada *Teatro* (1918) deixa patente sua intenção de combater o naturalismo e, para começar, o teatro naturalista; nesse intuito, chamava a atenção para a produção tardia, orientada para o simbolismo, de Strindberg, e zombava do atraso do drama ibseniano na arte da ilusão, restrito a "um pisotear silencioso sôbre tapêtes fofos ao longo de cinco longos atos recheados de palavras, palavras, palavras"... Tal como ocorre no teatro medieval, diálogo e poesia lírica devem encadear-se livremente com meios cênicos de invenção e de organização. "Nossa época", escreve, "é, por sua falta de equilíbrio e sua heterogeneidade, barrôca e fantástica, muito mais fantástica do que o naturalismo seria capaz de descrevê-lo. Nós deveríamos chegar a poder exprimir de alguma forma a angústia com que a vida, ao mesmo tempo que nos rejeita, não cessa de oprimir-nos. Ver tudo o que somos obrigados a ver, tudo o que há de insensato na imagem, o que é incoerente e contraditório, ver as profundas dissonâncias e as ilusões caricatas"... Strindberg, observa Lagerkvist, conhecia a necessidade da qual surgira o simbolismo, sem contudo desgarrar-se em suas brumas. Conservava, a despeito de tudo, uma apreciação naturalista dos fatos, criando assim uma fórmula pessoal da qual

podemos extrair lições essenciais. A característica de Pär Lagerkvist, como escritor, seria precisamente uma associação de objetivos simbólicos e de um golpe de vista certeiro no que concerne ao detalhe naturalista.

Por essa época — início da década dos 20 — Pär Lagerkvist instalava-se em Estocolmo, e posteriormente no subúrbio de Lidingö, onde passou o resto de sua vida, como escritor livre e disposto a permitir à sua obra falar por si mesma.

O surto expressionista

A plenitude da fôrça poética de Pär Lagerkvist não se revelou senão com a coletânea de poemas intitulada *Angústia* (1916). Não se tratava de uma obra "construtiva", bem concebida segundo o espírito do cubismo. O volume reunia os primeiros poemas expressionistas até então editados na Suécia. Por expressionismo entende-se que as rupturas e as distorções da forma devem corresponder à agitação mal contida dos sentimentos. Não se deve buscar, no entanto, qualquer relação com as tentativas realizadas, na mesma época e dentro do mesmo espírito, na Alemanha; de um modo geral, o interêsse de Lagerkvist pela vida cultural alemã parece ter sido sempre muito reduzido. Seu centro de gravidade intelectual está situado mais próximo dos latinos: na França e na Itália.

O poeta descambara visìvelmente para uma crise íntima de extrema intensidade, e, em decorrência, as teorias haviam sido momentâneamente relegadas em favor de um sentimento violento. "A angústia é o quinhão que me coube por herança, a chaga que me oprime a garganta, o brado do meu coração aqui na terra." Por outro lado, a guerra e suas atrocidades — entrevistas à distância — são apresentadas como fatôres determinantes do sentimento que impregna a obra, da qual numerosos trechos parecem diretamente inspirados em expe-

riências pessoais. Os poemas em prosa descrevem pesadelos e fornecem uma imagem do indivíduo que parece reunir uma total aversão — cuja intensidade faz pensar em Jonathan Swift — a uma admiração cheia de reservas.

Não obstante, no correr da leitura, o sentimento atenua-se. Uma aventura amorosa gera uma ternura hesitante. Para essa disposição conciliatória do poeta contribuem sua percepção da posição crítica do homem, e antes de tudo sua capacidade de crer e de orar. O poema *Ao Exército da Salvação* descreve com delicadeza como uma criatura insignificante vestindo o modesto uniforme cinzento "vai ao encontro de Deus" e se eleva "com tôda a comodidade até as estrêlas suspensas".

Será lícito presumir-se que os sentimentos de angústia, à semelhança dos contrastes violentos entre a brandura e o desprêzo, não repousam exclusivamente sôbre alguma crise íntima ocasional ou sôbre o pavor da guerra; sua origem deve ser buscada em alguma particularidade essencial da natureza do poeta. Êles correspondem também às suas intenções ou ao seu instinto de artista, e reviverão sob uma forma semelhante em diferentes ocasiões e muitos anos mais tarde. No que diz respeito ao tema, o livro parece transbordar de juventude, com tôdas as nuanças que a condição comporta: um profundo respeito pela piedade aliado a uma fascinação irritada pela doutrina da evolução, o desprêzo pelos homens associados ao respeito por êles.

Dessa classe de concepções e dêsse estado de espírito nasceram quatro peças de um ato. Uma delas intitula-se *O Último Homem* (1917) e propõe a hipótese do fim do mundo provocado pelo enfraquecimento da Terra. Nessa situação de desespêro, os sêres humanos se deixam empolgar pela luta pela vida; a peça oferece uma imagem grotesca e escandalosa das paixões desencadeadas pela coabitação entre os homens, a par de alguns raros instantes de boa vontade. As três

outras peças foram reunidas sob o título de *O Momento Difícil*: tôdas três descrevem a existência que começa depois da morte. Em uma delas, um indivíduo egoísta dá entrada no reino dos mortos logo em seguida a um acidente ferroviário; encontra aí um de seus melhores amigos, a quem no correr da vida lesara gravemente; o diálogo entre êles é angustiante, embora não de todo destituído de aspectos cômicos. Outra peça ainda descreve o reino da morte como um mundo sem contornos, sem plano definido — tentativa arrojada para simbolizar o caráter imponderável e ilusório da morte. Ao levantar da cortina, um menino carregando uma vela consumida até o meio atravessa a cena, de tal forma que parece pairar no ar, tendo apenas o rosto iluminado. A primeira réplica é pronunciada por uma voz idosa e enrouquecida, que surge das trevas ao fundo:

— Olá, quem és tu?

O MENINO *(parando e fazendo meia-volta)*: — Sou apenas um pobre menino...

O VELHO *(murmurando, ao fundo, algo para si mesmo)*: — Onde vais, afinal?

O MENINO *(desesperado)*: — Não sei, não sei... Onde posso encontrar um caminho?

O VELHO: — Hum, isso você não pode saber, é claro... Ha-ha.

O que aqui se quer representar é a descoberta, pela criança, da morte, da insensibilidade e da brutalidade da vida. O menino empenhado em sua busca não encontra um peito amigo onde recostar a cabeça, senão apenas um frio cósmico onde habitam os mortos, que por seu turno se perseguem mùtuamente; a avó materna que outrora lhe oferecia doces surge agora sob o aspecto de uma bruxa gargalhante. Êsse universo onde é possível movimentar-se em tôdas as direções

e onde não existe altura nem profundidade, pode fazer evocar as visões infernais de Dante, mas pode também aplicar-se ao mundo moderno das idéias onde tudo é relativo e onde o homem busca em vão um solo firme onde pousar os pés. O que distingue o diálogo dos dramas "absurdos" da década dos 50 é acima de tudo a queixa, a nostalgia que é possível adivinhar-se por trás das palavras indiferentes ou distraídas. É a êsse grupo de dramas, contudo, que pertence *O Segrêdo do Céu* (1919). A tentativa de representar um reinado da morte sem contornos definidos seria retomada em obra posterior e nìtidamente mais conciliatória, o conto *O Sorriso Eterno.*

Os três grandes períodos

Pär Lagerkvist contava apenas vinte e cinco anos quando publicou *Angústia;* dois anos mais tarde, já entregava os originais de *A Hora Difícil.* A contar dessa estréia, original e importante pelas conseqüências que acarreta, sua produção pode repartir-se em três fases completamente distintas, que passaremos brevemente em revista. Na primeira, vê-se a braços com o problema do "significado", ora mergulhado na resignação ou em uma relativa felicidade, ora na revolta e no desespêro. Vive à procura de novos meios destinados a elucidar a situação especial do homem, a qual exige um significado que êle se confessa incapaz de encontrar.

Na segunda, que coincide pràticamente com a década dos 30 e com a Segunda Guerra Mundial, e conseqüente formação do Estado hitlerista ao sul das fronteiras da Suécia, vemos Pär Lagerkvist empenhar-se numa luta ideológica das mais acirradas. O escritor, que já há tempos demonstra possuir uma noção apurada da brutalidade da existência, passa a descrever a participação imemorial do mal — sob a forma do *Bolden* (carrasco) — na história do gênero humano, fornecendo si-

multâneamente a fórmula de um "humanismo militante" a ser mobilizado para lutar contra o domínio dêsse mal. Eis porque, durante um certo período, êle passa a figurar entre os escritores que, na Suécia, eram apelidados *beredskapsdiktare* (autores que militavam contra o nazismo): com efeito, durante a Segunda Guerra Mundial, sua voz se levantou sempre em defesa do lar e do país, dos valôres humanos ameaçados, e dos países nórdicos considerados como um dos baluartes restantes sôbre a terra.

A terceira fase, que, *grosso modo*, abrange a década de 1950 a 1960, não é a menos notável: ela denota uma renovação dos dons poéticos do autor. O poeta lírico e dramático que, até então, não editara senão para consumo interno uma prosa simbólica ou quando muito satírica, publica uma série de romances abrangendo temas históricos ou lendários, que pela primeira vez abriu caminho à sua obra com vistas a uma audiência mais vasta; foi êsse esfôrço, encabeçado por *Barrabás*, que o tornou conhecido e apreciado sèriamente fora das fronteiras escandinavas. Neste momento, caminhando dos 60 para os 70 anos, volta-se êle para as questões angustiantes de sua juventude, se bem que com uma apreciação mais nítida dos fatos e uma maior objetividade. Não resta dúvida que as produções que vão de 1920 a 1930 representam um ponto culminante em sua produção literária; mas não é menos certo que as obras escritas de 1950 para cá constituem um conjunto notável, conquanto ainda inacabado, que suporta perfeitamente a comparação com as obras geniais da juventude do autor.

A luta por um significado

O título do livro que se seguiu imediatamente às explicações preliminares de seu programa, e que enfeixa poemas de revolta e de angústia, revela por si só uma orientação nova.

A obra denomina-se *Caos* (1919) e, criando-a, Lagerkvist tinha indubitàvelmente em mente a situação caótica que precede a uma nova criação. Além da peça já lembrada *O Segrêdo do Céu*, o volume encerra ainda uma parábola magistral, *O Freguês Exigente* sôbre a vida humana, considerada como uma hospedaria singular e desconcertante, que leva infalivelmente o leitor a pensar em Franz Kafka. A revolta continuava presente, portanto. Por outro lado, entretanto, é possível encontrar no livro um certo número de poemas enfeixados sob o título *Uma Espécie de Fé*, que denotam que a imagem que o poeta se faz do mundo está a ponto de esclarecer-se. Uma série de aventuras individuais e importantes impelem-no a escrever sôbre o mundo, a natureza e o amor, inspirado por uma mística tranqüila, embora ainda hesitante. Nesta fase, a criança representa o consôlo máximo frente à ameaça da morte.

Morrerei, e tu seguirás vivo,
Tu, meu filho, aurora iluminada.

Êsses poemas não deixavam duvidar da presença de um grande poeta lírico. Efetivamente, aos olhos da crítica, *Caos* significa o verdadeiro lançamento de Lagerkvist. Nessa obra, procura o autor representar-se uma imagem de Deus — imagem cheia de contradições, a um só tempo misericordiosa e intimidante. Na concepção de Lagerkvist, "o Senhor por si só apaga o contôrno dos litorais distantes", apagando-se em seguida a si próprio "sem deixar vestígios". Para explicar a situação calamitosa do mundo, arrisca uma série de hipóteses poéticas: Deus teria concebido, certa vez, um plano grandioso e imponente, qual seja o da vida e da luta (é evidente que o ponto de referência é ainda e sempre o *struggle for life* de Darwin), mas os homens cometeram o êrro de pretender ultrapassar os limites do plano, e em conseqüência arruinaram-no irremediàvelmente. O mundo tornou-se um caos en-

sangüentado, e Deus vê-se forçado agora, à semelhança da ave de rapina, a "abandonar seu ninho sangrento" e baixar à terra para tomar conhecimento do estado de sua obra.

Essa tentativa hesitante, obscura, de "justificar" a vida e seu criador e atingir assim a uma reconciliação, foi posta em prática com elegância e entusiasmo na obra *O Eterno Sorriso* (1920). Como "cenário" da narrativa volta aqui o reino impreciso da morte descrito em *A Hora Difícil:* os mortos trocam confidências "para obter a permissão de partir para a eternidade". Êsse relato de recordações terrenas constitui verdadeira obra-prima. Por seu intermédio se demonstra que os mortos conservam os mesmos defeitos do tempo em que andavam pela terra: vaidade, pretensão, espírito de intriga. Não obstante, todos êles têm coisas interessantes a contar, e a linguagem em que se expressam é simples como o murmurar tranqüilo das águas de um regato. Entretanto, essas visões fantasmagóricas da vida terrena, percebidas do fundo do reinado dos mortos, não constituem senão um dos aspectos da narrativa; o outro consiste — tal como ocorre nos dramas de protesto do autor — em questionar-se mùtuamente sôbre o "significado". Os mortos, num acôrdo tácito, põem-se em marcha para empreender uma viagem através da eternidade e confrontar a Deus com suas responsabilidades, questionando-o sôbre o que pretendeu dêles, sôbre o sentido de suas vidas. Quando finalmente o encontram, apresenta-se totalmente diverso do que imaginavam: não passa de um velhinho humilde, ocupado em serrar madeira junto de uma lanterna. A intenção parece ser demonstrar que é êle quem fornece energia ao universo, a fim de que êste possa manter-se em movimento.

Às questões impacientes dos mortos, o velho responde: "Fiz isso para que não tivessem necessidade de resignar-se ao nada." Vêm-nos à lembrança as teodicéias do século

XVIII: o mundo não é evidentemente bom, mas é o que Deus pôde produzir de melhor. Os mortos prosseguem em seu interrogatório: "Que quiseste significar com as crianças?"

Rolam lágrimas dos olhos do ancião: "Nada pretendi significar por meio das crianças", falou pausadamente, de forma que todos pudessem ouvi-lo. "Criei-as num momento em que me sentia feliz."

Os homens compreendem então que "êle era como qualquer um dêles, apenas mais profundo e com algo mais de imponderável"... Ao regressarem, conversam sôbre o que ouviram e estão prontos a agradecer à vida por tudo que ela lhes oferece — pelas trevas e pela luz, a dúvida e a fé, a noite e a manhã... "Eu sou uma coisa, meus irmãos são tudo o mais."

Essa obra representa a primeira grande "reconciliação" de Pär Lagerkvist com a vida. Sua recém-adquirida sensação de felicidade não tardou a vazar-se em expressões de linguagem corrente, traduzidas em meios-tons numa coletânea poética, *O Caminho do Homem Feliz*. Além de belos cantos de amor, encontram-se também poemas que falam sôbre a mãe e sua fé tranqüila; em alguns outros, Deus parece assumir, por assim dizer, uma fisionomia materna.

As obras poéticas que se seguiram imediatamente poderiam ser consideradas, do ponto de vista do seu conteúdo, como esfôrço para perseverar nessa reconciliação, que passaria a ser uma fonte de vida. Tal ideal, no entanto, afigura-se inatingível. As obras refletem alternâncias de estados de amargura e de tranqüilidade, expressos em novos ensaios que constituem outras tantas tentativas de reconciliação. Dêsse tipo é *O Invisível* (1923), esfôrço magnífico para representar sob côres dramáticas a luta eterna do "espírito humano" contra as contingências da existência terrena. Lagerkvist apega-se

aqui desesperadamente a uma espécie de idealismo humanista; a obra não é totalmente satisfatória. *Contos Cruéis* (1924) é, em contraposição, uma obra-prima de exceção, se bem que o ideal de reconciliação pareça ainda mais longínquo, e mais evidente o conflito entre "o homem" e "a vida". Um dos contos do livro diz respeito a um casal apaixonado e intitula-se *O Ascensor que Desceu ao Inferno*. Um outro, *João, o redentor*, consiste no longo monólogo de um louco, internado num manicômio, e que se julga capaz de redimir a humanidade. Na descrição que faz de um doente mental satisfeito com a sua sina de confinado a uma cela subterrânea, Lagerkvist aborda um tema que deveria persegui-lo por muito tempo: a dignidade do homem em enfrentar a desgraça, característica de nobreza de espírito que o torna credor de respeito.

Esta noção é constantemente solicitada em *Hóspede da Realidade* (1925), a obra autobiográfica já citada anteriormente, é redigida no intuito de revelar os valôres permanentes a serem buscados em nossa frágil existência. Além da bondade espontânea de alguns homens que conheceu intimamente em sua infância, o poeta descobre em si mesmo uma lealdade incorruptível, que confessa com ardor desconhecido, e que teria inspirado uma de suas mais importantes e mais belas antologias poéticas, *Cânticos do Coração* (1926). A idéia traduz-se em alguns versos ousados: "Respeito o homem e desprezo a vida". Na obra em aprêço, um papel especial é atribuído ao amor, apresentado como única salvação, como única fôrça libertadora de nossa existência. Um verso dêsses poemas, citado na Suécia com freqüência, ensina que: "Nosso único lar é o amor". Em outro trecho revela que, privados de sua fôrça criadora, somos como "árvores arrancadas pelas raízes."

Posteriormente, Lagerkvist apresentará três variações distintas da tese de sua nova reconciliação, a saber: a vida nada representa; só os homens têm valor. Em um conjunto de ensaios em prosa, *A Vida Vencida*, exprime êsse dualismo com

uma acuidade que parecerá porventura exagerada. No drama *Aquêle que Recomeçou a Viver* — onde desenvolve precisamente a idéia fantástica que o título sugere — propõe-se mostrar de maneira concreta o quanto é difícil ao homem e ao seu espírito enfrentar as leis poderosas e impessoais da existência. O sapateiro Daniel matou sua amada. Obtém permissão dos podêres supremos para recomeçar a vida. Em sua nova existência, apega-se obstinadamente a noções simples e meridianas, como sejam a razão, a moral e a vida familiar, mas, a despeito de tudo, continua a sentir-se culpado pela morte de uma criatura. A oposição que, por razões de moral, faz à paixão do filho por uma mulher indigna, culmina no suicídio do rapaz. Malgrado o fantástico da idéia, o drama é essencialmente realista. Lagerkvist revela-se especialmente feliz nos pormenores naturalistas — tal como, em seu manifesto de juventude, recomendava aos autores modernos, valendo-se do exemplo de Strindberg — e isso empresta uma extraordinária veracidade à descrição da vida no lar do sapateiro.

Dentro do mesmo espírito produziu uma de suas mais perfeitas obras em prosa — a coletânea de contos *A Alma Combativa* (1930). Em suas tentativas para alcançar a felicidade, os homens podem parecer mesquinhos e ridículos — mas não deixam de ser comoventes em sua sublime insignificância. Em *A Festa Nupcial* descreve um casamento entre uma lojista bem fornida de carnes e um carregador bonachão e algo simplório. Nesse relato, Pär Lagerkvist aproxima-se ao máximo do conto humorístico, procurando o detalhe trivial ou cômico — seja a nostalgia da solteirona pelo casamento, seja a cobiça de Jonas pela fortuna da espôsa. No entanto, êsses pormenores são apresentados com uma delicadeza infinita, de tal forma que o autor parece perguntar-se a todo instante se a nostalgia de dois sêres pelo amor não será o que existe de mais maravilhoso sôbre a terra. No transcurso da noite de núpcias, a recém-casada, no auge da paixão, encontra um

meio de morder o noivo com a dentadura. Isso basta para completar o quadro.

O último conto do volume, *A Partida,* oferece um interêsse particular pelo fato de o autor retomar certos conceitos que se transformaram em *leitmotiv* no decurso da terceira dessas importantes fases. É aqui, principalmente, que o dualismo parece erguer uma barreira entre a realidade interior e a aparência da vida, a ponto de levá-lo a declarar: "Deus está colocado entre mim e a divindade, da qual parece querer afastar-me..." A imagem de Deus ela própria, por demais acidental e limitada, pertence também "à vida". O divino, o que diz respeito à alma, o que se refere à morte, não podem ser senão pressentidos. O leitor fiel de Pär Lagerkvist não deixará de recordar as palavras com que êle encerra uma de suas obras mais recentes, *A Morte de Ahasverus.*

A própria antologia poética *Junto à Fogueira* (1932) pode incluir-se nessa fase importante e proveitosa. Agora, os dias fazem-se novamente mais sombrios; para o poeta, são as idéias fascistas do momento as causadoras dessas trevas assustadoras. A luta em que o homem se empenha não surge mais apenas como algo de emocionante, senão também como uma atitude de heroísmo — precisamente por carecer de significado. A fé, sob qualquer forma concreta que se apresente, é uma ilusão: "Nosso espírito se exaure nos desertos..." "Creio nas trevas, no país dos Homens..." Em meio ao torvelinho da vida, o homem luta pela claridade e pela paz; junto à sua fogueira de campanha, em algum desfiladeiro perdido da montanha, repousa, sem lançar um olhar sôbre sua própria condição. Nós acreditamos sermos conquistadores evoluídos, e no entanto não passamos de simples exploradores, de arautos de uma fase ainda longínqua de progresso — uma espécie de bandoleiros primitivos. Nosso fogo interior, a chama do combate, não tardará a consumir-se e passará a ser tema de contos futuros.

Em janeiro de 1933, Hitler chegava ao poder. No outono dêsse mesmo ano aparecia a novela de Lagerkvist, *O Carrasco*, mais tarde apresentada sob a forma de drama e encenada em tôda a Escandinávia com o grande ator dramático sueco Gösta Ekman no papel principal. *O Carrasco* reúne as qualidades de um panfleto entusiástico às de um poema simbólico hermético; a linha de demarcação entre os dois é nìtidamente perceptível, mas o poema simbólico leva a melhor sôbre o panfleto. Não obstante, essa obra constitui um importante documento sôbre a época contemporânea. A primeira parte da novela apresenta o personagem do carrasco como objeto de temor supersticioso, como símbolo do mal, numa cena medieval de forte colorido e primitiva em sua brutalidade. O personagem-título não faz senão mover-se silenciosamente por entre a multidão. A segunda parte decorre num restaurante moderno, entre uma orquestra de negros. Aqui também o carrasco é o observador mudo. A conversa dos freqüentadores revela a atração estimulante da época pela violência, o cinismo impenitente do homem moderno, disfarçado sob o verniz da civilização. A cena termina em conflito e tiroteio, provocados pelo fato de um negro ter ousado comer um sanduíche ao lado de fregueses brancos. O carrasco, que é simultâneamente uma figura humana e um princípio, profere, no final, uma extensa alocução, na qual proclama-se a si mesmo tão eterno quanto o gênero humano. Se bem que o simbolismo não seja de uma clareza absoluta, Lagerkvist conseguiu no entanto alcançar dois objetivos, através de suas emocionantes comparações. Com efeito, além de esboçar a constante trágica do homem, logrou estigmatizar a imbecilidade, a superstição e a brutalidade que caracterizam o homem sedento de sangue e de violência.

Já no ano anterior, ou seja, em 1932, no drama *O Rei*, cuja ação desenrola-se no antigo Egito, abordara êle as rela-

ções entre devaneio e ação, a justificação da revolta e o emprêgo da violência. Em 1934, em *O Punho Cerrado*, que, pela forma, é uma narrativa de viagem, formulara o seu credo humanista. Nesse mesmo ano, empreendera uma excursão à Grécia e à Palestina, visando à Acrópole e ao Gólgota, e o primeiro dêsses monumentos históricos, entrevisto à noite, fizera-lhe o efeito de um punho cerrado erguido contra o céu. Adotara então essa imagem visual como símbolo do humanismo em luta contra a barbárie. Ao mesmo tempo, proclamava claramente o amor que o Mestre de Nazaré pregara na Galiléia, sem contudo admitir o milagre e nem os paradoxos exaltados da fé. Confrontado com a paisagem desértica dos arredores do Mar Morto, recuara; a seus olhos, o espetáculo apresentava-se como símbolo de um desprêzo ilimitado em relação à morte, que constitui, a seu ver, a representação bíblica do universo, e cuja própria exasperação tende a culminar no ascetismo e numa certa hostilidade para com a vida. Em *O Punho Cerrado*, a base ideal de sua atividade literária nos anos imediatos fica claramente definida: o revoltado, o torturado por questões metafísicas e o céptico situam-se definitivamente, e de maneira muito característica, como os herdeiros espirituais do Ocidente. Enfeixando poemas luminosos sôbre a indestrutibilidade do espírito, *Gênio* (1937) transmite um impulso nôvo, em contraposição às visões sombrias de *Junto à Fogueira*. Um conjunto de sátiras em prosa, vigorosas e mordazes, *Naquela Época...* (1936), versa sôbre o culto insensato de seus contemporâneos pela violência, relatando como as própria crianças, "armadas até os dentes de leite", eram aproveitadas como soldados — o que deve ser tomado como alusão às tropas de *balillas* de Mussolini. Outrossim, publica dois dramas em tôrno das relações entre a vida particular e a vida política, *O Homem sem Alma* (1936) e *Vitória nas trevas* (1939). Pelo menos duas antologias poéticas são dedicadas, no início da década dos 40, a temas patrióticos ou à liberdade ameaçada. Como única obra de porte da fase da guerra figura *Sonho de uma Noite de Verão no Asilo* (1941), onde o assis-

timos libertar-se da pressão da atualidade e discorrer, como outrora, sôbre a tendência que a vida apresenta para mutilar as almas humanas, torná-las cegas, retraídas e cruéis, em lugar de permitir que elas se apresentem lúcidas, expansivas e ardorosas.

O Anão

Pelo fim da Segunda Guerra Mundial, Lagerkvist ensaiou um primeiro esbôço da obra notável onde voltaria, sob aspectos novos, à composição "existencial" de sua juventude, às questões pertinentes ao valor essencial da fé religiosa e ao despropósito da mesma sob o aspecto intelectual. Pois sua hesitação gravita incessantemente em tôrno dessa alternativa: crer é impossível — mas a fé representa, assim mesmo, o que a vida tem de maior e de mais belo para oferecer. Dêsse conflito resultou uma obra metafísica de impacto poderoso, onde Lagerkvist associa sua magistral capacidade de criar símbolos elevados a uma linguagem de um realismo naturalista. Detalhe interessante desta nova floração é representado por um drama, espécie de Fausto em ambiente medieval, *A Pedra Filosofal* (1947).

O esbôço a que nos referimos consubstanciou-se no romance *O Anão* (1944), em que Lagerkvist estreava com sucesso nesse nôvo e importante gênero literário. Tratava-se de uma vitória sôbre o público. Pela primeira vez, um livro de sua autoria merecia edições sucessivas. O tema girava em tôrno de uma côrte da Renascença; e êsse ambiente histórico, tantas vêzes retratado por mercenários do romance, encontra um nôvo frescor, um nôvo interêsse, no estilo despojado de Lagerkvist. O maior interêsse residia, porém, como de costume, no simbolismo da obra. O anão que relata a história é um bôbo da côrte de um príncipe da Itália septentrional. *O Anão* é a

réplica de *O Carrasco*, um homem — em proporções menores, admitamos — e, ao mesmo tempo, um exemplar do gênero humano. Os dois aspectos entram em conflito, criando uma certa obscuridade para a interpretação. Contudo, isso parece acontecer permanentemente com os símbolos criados por Pär Lagerkvist: êles apelam para o sentimento e para a imaginação e exprimem algo de essencial, mas não são passíveis de analisar-se racionalmente além de um determinado limite.

Nas páginas de *O Segrêdo do Céu*, o personagem de um anão presumido e inútil fizera já uma ligeira aparição. Representava tudo o que é limitado e mesquinho, no pólo oposto ao jovem herói do drama, transbordante de vitalidade e de curiosidade. Em *O Anão*, a missão dêsse personagem raquítico é pràticamente idêntica, mas seu caráter é analisado mais detidamente. Seu papel consiste em imitar, em dimensões mais reduzidas e de maneira grotesca, o que os outros fazem; o público zomba dessas imitações maldosas. Além do mais, é orgulhoso, inútil, a um tempo obsequioso e intrigante, dentro do pequeno mundo em que se agita.

Toma como êmulo o príncipe Leone, por ser rico e poderoso; sua falsidade em matéria de política desperta no anão uma admiração profunda. Por outro lado, mestre Bernardo, artista, sábio e inventor, não provoca nêle senão uma perturbadora estupefação. É que a curiosidade intelectual desinteressada, a dúvida, o devaneio, são coisas que êle desconhece por completo. O amor, sob todos os seus aspectos, inspira-lhe desprêzo; o desejo físico desperta sua repugnância; a devassidão lhe é incompreensível. Acima de tudo, porém, execra o amor recentemente despertado como sendo algo de totalmente desprezível — quase como uma ofensa pessoal —, e é êsse sentimento veemente que deve levá-lo a premeditar a intriga que provocará a catástrofe culminante do romance. Em compensação, aprecia tudo que diz respeito à guerra: o próprio vocabulário bélico, o brilho dos uniformes e dos desfiles. Encon-

trando-se por acaso no campo de batalha, ao perceber um inimigo morto ou gravemente ferido, precipita-se e mergulha sua espada em miniatura no corpo já mutilado.

Sangue, crueldade, espetáculos soberbos, miséria revoltante — todos êsses elementos coloridos misturam-se na narrativa magistralmente conduzida; a estrutura simplificada da linguagem — resquício da "ingenuidade" do autor — não constitui aqui senão um recurso artístico entre muitos outros. A movimentação das ações e dos personagens é mais viva aqui que em qualquer outra de suas obras; em verdade, tudo parece distanciar-se ao máximo da angústia balbuciante, do caos informe onde Lagerkvist ensaiara seus primeiros passos. Não obstante, existem afinidades flagrantes entre *Angústia, Caos, O Carrasco, "Naquela época...", Junto à Fogueira* e *O Anão*, notadamente a vigorosa intensidade do sentimento, o propósito cruel de realismo, tão freqüentemente levado até o desprêzo e o pânico, o esfôrço incessante em prol do mais alto poder de expressão e da explanação metafísica da vida humana.

Rumo a uma nova reconciliação

As obras que se seguem, no decorrer da década dos 50, são tôdas dedicadas a especulações ativas sôbre a imagem de Deus, sôbre o sentido do "divino" e sôbre a possibilidade de crer, no que concerne ao homem. A interrogação pode ser considerada como o problema fundamental de Pär Lagerkvist — ou melhor, como o dilema de tôda a sua existência. Ao longo de uma série de novelas que mais se aproximam de lendas, faz variar suas experiências. A série não é premeditada, mas desenvolve-se como um arabesco; as relações entre os diversos volumes existem mais na maneira de formular o problema do que nos personagens ou nos acontecimentos em si. Não obs-

tante, é inegável a existência de um elo entre alguns dêles, sob a forma da apresentação dos mesmos personagens. As quatro novelas são, respectivamente: *Barrabás* (1950), romance inspirado na Bíblia, por diversas vêzes adaptado para o cinema; *A Sibila* (1956), cuja ação desenrola-se no Delfos antigo; e finalmente dois contos relacionados com a lenda do Judeu errante: *A Morte de Ahasverus* (1960) e *Peregrino do Mar* (1962).

Uma utilização judiciosa de exemplos e símbolos bíblicos bastante familiares cria os efeitos característicos em *Barrabás*. O Cristo e seus discípulos, a morte na cruz e a ressurreição aparecem considerados através dos olhos do ladrão libertado, Barrabás. O personagem é simples, brutal, e imbuído de um egoísmo mal-humorado; o extraordinário vaticínio da libertação inspirada no amor e operada pelo Filho de Deus enche êsse espírito primitivo de uma estupefação sem limites e de infindáveis especulações.

A apresentação de Barrabás como "herói" da novela define aqui o talento inventivo do autor. Foi a êle que libertaram no lugar de Jesus, por intervenção do próprio Cristo. Mas, concomitantemente, vemo-lo orientado exclusivamente para o *struggle for life*, tão inacessível ao idealismo exaltado do Sermão da Montanha quanto à mística contida no relato da Paixão ou à crença nos milagres. Diante do túmulo vazio constata que, devido a um encadeamento de circunstâncias, seu destino encontra-se inexoràvelmente entrelaçado ao do Nazareno crucificado, de cuja presença jamais virá a libertar-se. Barrabás é um crente despido de fé, um discípulo sem a menor aptidão para seguir e para imitar.

O sublime atinge, nesse relato, seu ponto culminante quando o ladrão Barrabás, sem saber êle mesmo por que, transporta o corpo de uma mulher, que foi apedrejada até a morte

pelo crime de ter um lábio leporino, através do deserto, para sepultá-lo; a ação é um eco confuso e desesperado da singular exortação que certa vez ouviu, a propósito daquele defeito físico: "Amai-vos uns aos outros!" Anos mais tarde, aparece-nos na ilha de Chipre, condenado a trabalhos forçados nas minas de cobre; o companheiro a quem está acorrentado, um cristão, grava o sinal da cruz no reverso da placa metálica que anuncia sua condição de escravo. No entanto, essa profissão de fé não passa de uma inútil tentativa em direção à fé, da qual não tardará a afastar-se.

O romance termina em Roma. Ao inteirar-se da falsa notícia segundo a qual os cristãos incendiaram a cidade, Barrabás, entusiasmado, põe-se a lançar tochas incandescentes no interior das moradias. Encontrou finalmente uma maneira de servir que compreende e que lhe agrada plenamente. É feito prisioneiro com os demais, e, desde a primeira entrevista com o chefe dos cristãos — um apóstolo de pele fresca e rosada —, tôda a extensão do mal-entendido se torna flagrante. Ao expirar sôbre a cruz, Barrabás murmura, dentro das trevas: "A ti entrego meu espírito". A quem estaria se dirigindo? A Deus? Ao chefe dos cristãos? Às trevas? [1] A pergunta fica sem resposta.

O que vamos encontrar aqui não é apenas a antiga ambivalência característica do autor em relação à fé cristã. Êle soube criar um símbolo expressivo para tôda a atitude moderna do Ocidente face à questão religiosa, atitude que se traduz por uma inclinação iniludível e contrafeita para com a tradição cristã, dissociada embora de todo e qualquer proselitismo ou tendência a imitar. Sempre presente, uma inelutável inclinação para a violência.

[1] Cf. a citação anterior, retirada de *Junto à Fogueira*: "Creio nas trevas, no país dos homens".

Ao contrário de *Barrabás, A Sibila* é um personagem inspirado no mito pagão. Na época em que era jovem e ditava os oráculos do alto de sua trípode no templo de Delfos, entre lamentos e vociferações, era a sacerdotisa mais respeitada que o templo de Apolo já abrigara. Depois disso, viveu um romance proibido, gerou um filho, foi escorraçada a pedradas. Agora, já entrada em anos, vive com seu filho, débil mental, em uma espécie de caverna, no alto do monte Parnaso. O filho, por sua vez já grisalho, ostenta não obstante a carnação lisa e delicada de uma criança; sua bôca imobiliza-se em um sorriso interminável e despropositado.

Certa feita, a mulher recebe a visita do Judeu errante — um sapateiro de Jerusalém, cujo nome é propositadamente omitido no relato. Para Ahasverus, a divindade nunca se manifestou senão sob a forma de um castigo, de um pavor ou de uma ameaça. Pois o homem que, como êle, carrega uma cruz e a quem êle um dia recusara o seu auxílio, era na realidade um apóstolo dêsse amor do qual êle só tomou conhecimento por ouvir dizer. A Sibila confia-lhe sua história a um tempo assustadora e sublime. Num estado de êxtase sem precedente, obteve, na sua qualidade de sacerdotisa e profetisa, o dom "de participar da alegria infinita que o Senhor experimenta em existir"; em meio ao vácuo total em que se sentia mergulhar de cada vez, tinha consciência de que Deus a abandonava. Todavia, ela gozou também a experiência da felicidade normal do homem comum; conheceu a paz infinita de um simples lar de camponeses e a alegria indizível de abraçar um homem jovem e amado e de ser por êle abraçada.

Deus, entretanto, mostra-se ciumento e cruel. O amante da Sibila suicida-se por afogamento quando tem conhecimento de que vive com uma possuída do demônio. Enquanto isso, no templo, algo de horrível e de decisivo tem lugar. Num êxtase para o qual o pânico, o fedor caprino e a luxúria contribuem em partes iguais, a sacerdotisa é violada pelo deus, que assume

o aspecto de um bode. O filho a que ela dá a luz posteriormente, no fundo de uma gruta, rodeada de cabras, é possìvelmente o filho de um deus caprino. O filho de um deus gerado em um ventre de mulher!

Enquanto a velha relatava sua história, o filho — o imbecil de sorriso petrificado, que até então estivera escondido a um canto [2] — desaparece silenciosamente de casa. Suas pegadas conduzem em direção à montanha coberta de neve, onde o delicado contôrno de seu pé se imprime cada vez mais levemente para, ao final, desaparecer por completo. O homem do sorriso enigmático, inumano — o estrangeiro — era na realidade um deus.

A Sibila trata portanto de um êxtase divino mais destrutivo que construtivo e, indiretamente, da associação, na vida, entre alegria e crueldade. O deus que a novela apresenta vem a ser o deus da criação, o deus criador, *mysterium tremendum et fascinosum.*

O Deus de Pär Lagerkvist é assustador e inclemente como a verdade, poderoso e implacável como a natureza, solitário como o universo, desconhecido como o átomo.

Considerado desde o ângulo da natureza, Deus é algo de escondido, de secreto; grandeza, temor, volúpia e ainda prazer inconcebível e infinito de existir. Representa "um enigma que não existe para ser decifrado e sim apenas para existir". E a Sibila explica que os homens são ligados a Deus. "O que quer que pensem ou que façam, seja convictos de sua fé ou descrentes, seu destino reduz-se sempre a essa união com Deus." Entretanto, o amor de Deus lhe aparece como algo incompreensível: "E, não obstante, eu ouvira falar em tantos deuses, que acreditava ter conhecido a todos..."

[2] Cf. o título da obra *O Sorriso Eterno*, de 1920.

O Deus da Sibila não é apenas o Deus na natureza: é também o do delírio criador, o da inspiração artística. É Phoebus Apolo. Tanto *Barrabás* quanto *A Sibila* versam sôbre as duas potências que tocaram mais de perto o coração de Pär Lagerkvist: o Cristo e Apolo, com as características que os aproximam e que os diferenciam.

Em *A Morte de Ahasverus* ocorre exatamente aquilo que o título anuncia: o homem que vagueia sem nunca encontrar um pouso consegue finalmente pôr têrmo à sua vida errante. Que se terá passado com êle? Terá soado a hora do juízo final? Ter-se-á debilitado a vontade divina? Deus estará morto? No que concerne à morte de Deus, Lagerkvist não tem comentários a fazer; em compensação, no que respeita a Ahasverus, termina por concluir que foi "vencido".

De certa forma, Ahasverus — o Maldito, possuído de uma experiência divina negativa — constitui uma réplica de Barrabás. Já em *A Sibila* vemo-lo referir-se com ódio ao seu destino. O Cristo, a quem um dia êle recusara um instante de repouso em sua casa, parecera-lhe "imponente e assustador", e pronunciara sua condenação "de forma ameaçadora". No entender de Ahasverus, Deus não pode ser caridoso; é uma fôrça perseguidora "que nunca me deixará escapar às suas garras e jamais me oferecerá qualquer repouso".

A derradeira fase da vida de Ahasverus surge intercalada na descrição de uma peregrinação medieval; a história tem início numa estalagem onde se encontram três personagens: o velho judeu, o peregrino Tobias e Diana, a meretriz. Tobias não é um cristão na verdadeira acepção da palavra; sua decisão de tornar-se peregrino, sua insaciável nostalgia pela Terra Santa foram despertadas pelo espetáculo horripilante de uma mulher de idade, morta, cujo corpo apresentava-se coberto de marcas infamantes. Diana é uma antiga amante que, aliás,

nunca deixou de amá-lo; um dia, casta e forte como a deusa cujo nome ostenta, ela toma a deliberação de seguir Tobias, terminando por sacrificar sua vida pela dêle. A única devoção de que tem conhecimento é pressentida pelo leitor quando a vê ajoelhar-se junto a uma fonte, na floresta. Finalmente, Tobias embarca em um navio com destino à Terra Santa e Ahasverus fica só. Em longo monólogo, medita sôbre a estranha forma de loucura que presenciou em seu companheiro de jornada e julga compreender que existe para o homem alguma coisa de extremamente importante, a tal ponto "que mais vale perder a vida que perder a fé que se tem nela". Suas reflexões aparecem mescladas a acusações contra o homem que carregava a cruz e que, certa vez, chamou sôbre sua cabeça a maldição divina. Entrementes, porém, seus pensamentos mudam de rumo. O homem que carrega a cruz, e posteriormente é crucificado, surge a seus olhos como mero representante do sofrimento incessante da humanidade, de *todos* os estigmatizados e de todos os crucificados. É a humanidade, em suma, que morre sôbre a cruz.

Neste ponto, precisa-se uma atitude definida: é Deus quem determina o sofrimento da humanidade, e não o homem vergado ao pêso de uma cruz que Ahasverus encontra em seu caminho. Deus é poderoso e cruel, mas Jesus é um companheiro de infortúnio. Com o Cristo, seu irmão, Ahasverus apresenta-se portanto reconcíliado; em compensação, retira a Deus a fé e a obediência que lhe prestava. Essa "vitória" abre a Ahasverus o caminho rumo à "Terra Santa" da Morte.

Contudo, seu pensamento não consegue desprender-se daquela noção tremendamente importante que constituía a razão de ser da busca de Tobias. Para além dos deuses, para além das ficções humanas, existe algo de espantoso e inaudito: sob as pompas de todo êsse aparato sagrado, oculta-se o sagrado pròpriamente dito. Repetindo a idéia expressa em

"A alma combativa", vemos aqui a idéia de "Deus" encobrindo o divino, impedindo-nos de nos abeberarmos na fonte. Entretanto, nessa "fonte", Ahasverus consente em ajoelhar-se.

A angústia de Ahasverus reside portanto na dificuldade em conciliar oposição e reconciliação, ou melhor, as possibilidades de oposição e de reconciliação. Oposição ao senhor da vida, reconciliação com o Cristo, o irmão. Oposição a Deus em sua posição de criador do homem, reconciliação com a fonte que fica "mais além" e até adoração dessa fonte. Essa convicção arraigada da existência de uma causa remota leva Pär Lagerkvist à negação de todos os mitos, de todos os dogmas.

A morte encerra pois a história de Ahasverus. Em *Peregrino do Mar* (1962), novela curta, cheia de invenções engenhosas, acompanhamos o destino do peregrino Tobias. Não tendo podido alcançar a grande nave dos peregrinos, oferece tudo o que possui à figura suspeita do capitão de um velho barco em troca da promessa de ser reconduzido ao pôrto de origem. Trava então relações com um dos tripulantes, um padre que renunciou ao hábito, tipo musculoso e de elevada estatura, por nome Giovanni. Êste lhe fala sôbre o mar, sôbre a confiança que nêle se pode depositar, esforçando-se para que a própria insegurança se transforme em esperança e tranqüilidade em meio à voragem dos acontecimentos. O mar oferece a um só tempo o sol e a tempestade. êle dissimula e faz esquecer todos os delitos, lava os punhais manchados de sangue. Mais vale repousar no mar do que perseguir objetivos definidos, "significados" que jamais se deixarão alcançar...

A quietude, a mística que constituem o tema dessa obra não são exatamente as mesmas que aquelas que se procurou exprimir em *A morte de Ahasverus*. O simbolismo é aqui mais dinâmico: não se trata mais de acentuar o mistério da

"fonte", e sim o caráter absolutamente insondável do curso variável da vida propriamente dita.

A oposição sempre latente de Tobias para com os crentes ainda mais se aprofunda quando o seu barco, tendo-se refugiado num pôrto, encontra, o "verdadeiro" navio de peregrinos. Giovanni, cheio de rancor, não cessa de ridicularizar a alegria confiante dos piedosos passageiros. Em raras ocasiões foi a Igreja simbolizada numa imagem mais evidente e mais irônica do que por êsse grande navio de peregrinos. Todavia, os sarcasmos e as zombarias cessam quando a multidão dos crentes entoa um cântico de procissão. No mundo de Pär Lagerkvist, a fé simples e convicta mantém sempre uma fôrça extraordinária e absoluta. Não obstante, Tobias prefere continuar entre seus rudes companheiros do navio-pirata.

Sem dúvida, o capitão é um corsário, e Tobias não tarda a presenciar uma luta desumana com alguns comerciantes naufragados que se recusam a ceder o ouro que trazem consigo. Entretanto, no correr de uma noite calma, com a tripulação razoàvelmente embriagada e o navio vogando "sem qualquer objetivo", Giovanni confia a Tobias a história de sua vida: refere como, ordenado sacerdote havia muito pouco, jovem demais para ser confessor, se sentira um dia inflamado de desejo pela confissão de uma mulher sôbre seu amor secreto, e como, mais tarde, tivera uma ligação pecaminosa com a mesma mulher, tomando o lugar daquele a quem ela amava verdadeiramente. Seguiu-se o escândalo e a destituição das vestes sacerdotais, o adeus à Igreja, episódios de libertinagem nos portos. Como lembrança, conservava, no entanto, o medalhão que a mulher trazia ao pescoço e que encerrava, segundo ela, a imagem do amado, do homem de alma pura, cujo nome ela revelaria um dia diante de Deus... Êsse medalhão, Giovanni roubara-o, abrindo-o à fôrça. Para sua surprêsa, estava vazio. Quanto à mulher, morrera no decorrer de uma peregrinação.

É uma história de amor, não resta dúvida. Mas o círculo da narrativa fecha-se a um só tempo sôbre o amor e sôbre a fé.

"Estirado a fio comprido, refletia no que existe de mais alto e de mais sagrado na vida, no que se devia pensar de tudo isso. Possìvelmente não se trataria senão de um sonho, que não haveria de suportar o despertar para a realidade. A verdade, porém, é que tudo isso existe realmente. Existe o amor perfeito e existe a Terra prometida; simplesmente, nós não estamos em condições de atingi-los. Quiçá estejamos meramente iniciando a nossa caminhada. Não passamos de peregrinos do mar."

A novela do medalhão vazio não representa portanto uma tomada de posição niilista: ela pretende exprimir o caráter inatingível do mistério. Já agora, Tobias está em condições de compreender que o mar não significa forçosamente tudo, que Giovanni não tem tanta razão quanto aparenta: "Para além das grandes extensões desertas e dos abismos profundos, alguma coisa existiria provàvelmente, alguma coisa indiferente a tudo..."

Podemos conjeturar se dessa vez Pär Lagerkvist não terá querido simbolizar uma imagem de sua fé em um "além" mais compreensível, mais isento de contradições que suas declarações precedentes. O medalhão do amor apresenta-se vazio. Seu conteúdo é um sonho — quiçá fôsse desde o início pura e simplesmente uma mentira. Aquêles que se amam não representam senão meras compensações para "aquêle (ou aquela) que era diferente de nós, aquêle (ou aquela) que tinha a alma pura..." O medalhão vazio é o símbolo do amor no mundo visível — o mundo onde nós, homens, devemos apresentar-nos como participantes de uma fantasmagoria...

A inspiração de Pär Lagerkvist volta a expandir-se livremente quando institui em sua obra o paralelismo, rico em significado, entre "o mais alto e o mais sagrado" e o amor. Na narrativa de Giovanni, a descrição do amor é algo de ardente e de entusiástico, ao mesmo tempo que destituído de ilusão do ponto de vista estritamente lagerkvistiano. Ela abrange duas realidades dentro do mesmo golpe de vista.

Não obstante, êsse paralelismo mesmo confere à sua percepção da fé, ou da necessidade da fé, uma luz diferente, uma nova vida. A fé aparece-nos como algo de sagrado, de autêntico e inviolável, conquanto seu objetivo seja totalmente incompreensível. Foi pelo menos o que depreendi da leitura de *Peregrino do Mar*. Outros dirão porventura: "conquanto seu objetivo seja inexistente". Também essa interpretação é válida, porquanto uma parte da ação da obra decorre nessa atmosfera de hesitação, de paradoxo. A fé assemelha-se ao amor, ela é uma espécie de amor; e, mesmo não chegando a atingir jamais seu objetivo — a Terra prometida —, êsse amor representa o único sinal divino que nossa inteligência é capaz de apreender.

Uma vez atingido êsse conhecimento, podemos repousar confiantes no seio insondável da vida, entregar-nos tranqüilamente ao mar, como o fizeram Giovanni e Tobias. Podemos conjeturar se não se trata aqui de uma nova reconciliação da existência, apresentando-se sob um aspecto nôvo, mais profundo e mais definitívo quiçá, mas ainda assim estreitamente vinculada àquela já atingida pelo autor na primeira metade da década dos 20.

"O traspassado"

O conjunto das obras isoladas de Pär Lagerkvist, no decurso dos últimos 50 anos, poderia ser considerado como

obra única de desenvolvimento ininterrupto, a tal ponto surgem encadeadas uma à outra, tal é a unidade do seu tema. Não resta dúvida de que se trata de fases distintas da evolução do seu autor, eventualmente apresentando-se sob o aspecto de um diálogo de intenções críticas, e que a atmosfera varia de uma para outra com um efeito não raro dramático; mas a finalidade da obra permanece a mesma: as condições essenciais da existência humana — concebidas quase como um desafio à razão e ao direito — e a possibilidade de ser resgatado por elas.

Uma de suas últimas coletâneas poéticas, *Ocidente,* (1953) traduz, a meu ver, a inspiração mais autêntica do autor, aquela que o encaminhou para tôdas as suas interrogações, a mesma que o forçou a fazer-se poeta.

Na quarta parte da coletânea, Lagerkvist refere-se ao desconhecido que vive no mais íntimo do ego de cada um:

"Eu sou aquêle que continua." "Depois que tu te deténs", passando a endereçar preces a alguém que existia antes das montanhas e das nuvens. As interrogações fazem-se aos poucos mais prementes; não tarda que se dirijam diretamente a êsse ser misterioso, a êsse viajante, cuja sombra desce certa noite sôbre a terra, "sôbre nossas tendas", iluminando-as. "Quem passou por diante da janela de minha infância, bafejando-a com o seu hálito?" As recordações de infância surgem, tumultuosas, e as interrogações se acumulam em tôrno das relações misteriosas entre a matéria e a alma, entre as lembranças e o espírito. Até que ponto a visão de uma estrêla pode comparar-se a uma lança? Que significam nossas experiências com o insólito? Inesperadamente, uma interrogação é dirigida a "um senhor superior a todos os céus": "Que pretendeste exprimir, criando-me?" E ainda: "Quem és tu, cuja ausência toma conta de minha alma?" Por vêzes, tem-se a impressão de ouvir falar um místico — talvez um São João

da Cruz — discorrendo sôbre a noite da alma e sôbre a ausência de Deus. Nos três versos que se seguem encontra-se condensada tôda a dúvida que Pär Lagerkvist experimentou e exprimiu em seus poemas, em seus dramas e novelas, e êsses versos ecoam quase como uma acusação: como pode existir essa dúvida, essa ansiedade, sem haver um meio de apaziguá-las?

Quem arremessou a lança de seu espírito através das trevas?
Quem é o lançador de dardo?
Quem o indaga sou eu, o traspassado.

Tradução de Maria Helena Senise

PÄR LAGERKVIST

BARRABÁS

I

Todos sabem como êle foi crucificado, juntamente com dois outros, e quais as pessoas que se achavam em volta dêle. Eram Maria, sua mãe, Maria Madalena e Verônica, Simão Cireneu, que o tinha ajudado a carregar a cruz, e José de Arimatéia, que o devia amortalhar. Um pouco afastado dos outros, porém, mais baixo da encosta, um homem observava constantemente aquêle que estava pregado à cruz, lá no alto, acompanhando sua agonia do comêço ao fim. Chamava-se Barrabás. E é sôbre êle que falará êste livro.

Era um homem de cêrca de trinta anos, de compleição robusta, tez amarelo-pálida, barba avermelhada e cabelos prêtos. Também as suas sobrancelhas eram pretas, e os olhos, muito fundos, pareciam esconder-se nas órbitas. Uma profunda cicatriz, começando embaixo do ôlho, desaparecia-lhe pela barba adentro. Mas o aspecto de um homem bem pouco significa.

Tinha seguido a turba pelas ruas, desde o pretório, mas guardando distância, um pouco atrás dos outros, e quando,

exausto, o rabi caiu prostrado sob o pêso do madeiro, detivera-se um momento para não se aproximar do local onde jazia a cruz. Tinham então forçado Simão Cireneu a tomar o lugar do condenado e carregá-la. Quase não havia homens na multidão a não ser, naturalmente, os soldados romanos; os que seguiam o condenado à morte eram, na maioria, mulheres. Havia ainda o bando de meninos que sempre corriam atrás quando passava alguém que ia ser crucificado, pois viam naquilo um espetáculo divertido. Cansaram-se logo, porém, e voltaram aos seus brinquedos, após terem lançado um olhar ao homem com a grande cicatriz na face, que caminhava atrás dos outros.

De pé no lugar do suplício, contemplava agora aquêle que estava pregado à cruz do centro, sem poder tirar os olhos de lá. Não tivera a intenção de subir até ali, onde tudo era impuro e infecto, pois, quando se punham os pés naquela área de terra maldita, deixava-se nela qualquer coisa de si mesmo: podia-se voltar, forçado por impulso maléfico, para nunca mais dali sair. Crânios e ossadas jaziam espalhados pelo chão, ao lado de cruzes tombadas, meio apodrecidas, não prestando mais para nada. Ninguém tocava nêles. Por que permanecia ali? Não conhecia o crucificado e nada tinha que ver com êle. Que fazia no Gólgota, se tinha sido libertado?

A cabeça do crucificado pendia para a frente e êle respirava com dificuldade; não lhe restava, certamente, muito tempo de vida. Não era homem robusto. Seu corpo era magro e fraco, e seus braços finos pareciam nunca ter servido para coisa alguma. Homem estranho, aquêle. Sua barba era rala; o peito, sem pêlos, era como o de um adolescente. O homem que o observava não gostou de seu aspecto.

Mas, desde que o vira pela primeira vez, no pátio do pretório, sentia haver algo de extraordinário nêle. Não sabia bem o que era, apenas o sentia. Parecia-lhe nunca ter visto antes um homem assim. Devia ter sido porque acabava de sair diretamente do cárcere, e seus olhos ainda não estavam acostumados à claridade, mas vira-o, no primeiro momento, rodea-

do de brilhante auréola de luz. Pouco depois, porém, o brilho tinha desaparecido; seus olhos voltavam ao normal, viam tudo nìtidamente, não apenas o homem solitário no pátio do palácio. No entanto, persistia a impressão de que havia algo muito estranho naquele homem, de que êle era diferente de todos os outros homens. Não conseguia ver nêle, absolutamente, um prisioneiro condenado à morte, como êle o fôra. Não podia compreender. Não que fôsse de sua conta; mas... como podiam condenar assim? O homem era inocente, quanto a isso não havia dúvida.

Tinham-no levado para crucificá-lo, enquanto a êle, Barrabás, tiravam os ferros e o declaravam livre. Não dependia de sua vontade, isso era lá com êles. Podiam escolher quem muito bem entendessem, era o direito dêles, e a sorte decidira. Ambos estavam condenados à morte e um tinha que ser absolvido. Êle fôra o primeiro a admirar-se da escolha. Enquanto o livravam das correntes, tinha visto o outro, já com a cruz sôbre os ombros, desaparecer entre os soldados, sob a arcada do portão.

Ficara olhando para o portão vazio e a sentinela lhe dera um empurrão, gritando:

— Por que estás aí a arregalar os olhos? Ês livre, some-te daqui!

Êle então despertara, saíra pelo mesmo portão e, ao ver o outro arrastando a cruz pela rua, seguira-o. Por quê? Ignorava, nem sabia por que ficara horas e horas observando a crucificação e a longa agonia do condenado, pois nada tinha que ver com tudo aquilo.

Aquela gente tôda, aglomerada em tôrno da cruz, precisaria mesmo estar ali? A não ser que êles mesmos o quisessem, nada obrigava aquêles homens e mulheres a subirem até ali para contaminar-se nos lugares impuros. Eram provàvelmente parentes e amigos íntimos do homem, e, coisa curiosa, pareciam não temer absolutamente o sítio infecto.

Aquela mulher devia ser a mãe do crucificado. Quase não se parecia com êle. Mas quem podia parecer-se com êle?

De feições rudes e amargurada, tinha ela o aspecto de uma camponesa. De vez em quando passava as costas da mão na bôca e no nariz, que escorria, por estar ela a ponto de chorar. No entanto, não chorava. Não se afligia, nem olhava, como faziam os outros, para o crucificado. Era sua mãe, sem dúvida. Provàvelmente sentia a maior compaixão, mas parecia ao mesmo tempo censurá-lo por estar ali, por ter-se portado de maneira a deixar-se crucificar. De um modo ou de outro, sua conduta o devia ter levado a isso, por mais que êle fôsse puro e inocente, e ela certamente não o poderia aprovar. Sendo sua mãe, tinha a certeza absoluta de que êle era inocente; fôsse qual fôsse sua culpa, ela o teria, naturalmente, considerado como tal.

Quanto a êle, Barrabás, que contemplava a cena, não tinha mãe. No pai jamais ouvira falar. Não tinha parentes, que soubesse pelo menos. Se o crucificado fôsse êle, não haveria tantas lamentações como em tôrno daquele homem. Aquela gente batia no peito e portava-se como quem nunca tivesse enfrentado desgraça semelhante; era um nunca acabar de pranto e suspiro, o tempo todo.

Conhecia bem o crucificado da direita. Se êste o visse, teria imaginado que viera por sua causa, para vê-lo sofrer. E absolutamente não era assim, o motivo de sua vinda era bem outro. Mas nada tinha contra o fato de vê-lo na cruz. Se alguém merecia a morte era êsse patife, embora por motivo bem diverso do evocado na sentença.

Por que então olhava para êste e não para o do meio, crucificado em seu lugar, e que por sua causa estava ali? Por que não olhava para aquêle que o obrigara a vir, que exercia sôbre êle tão estranho poder?

Um poder! Se alguém parecia inerme, sem poder algum, era aquêle homem. Impossível imaginar-se um supliciado de aspecto mais miserável. Os dois outros não causavam impressão tão lamentável nem pareciam sofrer tanto; notava-se-lhes maior reserva de energias. O do meio nem tinha fôrças para erguer a cabeça, que lhe caía sôbre o peito.

Mas eis que a ergueu um pouco; o peito magro e sem pêlos arfava, e êle passou, arquejante, a língua nos lábios ressequidos. Gemeu alguma coisa, querendo dizer que tinha sêde. Aborrecidos com aquêle condenado que custava tanto a morrer, os soldados, reunidos um pouco mais adiante, no alto da encosta, jogavam dados e não o ouviram. Um dos seus parentes desceu então até onde êles estavam e lhes disse o que se passava. De má vontade, um dos soldados ergueu-se, molhou uma esponja numa vasilha de barro e estendeu-a, na ponta de uma vara, ao condenado. Êste, porém, sentindo o gôsto de lama da água que lhe era oferecida, não a quis, o que provocou o riso do soldado velhaco; quando êste voltou para junto de seus camaradas e contou o caso, todos se puseram a rir. Os demônios!

Os parentes, ou o que quer que fôssem as pessoas ali reunidas, ergueram, desesperados, os olhos para o infeliz crucificado, que respirava cada vez com mais dificuldade, sendo evidente que o fim estava próximo. Bom seria que estivesse, que aquela tortura acabasse. O mesmo pensava êle, cá embaixo, contemplando a cena. Que os sofrimentos do outro terminassem logo! Assim que tudo estivesse acabado, se apressaria em sair dali e nunca mais pensaria naquilo...

Sùbitamente, porém, densas sombras envolveram tôda a colina como se o sol tivesse perdido o brilho. A escuridão tornou-se quase completa. Ouviu-se, nas trevas, o crucificado gritar em voz alta:

— Deus, meu Pai, por que me abandonaste?

As palavras ecoaram lùgubremente. Que quereria êle dizer com isso? E por que escurecia assim? Estava-se em pleno dia. Era incompreensível.

A visão das três cruzes, aparecendo como vagas silhuêtas lá no alto, dava calafrios. Certamente algo de terrível estava para acontecer. Os soldados ergueram-se de um salto e empunharam as armas; em qualquer acontecimento imprevisto, era êste o primeiro impulso dêles. Ficaram em tôrno da cruz, brandindo as lanças, e êle os ouviu a trocar murmú-

rios, apavorados. Estavam com mêdo! Não escarneciam mais! Eram supersticiosos, naturalmente.

Êle mesmo teve mêdo. Ficou satisfeito quando começou a clarear e as coisas foram aos poucos tomando aspecto normal. A claridade veio lentamente, como de manhã, quando raia o dia; espalhou-se sôbre a colina e pelas oliveiras dos arredores. Os pássaros, que tinham emudecido, puseram-se de nôvo a trinar. Era exatamente como a alvorada de um nôvo dia.

Os parentes, lá no alto, permaneciam em silêncio. Não se ouviam mais lamentos nem prantos. Todos contemplavam o homem na cruz, até mesmo os soldados. Pairava sôbre a terra uma grande paz.

Agora êle podia ir-se embora, se quisesse. Tudo estava acabado. O sol brilhava de nôvo e as coisas estavam como de costume. As trevas duraram apenas um momento, enquanto o homem morria.

Sim, agora tinha de ir. Era preciso ir-se embora, claro. Nada mais o prendia ali. Não tinha motivo algum para ficar, pois o outro estava morto. Antes de pôr-se a caminho, ainda pôde ver que o desciam da cruz. Viu também que dois homens o amortalhavam num pano de linho. O corpo era completamente branco e os homens trabalhavam com excesso de cuidado, como se temessem magoá-lo, causar-lhe o mínimo mal. Essa atitude era bem estranha, pois o homem tinha sofrído o suplício na cruz, e tudo o mais. Aquela gente era mesmo bem estranha. A mãe, porém, contemplava com olhos sem lágrimas aquêle que tinha sido seu filho; seu rosto trigueiro parecia incapaz de exprimir pesar, revelando apenas que ela não podia entender o que se passara e nunca lhe poderia perdoar. A mãe, sim, Barrabás compreendia melhor.

Quando o pequeno grupo passou perto dêle, os homens carregando o cadáver amortalhado, as mulheres seguindo o triste cortejo, uma delas, apontando Barrabás, disse baixinho qualquer coisa à mãe. Esta parou e lançou-lhe um olhar tão

cheio de desespêro e censura que êle nunca mais o poderia esquecer.

Continuàram a descer o Gólgota, tomando depois outro caminho, à esquerda.

Mantendo distância suficiente para não ser percebido, êle os seguiu até um jardim das vizinhanças, onde depuseram o cadáver numa sepultura cavada na rocha. Após terem orado em frente ao sepulcro, fecharam-no com uma grande pedra e partiram.

Barrabás, por sua vez, aproximou-se e ficou parado ali por algum tempo. Não orou, pois era um malfeitor e sua prece não seria ouvida, sobretudo por não ter expiado sua culpa. Além disso, não conhecia o morto. Todavia, deteve-se um pouco em frente à sepultura.

E depois tomou o caminho de Jerusalém.

II

Entrou pela Porta de David e, mal tinha andado um pouco pelas ruas, encontrou a mulher de lábio leporino. Ela esgueirava-se furtivamente ao longo das casas, fingindo não vê-lo; êle, porém, notou que fôra visto e que ela não esperava mais encontrá-lo, pensando talvez que êle tinha sido crucificado.

Seguiu-a e, ao alcançá-la, pôs-se a andar ao seu lado; foi assim que se encontraram. Não teria sido necessário, nem tinha motivo para abordá-la. Êle mesmo admirou-se de o ter feito, e notou que ela também ficara surpreendida. Quando se viu assediada, ela atirou-lhe um olhar furtivo e tímido.

Não conversaram sôbre o que lhes ocupava o pensamento. Êle apenas perguntou-lhe para onde ia e se tinha notícias de Gilgal. Ela não respondeu mais do que o indispensável, gaguejando como de costume, de maneira que era difícil entendê-la. Não ia a parte alguma e, quando êle lhe perguntou onde morava, nada respondeu. Êle viu que a barra do vestido dela estava tôda esfrangalhada e que seus grandes pés sujos

estavam descalços. A conversa entre ambos parou, e êles continuaram a andar um ao lado do outro, em silêncio.

De uma porta que se abria como negra caverna, partiam vozes ruidosas e, no momento em que passavam, uma mulher grande e gorda saiu, tôda alvoroçada, e chamou Barrabás. Estava embriagada e, ao vê-lo, agitou os enormes braços em tumultuosa alegria, querendo fazê-lo entrar imediatamente. Êle hesitou um pouco, embaraçado por causa de sua estranha companheira, mas a mulher os arrastou a ambos para dentro. No interior da casa êle foi recebido, com efusivas exclamações, por dois homens e três mulheres, que só pôde distinguir depois de algum tempo, quando seus olhos se acostumaram à penumbra reinante. Apressaram-se em lhe dar lugar à mesa, encheram-lhe um copo de vinho e se puseram a falar, todos ao mesmo tempo. Imaginem, ter êle saído da prisão, ter sido perdoado! Que grande sorte, crucificaram outro em seu lugar! Transbordavam de vinho e de ânsia de partilhar sua sorte, e o tocavam com as mãos, para que a sorte passasse para êles; uma das mulheres enfiou-lhe a mão por baixo da túnica, pousando-a em seu peito peludo, o que fêz a gorda rir-se às gargalhadas.

Barrabás bebeu com êles, mas não falou muito. Durante a maior parte do tempo fitava o vácuo com seus olhos castanho-escuros, fundos demais, que pareciam estar-se escondendo. Acharam-no um pouco estranho, mas êle às vêzes era assim mesmo.

As mulheres lhe deram mais vinho. Êle bebeu de nôvo e deixou os outros falarem, sem meter-se muito na conversa.

Por fim, seus companheiros começaram a admirar-se de sua atitude, sem saber o que havia com êle. Mas a mulher grande e gorda pôs-lhe os braços em tôrno do pescoço, dizendo que compreendia muito bem o seu estado de espírito, após tanto tempo num cárcere, quase morto, pois ser condenado à morte é o mesmo que morrer: ser depois perdoado e sôlto é como ressuscitar. Êle morrera, pois, e nascera de nôvo, o que não era o mesmo que ser vivo, como os outros.

Riram-se de suas palavras e ela se ergueu, enfurecida, gritando que os poria a todos no ôlho da rua, menos a Barrabás e à mulher do lábio leporino, que ela não conhecia, mas que lhe parecia ser boa e modesta, quase ingênua. Os dois homens soltaram estrondosas gargalhadas ao ouvir uma mulher falar-lhes daquela maneira. Acalmaram-se, porém; em seguida, ficaram sérios e puseram-se a conversar em voz baixa com Barrabás, contando-lhe que iam voltar à montanha no mesmo dia, assim que escurecesse; tinham vindo só para sacrificar um cabrito que haviam trazido; como não fôra aceito, tinham-no vendido e, em seu lugar, oferecido duas pombas imaculadas; com a sobra de dinheiro estavam-se divertindo ali na casa da mulher gorda. Queriam saber quando Barrabás iria unir-se a êles lá em cima, informando-o acêrca do atual esconderijo dêles. Barrabás fêz sinal com a cabeça, indicando que compreendia, mas nada respondeu.

Uma das mulheres pôs-se a falar do homem que tinha sido crucificado em lugar de Barrabás. Ela o tinha visto uma vez, mas só de passagem, e lhe tinham assegurado que se tratava de um rabi muito versado nas escrituras e que percorria o país fazendo profecias e milagres. Isso não era nada de mal, tantos outros o faziam também; certamente havia outro motivo pelo qual o tinham sacrificado. Era um homem magro, disso ela ainda se lembrava. Outra disse que nunca o tinha visto, mas ouvira falar de suas profecias; êle vaticinava que o templo ia desmoronar-se, que Jerusalém seria destruída por um cataclismo, e que, em seguida, as chamas consumiriam o céu e a terra; enfim, coisas absurdas. Não era, pois, de estranhar que o tivessem crucificado. A terceira acrescentou que êle convivia mais com os pobres, tendo-lhes prometido que entrariam no reino de Deus: até às prostitutas êle o prometera. Todos riram muito e acharam que não seria nada mau, se fôsse verdade.

Barrabás os escutava e parecia agora menos absorto, embora não lhe aflorasse aos lábios o mais leve sorriso. Teve um sobressalto quando a mulher gorda lhe atirou novamente

os braços em volta do pescoço, dizendo que não lhe interessava absolutamente quem tinha sido o outro, que de qualquer maneira estava morto àquela hora. Êle é que fôra crucificado, e não Barrabás; tudo o mais não tinha importância.

A mulher de lábio leporino, até agora acocorada a um canto e aparentemente distraída, após ter escutado atentamente o que diziam do outro homem, começou a portar-se de modo muito estranho. Erguendo-se, e fixando seu companheiro de rua com expressão de espanto no rosto pálido e famélico, gritou com estranha voz anasalada:

— Barrabás!

Nada havia de extraordinário; ela apenas o chamara pelo nome, mas todos a encararam admirados, sem compreender o que ela queria dizer. Os modos de Barrabás também eram estranhos, seu olhar ia, inquieto, de um lado para outro, como quando êle queria evitar olhar diretamente para alguém. O que significava tudo aquilo não se podia saber e, de mais a mais, pouco importava; o melhor era fazer de conta que não havia nada. Barrabás era bom companheiro, não havia negá-lo, mas era assim mesmo, nunca se chegava a saber ao certo o que se passava dentro dêle.

A mulher tornou a acocorar-se em seu canto, num pedaço de esteira estendido no chão de terra batida, mas sem tirar de Barrabás os seus olhos ardentes.

A mulher gorda trouxe comida para Barrabás, pois lhe ocorreu que êle devia estar esfomeado: certamente não se ganhava o que comer naquelas malditas e imundas cadeias. Pôs na mesa, em sua frente, pão, sal e um pedaço de carne-sêca de ovelha. Êle não comeu quase nada e passou os alimentos à mulher de lábio leporino, fingindo já estar satisfeito. Ela atirou-se sôbre a comida, devorando-a com a avidez de um animal. Depois precipitou-se para fora da casa e desapareceu.

Alguém se lembrou de perguntar quem era aquela mulher, mas naturalmente Barrabás nada respondeu. Seu jeito era êsse

mesmo. Era sempre assim, não se conseguia arrancar dêle qualquer coisa, quando se tratava de seus negócios pessoais.

— Que milagres costumava fazer aquêle pregador? — perguntou êle, voltando-se para as mulheres. — E o que pregava êle, afinal?

Responderam-lhe que curava os enfermos e afugentava os maus espíritos. Dizia-se também que tinha ressuscitado os mortos, mas ninguém sabia se era mesmo verdade; com certeza não era. Quanto ao que pregava, não tinham a menor idéia. No entanto, uma das mulheres conhecia certa história que o pregador teria contado: um homem preparara grande festim, de núpcias ou coisa parecida; os convidados, porém, não compareceram, e foi preciso sair pelas ruas e convidar qualquer pessoa que surgisse; o que conseguiram reunir foi uma farândola de mendigos e pobres miseráveis, famintos e quase sem roupa no corpo; então, parece, o grande senhor encolerizou-se, ou teria dito que tudo lhe era indiferente. A mulher não se lembrava mais como era bem a história. Barrabás escutava com a máxima atenção, como se lhe estivessem contando algo de extraordinário. E quando uma delas acrescentou que o homem era daqueles que acreditavam ser o Messias, passou a mão pela barba vermelha e ficou pensativo. Parecia refletir em alguma coisa.

— O Messias? Não, não deve ter sido... — murmurou para si mesmo.

— Claro que não, nem podia ser — disse um dos homens. — Se fôsse, nunca o poderiam ter crucificado; os próprios demônios teriam sido atirados por terra. Então não se sabia o que era um Messias?

— Naturalmente! Êle teria descido da cruz e matado a todos de um só golpe!

— Um Messias que se deixa crucificar! Já se ouviu falar em semelhante coisa?

Barrabás continuava a passar a larga mão pela barba, os olhos postos no chão de terra batida.

— Não, não era o Messias...

— Vamos, Barrabás, beba e não fique aí resmungando! — disse um de seus companheiros, dando-lhe um empurrão.

Era singular que ousasse fazê-lo, mas fazia-o. Barrabás, de fato, sorveu um gole da caneca de argila, afastando-a de si, meditativo. Pressurosas, as mulheres a encheram de nôvo e o fizeram tomar mais um gole. O vinho forçosamente produzia algum efeito, mas êle continuou distraído. Seu companheiro tornou a empurrá-lo.

— Agora trata de beber, e alegra-te por teres escapado e te encontrares entre teus melhores amigos, passando bem, em vez de estares apodrecendo numa cruz. Não é melhor assim? Não estás bem aqui, hem? Pensa nisso, Barrabás! Salvaste tua pele, vives! Tu vives, Barrabás!

— Sim, sim... — disse êle. — Certamente...

Aos poucos, conseguiram que êle não mais ficasse ali taciturno, matutando, que se tornasse um pouco mais alegre. Beberam e conversaram durante algum tempo e lhes parecia que êle não estava mais tão estranho!

Mas, enquanto discutiam os mais variados assuntos, êle saiu-se com uma pergunta espantosa. Queria saber o que achavam da escuridão daquele dia, quando o sol perdera o brilho durante algum tempo.

— Escuridão? Que escuridão? — fitaram-no admirados. — Aqui não houve nenhuma escuridão. Quando foi isso?

— Por volta da sexta hora, mais ou menos.

— Ah! Que história... Ninguém viu nada disso!

Êle ficou perturbado e lançou olhares desconfiados, de um para outro. Todos asseguraram que não tinham visto escuridão alguma, que ninguém em tôda Jerusalém vira qualquer coisa de anormal.

Teria realmente sido impressão sua, teria êle imaginado aquela escuridão em pleno dia? Era por demais estranho. Se êle, de fato, vira tudo escurecer, devia, sem dúvida, estar sofrendo da vista, por ter estado tanto tempo em reclusão, no cárcere. É, devia ser isso mesmo. A mulher gorda afirmou que, naturalmente, era por se não ter êle ainda acostumado

à claridade. Estivera, durante um momento, ofuscado pela ação da luz, o que não era de admirar.

Barrabás olhou-os pouco seguro de si mesmo, depois pareceu aliviado. Aprumou-se um pouco, estendeu a mão para a caneca e bebeu a grandes goles. Não a largou desta vez; esticou o braço para que a enchessem de nôvo, o que logo se fêz. Todos beberam. Percebia-se que começava a achar melhor gôsto no vinho. Bebia agora como costumava fazer outrora, quando o convidavam, e notava-se que a bebida o reanimava. Não se tornou comunicativo em excesso, mas pôs-se a contar como vivera na prisão. Tinha sido um verdadeiro inferno. Não seria mesmo de admirar se ainda estava meio tonto. Mas tinha realmente escapado, imaginem! Não era pouco; quando metem a garra em alguém, não o soltam mais! Uma sorte do diabo, safa! Em primeiro lugar, porque estivera para ser crucificado justamente no tempo da Páscoa, quando é costume libertar-se um condenado. E depois, porque fôra justamente êle o escolhido! Uma sorte danada! Era também sua opinião, e quando os companheiros lhe davam palmadas nas costas e se inclinavam sôbre êle, soprando-lhe no rosto seu hálito quente, êle ria-se e bebia com êles, com um por um. Animou-se, sua vivacidade foi aumentando cada vez mais, o vinho subia-lhe à cabeça. Abriu a túnica por causa do calor e espichou-se todo, como os outros, pondo-se mais à vontade. Agora, sim, sentia-se bem. Pôs os braços em tôrno da mulher que lhe estava mais próxima e puxou-a para si. Às gargalhadas, ela pendurou-se-lhe no pescoço. Mas a gorda arrancou-o dela, dizendo que agora reconhecia seu querido, que êle estava como devia estar, que tinha recuperado o seu estado normal, depois da horrível prisão. Nunca mais êle devia imaginar bobagens; nem ver escuridão. Nada disso; não, não, não... Atraiu-o para si e comprimiu a bôca contra o seu rosto; passou-lhe os dedos carnudos na nuca e brincou com sua barba vermelha. Todos se alegraram com a mudança, vendo que êle era outra vez o mesmo de sempre, voltando a ter, como antes, os seus momentos de bom-humor. Entre-

garam-se a uma alegria desenfreada. Beberam, conversaram, concordaram em tudo, acharam muito agradável o momento que estavam passando juntos, e um animou o outro e a bebida animou a todos. Aquêles homens, desde vários meses, não provavam uma gôta de vinho nem viam uma única mulher; estavam tirando a desforra. Dentro em breve voltariam às montanhas, não lhes restava mais muito tempo. Era preciso festejar convenientemente a passagem por Jerusalém e a libertação de Barrabás. Embriagavam-se com o vinho acre e forte e entregavam-se ao prazer com tôdas as mulheres, menos a gorda, levando-as para trás de uma peça de pano estendida no outro extremo do quarto, de onde saíam vermelhos e esbaforidos para recomeçar a beber e a vociferar. Faziam tudo de modo completo, como era costume.

Continuaram assim até o crepúsculo. Então os dois homens se ergueram e declararam chegada a hora de se porem a caminho. Fizeram as despedidas, cobriram-se com suas peles de cabra, sob as quais ocultaram as armas, e esgueiraram-se para a rua, já imersa em semi-escuridão. As três mulheres, embriagadas e completamente exaustas, foram logo deitar-se atrás do pedaço de pano, onde não tardaram a adormecer. Uma vez a sós com Barrabás, a mulher gorda perguntou se não tinha chegado o momento para ambos também se entregarem ao prazer; êle bem podia precisar disso, depois dos maus tratos sofridos na prisão; quanto a ela, sentia o maior desejo em se entregar a um homem que penara tão longo tempo numa masmorra e estivera prestes a ser crucificado. Ela o conduziu ao terraço, onde havia uma cabana de fôlhas de palmeira para a estação quente. Deitaram-se e, tendo ela o afagado um pouco, o homem tornou-se desenfreado e espojou-se sôbre o grande corpo como se nunca mais quisesse dêle se apartar. A noite já ia em meio, e êles quedavam esquecidos do mundo que os rodeava.

Finalmente, ambos estavam esgotados e ela virou-se para o lado, adormecendo no mesmo instante. Êle, porém, continuou acordado junto ao corpo suarento da companheira, fitando a

cobertura da cabana de fôlhas. Pensava no homem pregado à cruz do centro e no que se passara na colina do suplício. Em seguida, pôs-se a pensar no caso da misteriosa escuridão.

Seria, como os outros tinham dito, pura imaginação? Ou talvez um fenômeno que só se dera no Gólgota, já que ninguém o notara em outros lugares? Lá no alto tudo escurecera, não havia a menor dúvida, pois até os soldados tinham sido tomados de pavor. Ou também isso êle teria apenas imaginado? Não passaria de produto de sua imaginação tudo o que vira? Não, êle não conseguia desvendar o intricado caso, não compreendia o que tinha sido aquilo...

Pensou de nôvo no crucificado. Deitado, com os olhos muito abertos, sem poder adormecer, sentia o contato das costas gordas da mulher. Através das palmas sêcas da cobertura podia ver o céu. Devia ser o céu, embora aí não brilhasse uma única estrêla. Ali só havia a imensa escuridão...

A escuridão que reinava sôbre o Gólgota e sôbre o mundo.

III

No dia seguinte, passeando pela cidade, Barrabás encontrou muita gente conhecida, amigos e inimigos. Pareciam na maioria admirados de o ver, e havia os que estremeciam como se tivessem deparado com um fantasma. Isso causava-lhe uma sensação desagradável. Não sabiam então que êle tinha sido libertado? Quando compreenderiam que não fôra êle o crucificado?

O sol estava ardente; como era estranho custarem os olhos a habituar-se àquela forte claridade! Teria contraído realmente algum mal da vista durante a sua longa reclusão? Em todo o caso achou melhor ficar na sombra. Ao passar pela galeria de colunas da rua que conduzia à praça do Templo, resolveu sentar-se sob a arcada para descansar um pouco os olhos. Na sombra sentiu um grande alívio.

Viu, mais adiante, alguns homens sentados ao longo da parede. Conversavam em voz baixa e não pareceram apreciar muito sua chegada, pois o olhavam de soslaio e abaixaram ainda mais a voz. Ouvia uma ou outra palavra, mas lhe

era impossível seguir o fio da conversa. Aliás, esta não o interessava, os segredos daquela gente não eram de sua conta. Um dêles, homem de sua idade, tinha também barba vermelha igual à sua, que se fundia completamente nos cabelos ruivos, bastos e desgrenhados. Os olhos azuis tinham qualquer coisa de singularmente ingênuo, e o rosto era largo e cheio. Tudo nêle era grande e forte. Era um rapagão desempenado e, a julgar por suas mãos e vestes, devia ser artesão. Pouco importava a Barrabás quem fôsse o homem ou qual o seu aspecto, mas era uma dessas pessoas que não se pode deixar de notar, embora nada houvesse nêle verdadeiramente fora do comum, a não ser os olhos azuis.

O homem estava evidentemente triste e os outros pareciam partilhar sua tristeza. Deviam estar falando de alguém que tinha morrido, ou de coisa parecida. De vez em quando, todos suspiravam dolorosamente, embora fôssem homens adultos. Se, de fato, assim era, se lamentavam a morte de alguém, fariam melhor em deixar seus queixumes às mulheres, a quaisquer carpideiras.

De repente, Barrabás percebeu que o morto do qual falavam tinha sido crucificado — e que o tinha sido ainda ontem. Ontem...?

Apurou o ouvido, mas os homens baixaram de nôvo a voz e êle nada mais pôde entender.

De quem falariam êles?

Pela rua passava gente e era impossível ouvir alguma coisa mais. Quando, porém, voltou a reinar relativo silêncio, ouviu o suficiente para entender que era mesmo sôbre o que pensara. Era *dêle* que estavam falando. Do homem que...

Coisa estranha... Êle mesmo pensara, pouco antes, no homem! Passando por acaso em frente ao portão do palácio, pensara no crucificado. Perto do lugar em que o condenado tinha sucumbido ao pêso da cruz, recordara-se outra vez de tudo. E agora aquela gente falava dêsse mesmo homem... Era estranho. Que teriam que ver com o crucificado? E por

que baixavam a voz? Só o môço robusto de cabelos ruivos falava às vêzes de modo que se ouvia dali; sua compleição de gigante parecia não se adaptar a cochichos.

Diriam êles qualquer coisa acêrca da... da tal escuridão? De ter escurecido no momento de *sua* morte?

Barrabás pôs-se a ouvir atentamente, com tal exaltação que o deviam ter notado, pois se calaram de repente; ficaram mudos durante muito tempo, e sem proferir palavra o olhavam de esguelha. Depois, murmuraram entre si qualquer coisa que êle não pôde entender. Um pouco mais tarde, despediram-se do môço ruivo e foram embora. Eram quatro e nenhum dêles agradou a Barrabás.

Êle continuou ali sentado, a sós com o rapagão atlético. Tinha grande desejo de dirigir-lhe a palavra, mas não atinava com o que dizer para comêço. O homem movia os lábios e sacudia às vêzes a grande cabeça. Segundo o hábito da gente simples, êle manifestava suas preocupações por gestos. Finalmente, Barrabás perguntou-lhe sem rodeios qual a causa de sua aflição. Êle ergueu, com ar perturbado, os olhos azuis, muito redondos, e nada respondeu. Mas, após ter encarado o desconhecido durante alguns segundos, com expressão ingênua e crédula, perguntou se Barrabás não era de Jerusalém. Não, não era. Mas parecia que falara com o sotaque de gente daquela cidade. Barrabás respondeu que não vinha de muito longe, era das montanhas, vinha do leste. Viu-se claramente que isso inspirou mais confiança ao outro. Não gostava muito do povo de Jerusalém, disse-o diretamente; aquela gente não merecia a mínima confiança. Uns patifes, verdadeiros bandidos, isso sim... Barrabás riu-se e concordou plenamente. E êle, de onde vinha? Ah, vinha de longe, de muito longe! Seus olhos infantis tentaram expressar o quanto era distante o lugar de onde vinha. Confiou abertamente a Barrabás que desejava tanto estar em sua casa, em sua terra natal, por êle preferida a Jerusalém ou a qualquer outro lugar do mundo. Mas não podia já voltar, não podia viver e morrer em sua terra, como queria, como tinha imaginado outrora.

Barrabás o estranhou. Por quê? Quem o poderia impedir, se cada um tem o direito de fazer de si o que quiser?

— Oh, não!... — respondeu, pensativo, o rapaz. — Não é assim, não.

Barrabás não pôde deixar de perguntar por que então estava êle ali. O outro não respondeu logo. Depois, hesitante, disse que era por causa de seu Mestre.

— Teu Mestre?

— Sim. Não ouviste falar no Mestre?

— Não.

— Naquele que foi crucificado ontem no Gólgota?

— Ah, foi? Não sabia disso. Por que foi êle crucificado?

— Porque estava determinado que assim tinha de acontecer.

— Determinado? Estava decidido que êle seria crucificado?

— Sim. Está nas escrituras. Além disso, o próprio Mestre o profetizou.

— Êle o predisse? E está nas escrituras? Não as conheço tão bem para estar a par do que elas dizem.

— Nem eu. Mas sei que é assim.

Barrabás não o punha em dúvida. Mas por que motivo tinha o Mestre fatalmente de ser crucificado? De que serviria? Era bem estranho.

— É o que também acho. Não compreendo a razão dessa absoluta necessidade de morrer. E ainda por cima, de maneira tão horrível. Mas as coisas deviam passar-se como êle tinha profetizado. Tudo teve de acontecer como estava determinado, como fôra ordenado. E êle mesmo — acrescentou o rapaz, inclinando a grande cabeça — repetiu tantas vêzes que ia sofrer e morrer por nós...

Barrabás fitou-o:

— Morrer por nós?

— Sim. Em nosso lugar. Sofrer e morrer inocentemente, por nossa causa. Devemos admitir que somos nós os culpados e não êle.

Barrabás ficou olhando a rua e não perguntou mais nada durante algum tempo.

— Agora que êle morreu, compreende-se muito melhor o que êle costumava dizer — murmurou o outro, como se falasse consigo mesmo.

— Tu o conhecias bem? — perguntou Barrabás.

— Claro. Conheci-o muito bem. Estive com êle, lá em cima, desde o comêço, quando estava entre nós.

— Ah, bem. Êle era lá de tua terra.

— E depois o segui sempre, por tôda a parte, por onde quer que êle andasse.

— Por quê?

— Por quê? Bem, isso agora... Por aí se vê bem que não o conheceste...

— Que queres dizer com isso?

— Êle tinha poder sôbre a gente, compreendes? Um estranho poder, um domínio... Dizia simplesmente: "Segui-me!" E tinha-se de segui-lo. Não se podia fazer outra coisa. Se o tivesses conhecido, compreenderias melhor... Também o terias seguido.

Barrabás calou-se. Mas, após um momento de silêncio:

— Sim, deve ter sido um homem extraordinário, se o que dizes é verdade. No entanto, o fato de ter sido crucificado não prova que sua fôrça não era, afinal, tão grande assim?

— Não... Não é isso. Eu também pensei assim a princípio e é justamente o que me aflige — ter acreditado em semelhante coisa, ainda que fôsse um só momento. Mas agora creio que compreendi o sentido de sua morte ignominiosa, agora que refleti um pouco e falei com os outros, mais versados nas escrituras. Vês, por nossa causa, êle, inocente, teve de sofrer tudo o que sofreu, até mesmo descer ao reino das sombras. Mas êle voltará para dar provas de seu infinito poder. Êle ressuscitará de entre os mortos! Estamos absolutamente certos disso.

— Ressuscitar? Ressurgir depois de morto? Que bobagem!

— Não é bobagem. Êle o fará. E muitos acreditam que será amanhã bem cedo. Amanhã será o terceiro dia. Êle decla-

rou, parece, que ficaria três dias no reino dos mortos. Eu mesmo nunca o ouvi dizê-lo, mas consta que assim o predisse. E amanhã, ao nascer do sol...

Barrabás deu de ombros.

— Não o acreditas? — perguntou o outro.

— Não.

— Não, não... Nem podes acreditar... Nunca o conheceste. Mas muitos entre nós acreditam. E por que não, se êle ressuscitou tantos mortos?

— Ressuscitou mortos? Não é possível!

— É, sim. Eu o vi com meus próprios olhos.

— É verdade mesmo?

— Claro que é. A pura verdade. Seu poder é ilimitado. Pode fazer tudo, é só êle querer. Ah, seria bom se quisesse usar o poder em benefício próprio! Mas nunca o fêz antes.

— E por que se deixou então crucificar, se tinha tanto poder?

— Pois, é... Já sei... Não são coisas fáceis de compreender. Sou um homem simples, sabes? Não me é nada fácil compreender tudo isso, podes crer.

— Não estás certo de que êle vai ressuscitar?

— Estou, sim, claro que estou. O que êles dizem é a verdade, estou convencido disso. O Mestre voltará para revelar-se perante nós em tôda a sua glória e esplendor. Estou absolutamente certo disso e êles, que o afirmam, conhecem as escrituras muito melhor do que eu. Será um grande dia. Dizem que vai começar então uma nova era, a era da bem-aventurança, em que o Filho do Homem regerá o seu reino.

— O filho do homem?

— Sim. É como êle chamava a si mesmo.

— O filho do homem?

— Assim dizia êle. Mas há quem acredite... Não, não o posso dizer...

Barrabás aproximou-se mais:

— O que acreditam êles?

— Acreditam... que êle é filho do próprio Deus.

— O filho de Deus!

— É... Mas pode não ser verdade. Quase nos causa inquietação. Eu gostaria mais de vê-lo voltar como êle era antes.

Barrabás não pôde conter sua agitação.

— Como podem êles dizer semelhante absurdo! — gritou, exaltado. — O filho de Deus! O filho de Deus crucificado! Devias compreender que tal coisa é impossível!

— Eu já disse que pode não ser verdade. Tornaria a dizê-lo, se assim o quiseres...

— Quais são os loucos que acreditam nisso? — continuou Barrabás. A cicatriz sob o ôlho tornou-se mais vermelha, como sempre acontecia nas ocasiões em que se exaltava. — O filho de Deus? Claro que não era! Acreditas que o filho de Deus desceria à terra? E começaria por percorrer sua região natal e pregar?

— Por que não? Seria bem possível. Podia tão bem começar lá como em qualquer outro lugar. É uma cidade pobre e pequena, bem sei. Mas em algum lugar era preciso começar.

O homem era tão ingênuo que Barrabás teve vontade de rir. Mas sua agitação o impedia. Durante todo o tempo arrumava o seu manto de pêlo de cabra, como se êste se achasse prestes a cair-lhe dos ombros, o que não era o caso.

— E os prodígios que assinalaram sua morte? — disse o outro. — Já pensaste nêles?

— Que prodígios?

— Tudo escureceu no momento de sua morte. Não o sabias?

Barrabás virou o rosto e passou as mãos nos olhos.

— Nem que a terra tremeu e a colina do Gólgota se fendeu no lugar onde estava erguida a cruz?

— Isso não é verdade! É pura invenção. Como sabes que a colina se fendeu? Estiveste lá para ver?

Uma completa mudança operou-se sùbitamente no outro. Olhou para Barrabás, meio titubeante, depois abaixou os olhos:

— Não, não... Eu nada sei ao certo. Não o presenciei. nem o posso atestar — balbuciou êle.

Ficou longo tempo mudo e triste, suspirando dolorosamente. Afinal, pousando a mão no braço de Barrabás, continuou:

— Vês... Eu não estava com meu Mestre quando êle sofria e agonizava. Eu tinha fugido. Abandonei-o e fugi. E antes já o tinha renegado. E aí está o pior de tudo... que o reneguei. Como poderá êle me perdoar, se voltar? Que direi eu, que responderei, se êle me interrogar?

Ocultou com as mãos o rosto cheio e barbado, num gesto de desespêro:

— Como pude fazer semelhante coisa? Como é possível que se possa cometer tal êrro?...

Seus límpidos olhos azuis estavam úmidos quando êle, afinal, ergueu a cabeça e fitou Barrabás:

— Perguntaste-me o que me afligia. Agora o sabes. Agora sabes como me sinto. E meu Senhor e Mestre o sabe ainda melhor. Sou apenas uma pobre e miserável criatura humana... Crês que êle me perdoará?

Barrabás disse acreditar que sim. Na realidade, o que ouvia não bastava para despertar nêle grande interêsse, mas em todo o caso disse que sim, para mostrar simpatia e porque sentia pena daquele homem que acusava a si mesmo como criminoso, embora nada tivesse feito de mal. Pois haveria alguém no mundo que nunca tivesse traído, de um modo ou de outro?

O homem tomou-lhe a mão, apertando-a fortemente.

— Achas que sim? Achas que sim? — repetiu, consternado.

Nesse momento, alguns homens passaram na rua. Quando viram o môço ruivo e o homem com quem falava, cuja mão retinha na sua, estremeceram e pararam, não querendo acreditar no que viam. Aproximaram-se depressa e, abordando com profundo respeito o homem mal vestido, gritaram alvoroçadamente:

— Não sabes quem é êste indivíduo?

— Não — respondeu êle, o que era verdade. — Não sei. Mas é um homem compassivo e nos entendemos muito bem.

— Não sabes então que foi em seu lugar que o Mestre foi crucificado?

O homem largou a mão de Barrabás e olhou de um para outro lado, sem poder ocultar a sua perturbação. Os recém-chegados revelaram ainda mais claramente o que pensavam e sentiam, e ouvia-se-lhes a respiração ofegante, que denotava indignação.

Barrabás se tinha erguido e lhes virara as costas, para que ninguém lhe visse o rosto.

— Fora daqui, maldito! — gritaram os homens com violência.

Êle envolveu-se em seu manto e afastou-se, só, pela rua fora, sem se voltar uma única vez.

IV

A mulher de lábio leporino não conseguia dormir. Com os olhos erguidos para as estrêlas, pensava no que ia acontecer. Não queria adormecer, estava disposta a velar a noite inteira.

Deitada num monte de ramos e palha ajuntados numa vala fora da Porta do Monturo, ouvia em tôrno de si os enfermos gemendo e agitando-se no sono, e o tilintar da sinêta do leproso, que a dor forçava às vêzes a levantar-se. O mau cheiro dos vastos amontoados de lixo enchia todo o vale e dificultava a respiração. Ela, porém, estava tão acostumada que não o sentia. Aliás, todos que ali viviam não sentiam mais o mau cheiro.

Amanhã ao nascer do sol... Amanhã ao nascer do sol...

Que pensamento maravilhoso: dentro em breve os doentes seriam curados e os famintos receberiam alimentos! Mal se podia imaginá-lo. Como seria? O céu se abriria e os anjos desceriam para alimentar tôda a gente, pelo menos todos os

pobres. Os ricos, provàvelmente, continuariam a comer em suas próprias casas, mas todos os pobres, todos os que sofriam realmente fome, seriam alimentados pelos anjos. Aqui, junto à Porta do Monturo, toalhas seriam estendidas pelo campo, brancas toalhas de linho, cobertas das mais variadas iguarias e todos se estenderiam no solo para comer. Nem era tão difícil imaginá-lo; bastava pensar que tudo séria completamente diverso do que era agora. Tudo mudaria, nada seria mais como o que se estava habituado a ver todos os dias.

Talvez ela mesma tivesse então outras vestes, quem sabe? Brancas, talvez. Ou uma túnica azul? Tudo iria transformar-se, pois o filho de Deus já teria ressurgido e a alvorada de uma nova era estaria raiando.

Em tudo isso ela pensava, ali deitada, pensava em como o mundo ia ser depois.

Amanhã... Amanhã ao nascer do sol. Era tão bom sabê-lo...

Ouviu, já mais perto, o conhecido tilintar das sinêtas do leproso, que tinha o hábito de subir até ali à noite; as pessoas atingidas por êsse mal viviam confinadas no fundo do vale, e não tinham o direito de transpor sua barreira; mas, na escuridão, êle se atrevia a fazê-lo. Era como se o infeliz procurasse a proximidade dos sêres humanos, e êle mesmo, aliás, já o dissera uma vez. Ela o viu avançando cautelosamente entre as pessoas adormecidas, sob a luz das estrêlas.

O reino da morte... Como seria, afinal? Diziam que agora o Mestre percorria o reino da morte... Qual seria o aspecto dêsse lugar? Não, isso ela não podia imaginar...

O velho cego gemia no sono. Um pouco mais longe, o jovem macilento arquejava, como sempre. Bem perto dêle estava deitada a mulher galiléia que sofria de convulsões por ter entrado nela o espírito de outro. Os arredores pululavam de sêres semelhantes, que buscavam na fonte a cura para seus males, e de pobres miseráveis que viviam dos detritos encontrados no monturo. No dia seguinte, porém, ninguém

mais iria escarafunchar por ali. Êles contorciam-se no sono mas já não era necessário ter compaixão dêles.

Talvez a água fôsse purificada pelo sôpro de um anjo. E os doentes que nela entrassem seriam realmente curados, até mesmo os leprosos. Ser-lhes-ia permitido descer à fonte? Até isso seria permitido? Não se podia mesmo saber ao certo o que iria acontecer... Não, afinal de contas, não se sabia muita coisa...

Talvez nada ocorresse à fonte e nem se pensaria nela. Quem sabe se legiões de anjos, adejando sôbre o vale do Guében-Hinnom, sôbre tôda a terra, não varreriam com suas asas as doenças, as tristezas e as desgraças?

Deitada na palha, a mulher imaginava que talvez tudo fôsse acontecer assim.

Depois pensou no dia em que tinha encontrado o filho de Deus, e na bondade que êle havia demonstrado. Jamais alguém tinha sido tão bondoso para com ela. Podia muito bem ter-lhe suplicado que a curasse de sua deformidade, mas não o fizera, de propósito. Teria sido fácil para êle, porém ela não quisera pedir. Êle ajudava os que realmente necessitavam de ajuda, realizava obras grandiosas. Não o quisera importunar por tão pouco.

Não era estranho, muito estranho, o que êle dissera ao aproximar-se, vendo-a ajoelhada na poeira do caminho?

— Também imploras milagres de mim? — perguntara êle.

— Não, senhor. Contento-me em te ver passar.

Então, fitando-a, muito meigo e ao mesmo tempo triste, êle a afagara na face e tocara-lhe a bôca, sem que alguma modificação se operasse. Depois dissera:

— Tu darás testemunho de mim.

Que palavras extraordinárias! Que quereria êle dizer? Darás testemunho de mim? Ela? Era incompreensível. Como o poderia fazer?

Êle não tivera dificuldade em entender o que ela dizia; como a todos os demais, entendera-a imediatamente. Mas nada havia de surpreendente nisso, pois era o filho de Deus.

Ali deitada, ela pensava em tanta coisa... Na expressão do Mestre quando êle lhe dirigira a palavra, no odor de suas mãos quando lhe tocara os lábios.

As estrêlas se refletiam em seus grandes olhos, muito abertos, e ela viu, admirada, que se tornavam mais numerosas quanto mais tempo as contemplava. Desde que deixara de morar sob um telhado, tinha visto tantas estrêlas... Que eram, afinal? Não o sabia. Tinham sido criadas por Deus, naturalmente, mas que eram? No deserto havia muitas estrêlas... E também nas montanhas. Nas montanhas de Gilgal... Mas não *na noite em que*... Não, naquela noite, não.

Recordou-se, depois, da casa entre os dois cedros... Em pé, na soleira da porta, a mãe a seguia com os olhos, enquanto ela descia a encosta, sob o pêso da maldição... Sim, era natural que seus pais a escorraçassem de casa e que ela devesse viver, daí por diante, como os animais em suas tocas... Lembrou-se dos campos, muito verdes na primavera, e da mãe que ficara, vendo-a partir, meio oculta na sombria abertura da porta para não ser vista por aquêle que amaldiçoava...

Mas agora tudo aquilo não significava mais nada. Nada mais tinha importância agora.

O cego ergueu-se e pôs o ouvido à escuta. Acordara e ouvia as sinêtas do leproso.

— Fora daqui! — gritou êle, ameaçando-o na escuridão, com o punho fechado. — Some-te! Que vens fazer aqui?

O som das sinêtas foi morrendo aos poucos, na noite, e o velho tornou a deitar-se, resmungando, a mão sôbre os olhos vazios.

As crianças mortas também estariam no reino das sombras? Era provável que sim, a não ser, naturalmente, as que morriam no seio materno. Afinal, não se podia torturá-las; fazê-las sofrer não seria possível. Ela, porém, nada sabia ao

certo sôbre isso... Não sabia nada ao certo... Maldito seja o fruto de tuas entranhas...

Com a nova era que ia começar, tôdas as maldições não estariam afastadas? Podia ser... Mas ninguém sabia com certeza...

Maldito seja... o fruto de tuas entranhas...

Tremeu como se sentisse frio. Como ela ansiava pelo clarear do dia! Ainda tardaria muito a madrugada? Parecia-lhe fazer muito tempo que estava deitada, e que a noite não tinha fim. Mas, as estrêlas, lá no alto, já não eram as mesmas, e a lua, em foice, desde muito tinha desaparecido atrás da montanha. Já se verificara a terceira rendição da sentinela, pois ela vira, pela terceira vez, a luz dos archotes sôbre o muro da cidade. A noite certamente se findava. A última noite...

A estrêla-d'alva surgiu sôbre o Monte das Oliveiras. Ela reconheceu-a logo: era uma estrêla grande e brilhante, muito maior que tôdas as outras. Nunca a vira tão luminosa. Cruzou as mãos sôbre o peito cavo e continuou por algum tempo deitada, fitando o astro com olhos ardentes.

Depois se levantou precipitadamente e partiu, desaparecendo na escuridão.

Êle estava acocorado atrás de um arbusto de tamargas, do outro lado da estrada, exatamente em frente à sepultura. Assim que o dia clareasse êle a veria. Do sítio em que se achava ia vê-la muito bem. Que o sol saísse logo!

Êle naturalmente sabia que o morto não ia sair da sepultura, mas assim mesmo queria certificar-se com seus próprios olhos para afastar tôda e qualquer sombra de dúvida. Levantara-se, por isso, muito cedo, antes do nascer do sol, e viera colocar-se à espreita, atrás do arbusto. Admirava-se do próprio gesto, de ver-se ali, à espera de um milagre. Por que, afinal

de contas, se interessava tanto pelo caso? Que tinha êle que ver com tudo aquilo?

Esperava que mais gente viesse ao lugar para presenciar o grande milagre, e escondera-se, pois não queria ser visto. Mas era evidente que ali não havia ninguém à não ser êle mesmo. Coisa bem estranha...

Nisso, porém, divisou a certa distância, provàvelmente no meio do caminho, um vulto ajoelhado. Quem seria e por onde teria vindo? Não ouvira ninguém se aproximar. Parecia uma mulher. A vaga silhuêta cinzenta mal se destacava na poeira da mesma côr.

O dia vinha clareando e não tardou que os primeiros raios do sol caíssem sôbre a rocha na qual estava cavada a sepultura. Tudo se passou tão rápido que Barrabás nada pôde ver, justamente nos momentos mais importantes. O sepulcro, vazio! A laje tinha sido derrubada para um lado, e a cavidade aberta na parede da rocha estava igualmente vazia!

No primeiro momento, foi tal o seu espanto que ficou estatelado, olhando para a abertura na qual êle mesmo tinha visto depositarem o corpo do crucificado, e para a grande laje com que, sob as suas vistas, a tinham tornado a fechar. Mas depois compreendeu tudo. Nada de extraordinário havia acontecido. A pedra estivera virada todo o tempo, quando êle chegou já estava assim, e vazia se achava a sepultura. Não era difícil adivinhar quem havia derrubado a laje e carregado o cadáver. Os discípulos, naturalmente, durante a noite... Protegidos pela escuridão, tinham levado o querido e adorado Mestre, a fim de poderem dizer mais tarde que êle ressuscitara, exatamente como predissera. Não eram precisos grandes cálculos para chegar-se a esta conclusão.

Por isso é que êles não apareciam agora de manhã quando, ao alvorecer, o milagre devia ter ocorrido. Agora se mantinham à distância!

Barrabás saiu de seu esconderijo e foi examinar direito a sepultura. Ao passar pelo vulto cinzento, ajoelhado no meio do caminho, viu surprêso, que era a mulher de lábio lepo-

rino. Deteve-se para observá-la. O rosto pálido e escaveirado da mulher estava voltado para a sepultura vazia e seu olhar extasiado não via outra coisa. Tinha a bôca entreaberta e mal respirava; o aleijão que lhe deformava o lábio superior estava todo branco. Ela nem notou a presença de Barrabás.

Vê-la dêsse modo causou-lhe sensação estranha, quase de impudor. Veio-lhe à lembrança algo de que não queria mais se lembrar. Recordou-se de outra ocasião em que vira o rosto daquela mulher assim, como hoje. Então também sentira vergonha... Deu de ombros e afastou de si essa imagem do passado.

Finalmente ela o viu. Também se admirou muito de o encontrar ali. Não era de estranhar, pois êle mesmo estava admirado de encontrar-se naquele lugar. Que tinha êle que ver com tudo aquilo?

Barrabás teria preferido simular que vinha simplesmente andando pelo caminho e só por acaso passava por ali, sem saber que lugar era aquêle nem que havia qualquer sepultura por perto. Saberia êle fingir? Talvez não o conseguisse, talvez ela não o acreditasse. Em todo o caso foi ao seu encontro e perguntou:

— Que fazes aí, de joelho?

A mulher não ergueu os olhos nem se moveu. Continuou como antes, os olhos postos no sepulcro aberto na rocha. Numa voz quase inaudível, murmurou:

— O filho de Deus ressuscitou...

Êle sentiu-se singularmente comovido ao ouvir essas palavras. Contra a sua vontade, sentiu alguma coisa, mas não podia definir o que era. Ficou parado durante algum tempo, indeciso, sem saber o que dizer nem o que fazer. Depois se aproximou do sepulcro, como tencionara, e certificou-se de que êle estava vazio. Mas isso, afinal, êle já sabia de antemão, e, além do mais, lhe era indiferente. Que lhe importava que estivesse vazio ou não? Voltou em seguida para junto da mulher, que permanecia no mesmo lugar. Seu rosto estava tão transfigurado e irradiava tal bem-aventurança, que êle

experimentou um sentimento de sincera pena. Pois o que a tornava assim feliz não era verdade, não existia. Poderia ter-lhe explicado o que havia de exato naquela ressurreição, mas... não a tinha já magoado suficientemente? Não lhe fizera antes todo o mal de que era capaz? Não pôde decidir-se a dizer-lhe a verdade. Perguntou-lhe, cautelosamente, como ela achava que as coisas tinham-se passado, de que maneira o morto havia ressuscitado.

Ela encarou-o espantada. Então êle não sabia? Em seguida, radiante e transportada, pôs-se a contar detalhadamente, com sua voz anasalada, como um anjo se precipitara dos céus, o braço estendido que nem ponta de lança e o manto ondulado qual enorme chama. A ponta de lança penetrara entre a laje e a rocha, separando-as. Parecia a coisa mais simples dêste mundo, e de fato o era, embora fôsse um milagre. Eis o que se passara. Êle não o tinha visto?

Barrabás baixou os olhos e respondeu que não. No íntimo, estava muito satisfeito por nada ter visto. Era prova de que seus olhos agora estavam normais como os de tôda a gente, que êle não sofria mais alucinações, vendo apenas o que realmente existia. Aquêle homem não exercia mais poder sôbre êle. Não vira ressurreição nem nada. A mulher, no entanto, continuava ali, com os olhos brilhantes, rememorando o que presenciara.

Finalmente, ela se pôs de pé para ir-se embora e andaram juntos um pedaço do caminho, em direção à cidade. Não trocaram muitas palavras, mas êle soube que, desde o último encontro, ela começara a acreditar naquele a quem chamava o Filho de Deus, e a quem êle, por sua vez, chamava o morto. Quando, porém, lhe perguntou o que ensinava afinal aquêle homem, ela não quis responder; virou o rosto, evitando que seus olhos com os dêle se encontrassem. Chegaram ao ponto em que o caminho se dividia; a mulher ia tomar a direção do vale do Guében-Hinnom, ao passo que êle pretendia con-

tinuar diretamente até à Porta de David. Antes de se separarem, tornou de nôvo a perguntar-lhe qual era a doutrina que aquêle homem pregava, na qual ela acreditava, embora aquilo não fôsse de sua conta. Ela deteve-se, olhou para o chão, e depois atirou um olhar esquivo ao companheiro. Disse gaguejando:

— "Amai-vos uns aos outros".

Em seguida cada um foi para o seu lado.

Mas Barrabás parou e seguiu-a com os olhos, durante longo tempo.

V

Às vêzes, Barrabás perguntava a si mesmo por que permanecia em Jerusalém, onde nada tinha que fazer. Perambulava pela cidade, sem propósito algum, sem tomar qualquer resolução. Sabia muito bem que lá em cima, nas montanhas, os camaradas deviam estar-se admirando de sua demora. Por que tardava em ir, por que se detinha? Nem êle mesmo o sabia.

A mulher gorda acreditava a princípio que fôsse por sua causa, mas cedo verificou o engano. Ficou um pouco magoada mas, meu Deus, os homens sempre são ingratos quando obtêm com facilidade tudo o que desejam. Em todo o caso, ela o tinha a seu lado, aquêle que lhe fazia um grande bem. Era tão bom ter um guapo rapagão, ter alguém a quem se gostava de afagar! E com Barrabás ao menos havia uma certeza: não se importava com ela, mas também não andava atrás de nenhuma outra. Não se afeiçoava a ninguém. Nunca se apegara a quem quer que fôsse. De um modo ou de outro, sua indiferença a magoava, pelo menos nos momentos em que se

entregavam juntos ao amor. Às vêzes ela se sentia triste, e choramingava baixinho quando estava só. Isso, porém, não lhe era desagradável; o pranto tinha o seu lado bom. Ela possuía grande experiência no amor, e não o desdenhava em qualquer de suas formas.

O que ela não podia compreender é que Barrabás se demorasse tanto em Jerusalém. Que faria durante todo o dia? Não era preguiçoso como êsses vagabundos que sé viam por tôda a parte; habituara-se à vida movimentada e perigosa. Não era muito de seu feitio andar vadiando pelas ruas, sem fazer nada.

Não, êle não era mais o mesmo depois que lhe acontecera aquilo, que estivera para ser crucificado. Era-lhe aparentemente difícil acostumar-se à idéia de não o ter sido, dizia ela consigo, o que lhe pareceu tão absurdo, que, ali mesmo, deitada com as mãos sôbre o enorme ventre, à hora da pior canícula, riu-se às gargalhadas.

Barrabás não deixava de encontrar às vêzes adeptos do rabi crucificado. Não se podia dizer que os procurasse de propósito, mas êles andavam por tôda a parte, nas ruas e nas praças, e, quando por acaso os encontrava, detinha-se de boa vontade para uma rápida conversa, para perguntar acêrca do Mestre e da estranha doutrina da qual sabia tão pouco. Amai-vos uns aos outros... Evitava a praça do Templo e as ruas bonitas dos arredores, percorrendo sempre os becos da cidade baixa, onde os artesãos trabalhavam em suas oficinas e os vendilhões apregoavam mercadorias. Havia muitos crentes entre essa gente simples, e Barrabás não os achava tão desagradáveis como os que encontrara na galeria. Veio a conhecer grande parte de suas estranhas concepções, mas não era fácil penetrar na vida íntima dêles e compreendê-los plenamente, talvez por se exprimirem de maneira tão ingênua. Acreditavam firmemente que seu Mestre ressuscitara e não tardaria a vir, à frente de suas legiões celestes, instalar o seu reino. Todos diziam a mesma coisa, isso lhes devia ter sido ensinado. Mas nem todos estavam igualmente certos

de que êle era o filho de Deus. Alguns achavam pouco provável que êle o pudesse ser, pois o tinham visto e ouvido, tinham até falado com êle. Um dêles lhe tinha costurado um par de sandálias, tomara-lhe as medidas e tudo o mais. Êstes não podiam imaginar que êle fôsse filho de Deus. Muitos, porém, afirmavam que êle o era e que iria sentar-se nas nuvens, no trono do céu, ao lado do pai. Mas antes seria preciso que êste mundo imperfeito e cheio de pecados desaparecesse.

Que gente esquisita, aquela!

Sabiam muito bem que Barrabás não partilhava a sua crença e, por isso, estavam sempre prevenidos contra êle. Alguns demonstravam abertamente sua desconfiança e todos davam a entender que não lhe tinham grande simpatia. Barrabás estava acostumado a tais atitudes, mas, coisa curiosa, daquela vez sentiu-se magoado, o que jamais acontecera antes. Todos o evitavam e preferiam nada ter que falar com êle. Talvez fôsse o seu aspecto, o golpe de faca, de origem desconhecida, meio oculto pela barba, ou seus olhos, tão profundos que ninguém chegava a vê-los direito. Talvez fôsse isso que afugentasse as pessoas de quem êle se aproximava. Barrabás o sabia muito bem, mas que lhe importava a opinião dos outros? O que os outros pudessem pensar dêle sempre lhe fôra indiferente.

Nunca tivera antes a sensação de sofrer com o desprêzo que lhe votavam.

Aquêles adeptos do rabi, por sua vez, estavam estreitamente ligados entre si pelo laço mútuo de sua fé comum, e todos se precatavam para impedir penetrasse no seio da confraria alguém que nada tinha que ver com ela. Realizavam suas reuniões e seus ágapes de confraternização, em que repartiam entre si o pão, como numa grande família. Provàvelmente, isso fazia parte da doutrina, do seu "amai-vos uns

aos outros". O que não se podia saber era se também amavam alguêm que não fôsse como êles.

De forma alguma Barrabás quereria tomar parte num daqueles ágapes; só a idéia de ligar-se dessa maneira a outros o repugnava. Queria ser sempre livre e independente, nada mais.

Todavia, não deixava de os procurar.

Chegou ao ponto de fingir que desejava tornar-se um dêles, se apenas pudesse compreender bem a sua fé. Responderam-lhe que teriam grande prazer em vê-lo no meio dêles, e que de boa vontade tentariam explicar-lhe, como melhor pudessem, a doutrina do Mestre, mas na realidade não pareciam muito satisfeitos com a perspectiva, o que era bem estranho. Censuravam-se por não sentirem verdadeira alegria ante essas tentativas de aproximação, ante a possibilidade de angariarem nôvo adepto, o que habitualmente lhes causava tanto prazer. Qual seria o motivo? Barrabás, no entanto, o compreendeu. Levantou-se bruscamente e saiu a passos rápidos, tingindo-se-lhe de côr sanguínea a cicatriz.

Crer! Como poderia crer no homem que vira pregado numa cruz? No corpo, já morto desde tanto tempo e que não despertara para nova vida, como êle mesmo tinha verificado? Aquilo era pura imaginação! Tudo não passava de meras fantasias que aquela gente metia na cabeça! Ninguém despertava da morte, nem mesmo o adorado "Mestre" dêles! Além disso, êle, Barrabás, não era responsável pela escolha que se tinha feito! Isso era lá com êles! Podiam escolher qualquer um e a sorte decidira: o escolhido fôra êle. Filho de Deus! Ora, aquêle não era filho de Deus, nem nada! Se o fôsse, não teria sido crucificado, a menos que êle mesmo o quisesse. Mas êle mesmo assim o quisera! Era estranho e horrível que êle *quisesse* sofrer. Fôsse realmente o filho de Deus, e nada lhe teria sido mais fácil do que escapar ao suplício. Mas êle não *queria* escapar. Queria sofrer e morrer da maneira mais atroz, não pretendia livrar-se, e assim acontecera, conseguira

o que queria, não fôra libertado. Deixara Barrabás livrar-se em seu lugar. Dera a ordem: "Libertai Barrabás e crucificai a mim."

Não era, pois, o filho de Deus; claro que não...

Usara seu poder da maneira mais singular possível. Empregara-o, por assim dizer, no sentido de não se prevalecer dêle, deixando aos outros resolver como queriam; abstivera-se de intervir, assim fazendo triunfar sua vontade, que era ser crucificado em lugar de Barrabás.

Afirmavam os discípulos que o Mestre morrera por êles. Podia ser. Mas verdadeiramente fôra por êle, Barrabás — ninguém o podia contestar! Estava na realidade mais próximo, mais ligado ao homem do que êles, do que qualquer outra pessoa; seu grau de relação com o crucificado era bem outro, mais íntimo e direto. E êles o repeliam, nada queriam com êle! Êle era o escolhido, podia-se dizer, escolhido para não sofrer, para escapar aos tormentos! Era o verdadeiro eleito, libertado em vez do filho de Deus, por êste o ter desejado e ordenado! E os outros nem o suspeitavam!

Mas sua "fraternidade", seus "ágapes" e seu "amai-vos uns aos outros" lhe eram indiferentes. Êle só queria a si mesmo. Em suas relações com aquêle a quem chamavam o filho de Deus, com o crucificado, êle era sempre o mesmo, era Barrabás, como em tudo o mais. Não era escravo subordinado ao Mestre, como êles! Não era dos que suspiravam e imploravam a seus pés.

Como podia alguém *querer* sofrer? Não sendo necessário, sem ser obrigado pela fôrça... É incompreensível, uma idéia assim só nos pode inspirar desgôsto. Assim pensando, Barrabás revia em mente o corpo magro e deplorável do crucificado, os braços que cediam, mal suportando o pêso do corpo, e a bôca tão ressequida que não conseguia pedir água. Não, êle não podia simpatizar com alguém que de tal maneira procurava o sofrimento, alguém que pregava a si mesmo numa cruz. Não apreciava, absolutamente, tal gesto nem o homem que o praticara. Mas aquela gente adorava o crucificado e

os sofrimentos dêle, sua morte vil e lamentável; dir-se-ia que, para êles, quanto mais degradante, mais miserável, melhor. Adoravam a própria morte. Era horrível, repulsivo, enchia-o de desgôsto. Sentiu aversão por êles, por sua doutrina e por aquêle em quem afirmavam crer.

Não gostava, absolutamente, da morte. Abominava-a, não tinha o menor desejo de morrer. Talvez por isso não morrera, por isso fôra escolhido para ser pôsto em liberdade. Se o crucificado fôsse realmente o filho de Deus, seria onisciente, e já saberia muito antes que Barrabás não queria sofrer nem morrer. Por isso havia tomado o seu lugar. Barrabás tivera apenas de segui-lo ao Gólgota para ver como o crucificavam. Nada mais se exigira dêle, e mesmo isso lhe parecera cruel, a tal ponto se lhe mostrara desagradável a morte e tudo quanto se relacionava com ela.

Sim, êle era verdadeiramente o homem pelo qual o filho de Deus havia morrido! A êle e a mais ninguém se destinavam suas palavras: "Libertai êste homem e crucificai a mim!"

Assim pensava Barrabás ao afastar-se dos discípulos, após haver tentado tornar-se um dêles. E deixou a largos passos a olaria do Beco dos Oleiros, onde tão claramente lhe haviam demonstrado que não queriam tê-lo em seu meio.

Tomou a resolução de não mais procurá-los.

Mas quando, no dia seguinte, passou por lá outra vez, perguntaram-lhe quais as dúvidas que encontrava na fé que professavam, mostrando-se arrependidos por não tê-lo acolhido carinhosamente e não se terem esforçado por instruir e esclarecer um homem tão ávido de conhecimentos. Que desejava êle perguntar? Que lhe parecia incompreensível?

Inicialmente, Barrabás quis dar de ombros e responder que não compreendia absolutamente nada e que tudo aquilo lhe era indiferente. Mas, pensando melhor, mencionou como exemplo a idéia da ressurreição, que lhe era difícil de conceber. Não acreditava que um morto pudesse retornar à vida.

Os oleiros ergueram os olhos e encararam-no; depois se entreolharam, de modo significativo. Após terem trocado entre

si algumas palavras em voz baixa, o mais idoso lhe perguntou se queria ver um homem que o Mestre tinha ressuscitado. Se êle quisesse, fariam com que o visse. Teria de ser à noite, após fecharem suas oficinas, pois o homem morava um pouco longe de Jerusalém.

Barrabás assustou-se. Por aquela não esperava. Imaginara que iriam debater em tôrno da questão, expor seus pontos de vista e não entrar em campo com prova tão esmagadora e convincente. É verdade que estava persuadido de que tudo aquilo não passava de fantasia, de piedosa fraude; o homem, sem dúvida, não tinha estado morto. Mas, mesmo assim, sentiu que o invadia um certo temor. De modo algum queria encontrar o tal homem. Mas não podia confessá-lo. Era preciso simular gratidão pela oportunidade que lhe ofereciam os discípulos de certificar-se do poder de seu Senhor e Mestre.

Pôs-se a vagar pelas ruas, à espera da hora combinada, num estado de crescente agitação. Voltou à olaria na hora de encerrarem o trabalho, e um môço o acompanhou, através das portas da cidade, até o Monte das Oliveiras.

O homem que procuravam morava numa pequena aldeia nos flancos da montanha. Quando o jovem oleiro afastou da entrada da casa a esteira de palha que a fechava, viram-no sentado, com os braços sôbre a mesa e os olhos fitos no espaço. Não pareceu notar a presença dos dois, antes que o jovem o saudasse com sua voz sonora. Então êle volveu lentamente a cabeça em direção à porta e respondeu ao cumprimento numa voz estranha, sem ressonância. Quando o jovem lhe transmitiu a saudação dos irmãos do Beco dos Oleiros e lhe disse ao que vinham, êle os convidou, com um gesto de mão, a tomar lugar à mesa.

Barrabás sentou-se em sua frente e não pôde deixar de observar aquêle rosto amarelado, duro e ósseo. A pele estava completamente ressecada. Barrabás nunca supusera que um rosto humano pudesse assumir tal aspecto, nunca vira algo tão desolado. Lembrava um deserto.

A uma pergunta do jovem, o homem explicou que, de fato, tinha estado morto, mas que o rabi da Galiléia, seu Mestre, o havia restituído à vida. Estivera quatro dias no túmulo, mas as fôrças de seu corpo e de sua alma eram as mesmas de antes, nada havia mudado. Tinha o Mestre, assim, revelado seu poder e sua glória, tinha mostrado que era o filho de Deus. O homem falava devagar, num tom monótono, olhando o tempo todo para Barrabás, com seus olhos pálidos e sem brilho.

Quando terminou, a conversa ainda prosseguiu durante algum tempo em tôrno do Mestre e de suas grandes obras. Barrabás não tomou parte no colóquio. Pouco depois, o jovem se ergueu e os deixou, para ir ver seus pais que moravam na mesma aldeia.

Barrabás não tinha nenhuma vontade de ficar a sós com o homem. Mas não podia ir-se embora assim, sem mais nem menos, e não atinou com um pretexto qualquer para o fazer. O outro o fixava sempre com seu estranho olhar apagado, que nada exprimia, sem demonstrar o mínimo interêsse pelo visitante, mas que, assim mesmo, atraía a êste de maneira inexplicável. Seu único anseio era evadir-se, libertar-se daquela estranha atração e fugir. Mas não o conseguia.

O homem permaneceu calado durante algum tempo, depois lhe perguntou se acreditava que o rabi era filho de Deus. Após alguma hesitação, Barrabás respondeu que não acreditava, pois lhe era penoso mentir em face daqueles olhos vazios que pareciam não se importar absolutamente se alguém mentia ou não. O homem não se alarmou, fêz apenas um sinal com a cabeça e disse:

— Eu sei. Muitos não o acreditam. A mãe, que estêve aqui ontem, também não o acredita. Mas a mim êle ressuscitou de entre mortos para que eu desse testemunho dêle.

Barrabás disse que, nesse caso, compreendia-se que êle acreditasse no Mestre, ao qual devia ser eternamente grato pelo grande milagre realizado. O outro respondeu que sim, que lhe agradecia todos os dias o ter-lhe restituído a vida, afastando-o do reino da morte.

— O reino da morte! — exclamou Barrabás, notando que a própria voz tremia. — O reino da morte? Como é êsse reino? Tu, que lá estiveste, dize-me, como é êle?

— Como é? — repetiu o outro, com olhar interrogativo.

Era evidente que não compreendia muito bem o que Barrabás queria dizer.

— Sim! Que lugar é êsse pelo qual andaste?

— Não estive em parte alguma — respondeu o homem, que não parecia gostar do arrebatamento de seu visitante. — Apenas estive morto. E a morte é o nada.

— Nada?

— Nada. Que queres tu que ela seja?

Barrabás fitou-o.

— Achas que eu devia contar-te algo a respeito do reino da morte? Pois não posso. O reino da morte é o nada. Êle existe... Mas é o nada.

Barrabás continuava a fitar aquêle rosto em ruínas, que lhe infundia pavor, mas do qual não podia tirar os olhos.

— Não... — continuou o homem, os olhos vazios fitando o espaço ao longe. — O reino da morte é o nada. E, para quem estêve lá, tudo o mais também o é. É estranho me fazeres semelhante pergunta — continuou. — Por que a fazes? Habitualmente não me perguntam tais coisas.

Contou que os irmãos de Jerusalém freqüentemente lhe enviavam gente para ser convertida e que muitos o tinham sido. Dêste modo, servia ao Mestre e compensava em parte a sua grande dívida de gratidão, pela vida que lhe fôra restituída. Quase todos os dias, o jovem oleiro ou outro confrade lhe trazia alguém, diante do qual atestava sua ressurreição. Mas não falava do reino da morte. Era a primeira vez que alguém indagava a êste respeito.

Começou a escurecer no interior da casa e o homem ergueu-se e acendeu o lampião de óleo suspenso do teto baixo. Depois trouxe pão e sal que pôs sôbre a mesa, entre ambos; partiu o pão e estendeu um pedaço a Barrabás, embebeu o seu no sal e convidou o visitante a fazer o mesmo.

Barrabás teve de aquiescer, embora sentisse que sua mão tremia. Comeram em silêncio, sob a luz mortiça do lampião a óleo.

Não repugnava a Barrabás partilhar de um ágape com êste homem, menos escrupuloso e exigente que os irmãos do Beco dos Oleiros, e que não fazia tão grande diferença entre uma coisa e outra. Mas quando aquela mão, com dedos secos e amarelos, lhe estendeu o pedaço de pão, e êle o teve de comer, julgou sentir na bôca um gôsto de cadáver.

Que significação podia ter o fato de comer em companhia daquele homem? Que mistério encerrava êste estranho repasto?

Quando terminaram, o homem acompanhou-o até a porta, desejando-lhe que partisse em paz. Barrabás murmurou qualquer coisa vaga, afastando-se apressadamente na escuridão da noite. Desceu a montanha e dirigiu-se a largos passos para a cidade, a cabeça cheia de tumultuosos pensamentos.

A mulher gorda surpreendeu-se vivamente ante a violência com que êle a possuía nessa noite; nunca o vira antes com tanto ardor. Não atinava com o motivo da desusada paixão, mas parecia que êle tinha necessidade de agarrar-se a qualquer coisa. E se alguém lhe pudesse dar aquilo pelo que ansiava, era ela. Deitada a seu lado, sonhava que ainda era môça e tinha alguém que a amava perdidamente...

No dia seguinte evitou a cidade baixa e o Beco dos Oleiros, mas um homem da olaria o encontrou, por acaso, sob as arcadas de Salomão e lhe perguntou o que achara da noite anterior, se havia reconhecido a verdade daquilo que lhe tinham anunciado. Respondeu que não duvidava mais de que o homem em cuja casa estivera era um morto ressuscitado, mas, na sua opinião, chamá-lo de volta à vida tinha sido um êrro do Mestre. O oleiro, estupefato, empali-

deceu ao ouvir as palavras ofensivas a seu Senhor. Barrabás, porém, voltou-se simplesmente e o deixou partir.

A história não devia ser conhecida sòmente no Beco dos Oleiros mas também no dos Azeiteiros, no dos Curtidores e no dos Tecelões e em muitos outros ainda; quando Barrabás, ao cabo de certo tempo, voltou a êstes lugares, notou que os crentes com os quais tinha o hábito de conversar não eram mais como antes. Falavam pouco, olhando-o de esguelha, com ares desconfiados. Nunca houvera intimidade entre Barrabás e os crentes, mas agora êstes lhe demonstravam abertamente sua hostilidade. Um velhinho enrugado, que êle nem conhecia, abordou-o, perguntando por que, afinal de contas, vinha sempre ter com êles, qual era sua intenção, se vinha enviado pelos guardas do Templo ou pelos asseclas do sumo sacerdote, ou talvez pelos Saduceus... Sem responder, Barrabás encarou o velhote, cuja cabeça calva estava vermelha de cólera. Nunca o vira antes, nem sabia quem era; devia ser tintureiro de profissão, pois, à guisa de brincos, tinha fios de lã azuis e vermelhos nas orelhas.

Barrabás compreendeu que os tinha magoado e que a disposição para com êle mudara por completo. Por tôda a parte encontrava caras fechadas e rancorosas, rijas expressões de repúdio, e alguns o fixavam com insistência para mostrar, claramente, que o queriam desmascarar, apurar quem êle era. Êle, porém, tentava fingir que nada percebia.

Um belo dia, a notícia estourou. Espalhou-se como rastilho de pólvora por todos os becos onde moravam crentes. De um momento para outro, todos o sabiam. Era *êle!* O que tinha sido libertado em lugar do Mestre, do Salvador, do Filho de Deus! Era Barrabás! Era Barrabás, o libertado.

Olhares hostis o perseguiam, o ódio brilhava nos olhos furiosos. A agitação não serenou, nem quando êle desapareceu de suas vistas para nunca mais reaparecer.

Barrabás, o libertado! Barrabás, o libertado!

VI

Barrabás tornou-se arredio, encerrou-se em si mesmo, não falava com pessoa alguma. Nunca mais saía, passava dias e dias na casa da mulher gorda, deitado atrás da cortina de pano ou, quando havia algazarra demais na casa, refugiado na cabana de palmas em cima do telhado. Assim ficava durante dias inteiros, sem fazer nada nem tomar qualquer resolução. Ter-se-ia até esquecido de comer se não lhe tivessem pôsto comida em frente e insistido. Tornara-se completamente indiferente a tudo.

A mulher gorda ignorava o que havia com êle, não compreendia mais nada, nem se atrevia a perguntar. O melhor seria deixá-lo em paz; era provàvelmente o que êle desejava. Mal respondia quando alguém lhe dirigia a palavra. Espreitando-se cautelosamente por detrás da cortina, podia-se vê-lo deitado, com os olhos postos no teto. Ela não sabia mais o que pensar. Estaria êle ficando louco? Estaria perdendo a razão? Ela não o sabia, para falar a verdade.

Acabou, porém, por descobrir o que havia. Soube, por acaso, de suas relações com êsses doidos que acreditavam no homem crucificado em lugar de Barrabás. Então era isso! Estava desvendado o mistério! Eis por que êle andava tão arredio; não podia ser outra coisa. A culpa era daqueles malucos, que naturalmente lhe tinham metido suas loucuras na cabeça. Na companhia de tais farsantes qualquer um acabaria mesmo com a cabeça virada.

Êles estavam convencidos de que o crucificado era uma espécie de salvador ou coisa parecida, que de um modo ou de outro os devia ajudar e dar-lhes tudo o que pediam. Ainda por cima acreditavam que êle seria o rei de Jerusalém e ia escorraçar os diabos imberbes. Ela não sabia ao certo que doutrina pregavam, nem queria saber, mas do que ninguém duvidava era que não regulavam bem, não andavam muito certos da cabeça. Como, em nome do Senhor, podia Barrabás se meter com aquela gente? Como podia dar-se bem com êles? Mas sim! Êle mesmo ia ser crucificado e só escapara porque o tal salvador o tinha sido em seu lugar, o que naturalmente era horrível. Provàvelmente, tivera de lhe explicar que a culpa não era sua, e assim por diante. Teriam então discutido o caso e a conversa teria ido parar no tal sujeito em quem acreditavam; que era um homem extraordinário, que era o que havia de mais puro e inocente, e mais isso e mais aquilo. Era um personagem importante e fôra um crime horrendo tratàr assim tão grande rei e senhor! Tinham-lhe metido tôdas essas fantasias na cabeça, tôdas as extravagâncias possíveis, até êle virar doido também e lamentar não ter sido crucificado, até se arrepender de não ter morrido em vez do outro! E, sem dúvida, era isso mesmo, assim as coisas se tinham passado, sem tirar nem pôr.

Imaginem, alguém lamentar-se por não ter sido crucificado! Que sujeito estúpido! Não pôde deixar de rir, de rir-se às gargalhadas do seu bom Barrabás. Êle parecia completamente desorientado. Mas isso explicava tudo, naturalmente.

Agora chegava, porém; a brincadeira já estava passando da conta, era preciso pôr um fim àquilo. O homem devia criar juízo. Ela ia falar com êle. Que bobagens eram aquelas?

Entretanto, ela nada lhe disse. Ficou tudo nas boas intenções. Fôsse lá como fôsse, não se podia falar com Barrabás acêrca de seus próprios negócios. Pensava-se em fazê-lo, mas ficava tudo por isso mesmo.

Continuou tudo como antes, ela sempre se admirando das esquisitices dêle, sem saber no que ia dar aquilo. Estaria êle doente? Realmente doente? Emagrecera muito e, no seu rosto pálido, escaveirado, o que ainda tinha um pouco de côr era ùnicamente a cicatriz, lembrança do golpe de faca que o tal Eliahu lhe aplicara. Seu aspecto era horrível, bem diverso do costumeiro. Não era mais o mesmo, mudara em tudo. Arrastar a vida assim, vazia e ôca, ficar por aí deitado, com os olhos no teto! Um homem como Barrabás!

E... se não fôsse êle? Se estivesse transformado em outra pessoa, se algum outro se tivesse apoderado dêle, ou o espírito de outro... Um espírito tinha entrado nêle! Não era mais êle mesmo! Era exatamente esta a impressão que se tinha. O espírito do outro... Do que tinha realmente sido crucificado! Aquêle, certamente, não lhe queria bem... Ora, se o tal "salvador", ao entregar o espírito, o tivesse insuflado em Barrabás para não morrer e para se vingar da injustiça de que fôra vítima, vingar-se do homem que fôra pôsto em liberdade... Era fácil de imaginar, era até muito possível. Pensando melhor no caso, podia-se dizer que Barrabás tinha estado assim estranho desde então; lembrava-se agora, perfeitamente, de sua insólita conduta ao chegar a sua casa logo depois de ser libertado. Era isso mesmo, isso explicava tudo. Um pouco difícil de compreender era como poderia o rabi ter-lhe insuflado o seu espírito, pois êle exalara o último suspiro no Gólgota, onde Barrabás não podia ter estado. Mas diziam que o rabi era poderoso; certamente podia transportar-se, invisível, para onde quisesse. Decerto, tinha poder suficiente para dispor as coisas à sua vontade.

Ela gostaria de saber se o próprio Barrabás estava a par do que lhe acontecera, se sabia que tinha dentro de si o espírito de outro, que morrera, que o espírito do crucificado vivia dentro dêle. Êle o saberia?

Talvez de nada suspeitasse. Mas era fácil de ver que êle sofria uma influência má. O que, afinal, não era de admirar, pois se tratava de um espírito estranho, que só lhe queria fazer mal.

Sentiu pena dêle, sinceramente; afligia-a vê-lo assim, a tal ponto seu estado lhe inspirava compaixão. Êle, por sua vez, nem parecia notá-la, não sentia nem ao menos o desejo de vê-la. Não lhe tinha a mínima afeição, e não era, pois, de admirar que nem olhasse para ela. O pior era que nem à noite manifestava vontade de possuí-la, o que provava ainda mais sua completa indiferença. Ela ê que era bastante imbecil para continuar ao lado daquele sujeito infame e deplorável. Passava as noites chorando em silêncio, mas aquêle pranto oculto não lhe trazia mais consôlo algum. Coisa estranha... Ela nunca teria acreditado que tal coisa lhe pudesse acontecer.

Como poderia ela fazê-lo voltar? Como expulsar dêle o crucificado e fazer com que Barrabás voltasse a ser Barrabás? Não tinha a menor idéia de como se esconjuravam espíritos. Não entendia absolutamente nada a respeito, e podia imaginar que se tratava de espírito forte e perigoso; quase o temia, embora não fôsse de natureza tímida. Pelos modos de Barrabás, via-se quanto o espírito era poderoso, como se apoderava de um indivíduo robusto e forte que, pouco tempo antes, só vivia a própria vida. Era inconcebível. Dava mesmo para ficar com mêdo. Certamente o espírito dispunha de uma fôrça tôda especial, por ter pertencido a um crucificado.

Mêdo, pròpriamente, ela não tinha. Mas não queria saber nada acêrca de crucificados. Isso de condenados à morte não era com ela. Era dona de um corpo avantajado, bem crescido. Quem lhe convinha era Barrabás, mas Bar-

rabás tal como era quando ainda era êle mesmo. Antes de lhe dar na veneta que era êle que devia ter morrido na cruz. O que ela aprovava, o que mais apreciava nêle era justamente não ter sido crucificado, era ter-se safado tão bem!

Assim matutava a mulher gorda em sua grande solidão. Mas acabava sempre por dizer a si mesma que, afinal, nada sabia a respeito de Barrabás. Não sabia o que se passava com êle, nem se estava possuído ou não pelo espírito do crucificado. Certo era só que não se importava mais com ela, e que ela era suficientemente estúpida para lhe querer bem. Ao pensar nisso, chorava e sentia-se terrìvelmente desgraçada.

VII

Barrabás andou algumas vêzes pela cidade enquanto morava na casa da mulher gorda. Durante um dêsses passeios, aconteceu-lhe o seguinte:

Entrou numa casa que era mais uma espécie de abóbada baixa, com algumas trapeiras por onde penetrava claridade, e saturada do cheiro acre de peles de animais e de ácidos. Devia ser um curtume, embora não estivesse situado na Rua dos Curtidores, mas ao pé da montanha do Templo, na direção do vale do Cédron. Era, provàvelmente, um dos curtumes onde se preparava a pele dos animais sacrificados no Templo. Não devia ser muito usado; os reservatórios e tanques ao longo das paredes estavam vazios; apenas conservavam ainda o mau cheiro. O solo, por tôda a parte onde se pisava, estava coberto de cascas de carvalho, detritos, sujeira de tôda a espécie.

Barrabás entrou furtivamente sem ser visto e encolheu-se a um canto, perto da entrada. Ali ficou, de cócoras, correndo os olhos por todo o recinto repleto de gente que orava.

Não podia ver todos, só distinguia os que estavam na claridade vinda das trapeiras. Mas também na penumbra deviam estar orando, pois de todos os lados partia o mesmo murmúrio. De vez em quando, o clamor de muitas vozes, vindo de certa direção, se elevava, tornando-se cada vez mais alto, para depois ir diminuindo e se confundir com o burburinho geral. Às vêzes, todos os que se achavam no recinto punham-se a orar em voz mais alta, com ardor crescente; e alguém entre a multidão se erguia para, em êxtase, dar seu testemunho do Redentor ressuscitado. Os outros, então, emudeciam e voltavam-se todos para aquêle que falava, como se quisessem receber sua fôrça. Quando o orador terminava, começavam de nôvo a orar com redobrado ânimo. Na maioria das vêzes, Barrabás não conseguia ver o rosto daquele que se levantava para testemunhar, mas quando um, bem perto dêle, se ergueu, observou que êsse estava molhado de suor. Ficou olhando o homem, que se achava em estado de exaltação, e notou o suor a escorrer-lhe pelas faces magras. Era um homem de meia-idade. Tendo dado seu testemunho, prostrou-se no chão, de terra batida, tocando-o com a fronte, como tôda a gente faz quando ora. Parecia ter-se lembrado de repente que também existia um Deus, não apenas aquêle homem crucificado no qual falara o tempo todo.

Quando o homem acabou, veio de longe uma voz que Barrabás julgou reconhecer. Voltando-se para a direção de onde ela vinha, descobriu que era o galileu de barba vermelha que ali estava, iluminado por uma réstia de luz. Exprimia-se num tom mais calmo, não excitado como os outros, e com o acento de seu país, que soava tão ingênuo ao povo de Jerusalém. No entanto, despertava mais atenção do que os outros; todos pareciam suspensos aos seus lábios, embora suas palavras nada tivessem de extraordinário. Começou falando durante algum tempo do seu querido Mestre, que êle nunca o nomeava de outro modo. Depois recordou as predições do Mestre, segundo as quais os que nêle acreditavam iam sofrer perseguições por sua causa. Se assim fôsse, de-

veriam suportá-lo o melhor que podiam, e pensar no que o próprio Mestre tinha sofrido. Sem dúvida, diferentes do Mestre, não eram senão pobres sêres humanos, fracos e humildes, mas deviam suportar as mais duras provas sem desertar, nem renegá-lo. Era tudo o que deviam fazer. O galileu parecia estar dizendo aquilo tanto para si mesmo como para os outros. Quando êle terminou, tinha-se a impressão de que a assembléia estava um pouco desapontada. Notando, talvez, que decepcionara os ouvintes, anunciou que ia recitar uma oração que o Mestre lhe havia ensinado. Quando o fêz, todos pareciam mais satisfeitos, alguns, com certeza, estavam sinceramente comovidos. Em todo o recinto reinava uma espécie de êxtase comum. Quando terminou a oração, os que estavam mais perto o rodearam como se o quisessem "felicitar", e Barrabás viu que o orador estava cercado pelos homens que tinham gritado: "Retira-te, maldito!"

Depois disso, outros ainda testemunharam, e tão saturados do espírito que a assembléia continuou em êxtase; muitos agitavam o corpo num verdadeiro arrebatamento. De seu canto, Barrabás, vigilante, observava-os e tudo via com seus olhos encolhidos no fundo das órbitas.

Sùbitamente estremeceu. Viu, numa das manchas de claridade, a mulher de lábio leporino com as mãos comprimidas contra o peito chato e o rosto pálido voltado para a luz que a envolvia. Não tornara a vê-la desde a manhã em que se tinham encontrado na frente do sepulcro; ela estava ainda mais magra e seu mísero aspecto revelava que vivia faminta: vestia andrajos e tinha as faces escaveiradas. Todos os que estavam ali reunidos a olhavam, conjeturando quem poderia ser aquela mulher que ninguém conhecia. Notava-se que a achavam esquisita, embora não soubessem por quê; não era só por estar maltrapilha, mas também porque todos esperavam, curiosos, pelo seu testemunho.

Por que iria ela testemunhar? De que serviria?, pensava consigo Barrabás. Ela deveria compreender que ali

não era o seu lugar. Embora aquilo não fôsse de sua conta, estava agitado. Por que se metia ela naquilo?

Tinha-se a impressão de que também para ela não era lá nenhum prazer falar; fechava os olhos como se não quisesse ver as pessoas que a rodeavam e tivesse pressa em acabar. Então, por que o fazia? Certamente não tinha necessidade alguma de falar ali.

Começou a dar seu testemunho. Com a voz nasalada falou da fé no Senhor e Salvador, mas suas palavras não podiam comover ninguém, como deviam. Pelo contrário, ela era ainda mais ridícula e gaguejava mais do que de costume, naturalmente por achar-se entre tanta gente, o que a punha nervosa. Ainda por cima, todos mostravam claramente seu desagrado, não procuravam ocultar que lhes era penoso ouvi-la; alguns viravam mesmo o rosto, envergonhados. Ela terminou balbuciando qualquer coisa como: "Senhor, dei testemunho de ti, como me mandaste fazer." Depois abaixou-se no chão de terra, na ânsia de ser vista o menos possível.

Todos se entreolharam, constrangidos; era como se ela houvesse ridicularizado aquilo que os reunia ali. E talvez tivessem razão, talvez ela de fato o tivesse feito! Pareciam, agora, querer dar por finda a reunião o mais depressa possível. Um dos que a presidiam — era também um dos que tinham gritado: "Fora daqui, maldito!" — pôs-se de pé para anunciar que deviam agora separar-se. Acrescentou que todos sabiam o motivo de realizar-se a reunião naquele lugar e não na cidade, que a próxima reunião seria noutra parte; onde, não se sabia ainda. O Senhor certamente lhes escolheria um refúgio onde estariam ao abrigo da maldade dos homens; êle era pastor, não abandonaria o seu rebanho.

Barrabás não ouviu mais nada: saiu furtivamente, antes dos outros, e estava contente ao ver-se longe dali.

Só podia sentir aversão por tudo aquilo.

VIII

Quando as perseguições começaram, o velho cego, conduzido pelo jovem que sempre arquejava, procurou um dos promotores do Sinédrio e lhe disse:

— Lá embaixo, entre nós, na Porta do Monturo, uma mulher espalha heresias a respeito de um salvador que virá transformar o mundo inteiro. Tudo o que existe perecerá, dando lugar a um mundo melhor, onde reinará sòmente sua vontade. Esta mulher não devia ser apedrejada?

O promotor, homem consciencioso, pediu ao cego que lhe expusesse mais detalhadamente a denúncia. Primeiro, de que salvador se tratava? O ancião respondeu que era o mesmo em que acreditavam aquêles outros que tinham sido apedrejados e, se houvesse justiça, a mulher também o seria. Êle próprio a ouvira dizer que seu senhor ia salvar todos os homens, até mesmo os leprosos. Êle os curaria e os tornaria tão sadios quanto outros. Mas que aconteceria se os leprosos não tivessem mais nada que os distinguisse? Se andassem

por tôda a parte, sem a obrigação de usar sinêtas, de maneira que não fôsse possível, pelo menos aos cegos, saber onde estavam? Podia alguém propagar impunemente tais heresias?

O magistrado afagou a barba, o que o cego, a poucos passos, podia ouvir, e depois perguntou se havia alguém capaz de acreditar no que a mulher estava anunciando. O velho respondeu que sim: entre o rebotalho humano que vivia na Porta do Monturo nunca faltava quem desse ouvidos a tais novidades. E os leprosos do fundo do vale eram, naturalmente, os que mais gostavam de ouvi-las. Além disso, a mulher fazia causa comum com aquela gente. Dizia-se que ela atravessava muitas vêzes a barreira, dando-se com êles da maneira mais desavergonhada. Talvez até mantivesse relações contínuas com aquêles homens impuros; não se podia saber ao certo.

— Eu, pelo menos, não o posso saber. Em todo o caso, ela não é virgem. Dizem que teve um filho e o matou. Eu nada sei, só ouço o que se conta por aí. Meus ouvidos são perfeitos, só meus olhos são vazios. E isto é uma grande desgraça, meu senhor. É uma grande desgraça ser cego, como eu.

O magistrado perguntou, então, se o tal "salvador", como melhor o chamavam, e que devia antes ser chamado o crucificado, tinha conquistado, por meio dela, muitos adeptos lá fora.

Tinha, sim, muitos. Quem é que não queria ver-se curado de seus males? E êle curaria a todos, apregoava ela, paralíticos, lunáticos e cegos; não haveria mais miséria neste mundo, nem na Porta do Monturo nem em parte alguma. Ultimamente, porém, o povo começava a rebelar-se lá embaixo com a demora do salvador. Ela repetia há tanto tempo que êle estava para vir, que o povo, vendo que êle nunca vinha, já estava exasperado, tendo começado a zombar dela e a lançar-lhe injúrias. Não era de admirar se ela chorasse a noite tôda,

não deixando um pobre velho, coitado, dormir. Mas os leprosos continuavam firmes, acreditando em suas histórias, o que não é de estranhar, com o muito que ela lhes encheu os ouvidos. Até já lhes prometera que lhes seria permitido vir à praça do Templo e entrar na casa do Senhor.

— Os leprosos!

— Sim.

— Como ousa ela prometer coisa tão absurda?

— Não é ela quem promete, mas o seu Senhor, tão poderoso que tudo pode prometer e modificar o que quiser. É êle quem vai determinar tudo, pois é o filho de Deus.

— O filho de Deus!

— Sim.

— Ela diz que êle é o filho de Deus?

— Sim. E isso é pura blasfêmia, pois todos sabem que êle foi crucificado, e mais não se precisa saber, pois os que o condenaram sabiam bem o que estavam fazendo, não é?

— Eu mesmo fui um dos juízes.

— Realmente? Então sabes melhor do que eu que homem era êsse!

Houve um momento de silêncio, e o velho só ouvia, na noite que o cercava, o magistrado afagando a barba. Depois a voz declarou que a mulher seria intimada a comparecer perante o Tribunal para expor sua crença e justificá-la, se é que esta podia ser justificável. O velho agradeceu e afastou-se com humildes reverências, e pôs-se a esquadrinhar a parede, à procura da porta pela qual tinha entrado. O promotor chamou o criado para ajudar o cego a sair e, enquanto esperava, perguntou, para maior segurança, se o velho tinha prevenção contra a tal mulher.

— Eu, ter alguma coisa contra ela? Não, nem podia ter. Nunca tive rancor contra quem quer que seja. Por que, se não vejo ninguém? Nunca, em tôda a minha vida, vi um ser humano...

O criado conduziu-o para fora, onde, em frente à porta, êle ouviu arquejar na escuridão o jovem que o esperava. Apalpando, o velho tomou-lhe a mão e, juntos, voltaram para a Porta do Monturo.

A mulher de lábio leporino foi condenada e conduzida ao fôsso do apedrejamento, situado no sul da cidade. Tôda uma multidão turbulenta seguia atrás dela e do suboficial da guarda do Templo que, para manter a ordem, se fazia acompanhar de seus homens, nus até à cintura, os cabelos e a barba trançados, e armados de açoites de couro de boi guarnecidos de ferro. Chegados ao local, a turba alvoroçada rodeou o suboficial, enquanto um dos homens fazia a mulher descer ao fundo do fôsso, que estava atulhado de pedras enegrecidas pelo sangue que ali secara.

O suboficial ordenou silêncio. Um representante do sumo sacerdote leu a sentença e expôs o crime que a motivara, acrescentando que quem havia acusado a mulher devia atirar a primeira pedra. Conduziram o cego à borda do fôsso e lhe explicaram de que se tratava, mas êle nem quis ouvir falar daquilo.

— Por que devo eu lhe atirar uma pedra? Que tenho eu que ver com ela? Se eu nunca a vi!

Quando, finalmente, conseguiram fazê-lo compreender que a lei era aquela e que êle não podia furtar-se à lei, murmurou, aborrecido, que nesse caso não havia outro remédio. Puseram-lhe uma pedra na mão e êle atirou-a ao acaso, na escuridão que o cercava. Tentou novamente, mas aquilo não tinha sentido algum. Êle não tinha a menor idéia da direção em que se achava o alvo, atirava a êsmo, nas trevas. Barrabás que estava a seu lado, e até então não tirara os ólhos daquela sôbre a qual as pedras deviam cair, viu um homem aproximar-se para ajudar o cego. Era um velho de rosto enrugado, tinha ares severos e trazia na fronte os mandamentos da lei, guar-

dados em estôjo de couro. Sem dúvida, era um sábio ortodoxo, versado nas escrituras. Tomou o braço do cego e tentou fazer pontaria em seu lugar, para que o apedrejamento pudesse, afinal, começar. Mas o resultado foi o mesmo de antes. A pedra não atingia o alvo. A condenada à morte continuava de pé, lá embaixo, esperando pelo que iria acontecer, com os olhos muito abertos e brilhantes.

O ortodoxo, impaciente, inclinou-se, apanhou uma grande pedra pontiaguda e lançou-a êle mesmo, com tôdas as suas fôrças de ancião. A pedra atingiu a infeliz que, cambaleando, ergueu para o alto os braços magros, num gesto desesperado. A multidão aplaudiu, com gritos selvagens, e o ortodoxo contemplou sua obra com visível satisfação. Barrabás aproximou-se mais um pouco, ergueu ligeiramente o manto e, num movimento que denotava grande experiência, cravou a faca no velho. O gesto foi tão rápido que ninguém o percebeu. Todos estavam inteiramente ocupados em lançar pedras à vítima.

Barrabás abriu caminho até a borda do fôsso e viu, lá embaixo, a mulher dar alguns passos cambaleantes, com os braços estendidos, gritando:

— Êle veio! Êle veio! Eu o vejo! Eu o vejo!

Depois caiu de joelhos, como se estivesse agarrando a fímbria do manto de alguém e soluçou:

— Senhor, como poderia eu dar testemunho de ti? Perdoai-me, perdoai...

Tombou agonizante sôbre as pedras ensangüentadas para não mais se erguer.

Quando tudo se acabou, os que estavam mais perto do fôsso viram que um homem jazia morto entre êles, enquanto outro fugia entre os vinhedos e desaparecia nos bosques de oliveiras, em direção ao Vale do Cédron. Vários soldados da guarda se precipitaram ao seu encalço, mas não o encontraram. Dir-se-ia que a terra o tragara.

IX

Quando anoiteceu, Barrabás voltou, avançando cautelosamente até o fôsso do apedrejamento, e desceu por êle adentro. Não enxergava nada, a escuridão era completa; adiantou-se passo a passo, tateando o caminho. No fundo extremo do fôsso, encontrou o corpo estraçalhado, em parte coberto pelas pedras atiradas inùtilmente, quando a mulher já estava morta. O corpo era tão pequeno e leve que mal pesava nos braços de Barrabás quando êle subiu a escarpa e desapareceu na escuridão.

Carregou o corpo durante muitas horas. De vez em quando, parava para descansar um pouco, com a morta estendida por terra, à sua frente. As nuvens tinham desaparecido e viam-se, agora, as estrêlas; pouco depois, a lua também saiu, clareando o bastante para se ver tudo. Sentou-se e olhou para o rosto lívido da mulher que, por estranho que fôsse, não estava por demais retalhado, nem mudara muito, pois mais pálido do que fôra em vida quase não podia ficar. Estava diáfano, e a fenda do lábio tinha diminuído tanto que parecia insignificante. De fato, agora não significava mais nada.

Lembrou-se do dia em que dissera à mulher que a amava. Quando a tinha possuído... Não, era melhor não pensar nisso... Mas quando lhe dissera que lhe queria bem, para que ela não se esquivasse e fizesse o que êle queria, o rosto da mulher se tornara radiante. Não estava acostumada a ouvir palavras assim. Devia ter-se sentido feliz escutando-as, embora devesse ter compreendido que era mentira. Ou ela não o compreendera? Em todo o caso, conseguira o que desejava: ela viera todos os dias trazer-lhe o que êle necessitava para viver e até a ela mesma, êle a conseguira: possuíra-a mais vêzes do que desejara. Afinal, contentara-se com ela por não ter tido outra mulher ao alcance da mão; sua voz nasalada o irritara, e êle lhe pedira que não falasse mais do que o absolutamente necessário. Uma vez restabelecido do ferimento na perna, naturalmente teve que partir. Que mais poderia ter feito?

Contemplou a paisagem do deserto que se estendia à sua frente, desolada, sem vida, iluminada pela luz morta da lua. Sabia que, para todos os lados, o deserto se desdobrava da mesma maneira. Sentia-o sem ter de olhar em tôrno de si.

Amai-vos uns aos outros...

Fitou outra vez o rosto da mulher, durante um momento. Depois a ergueu e continuou a caminhar pela montanha.

Seguiu por uma vereda, caminho de camelos e jumentos que de Jerusalém demandavam o país de Moab através do deserto da Judéia. Não se via a senda sinuosa, mas excrementos de animais e, de vez em quando, um esqueleto roído pelos abutres assinalavam a direção. Após ter andado durante mais de metade da noite, notou que a vereda começava a descer e sabia que o têrmo de sua viagem se aproximava. Passou por gargantas estreitas e chegou a nôvo deserto, ainda mais selvagem e desolado. O atalho continuava; Barrabás, porém, sentou-se para descansar, fatigado pela exaustiva descida com o seu fardo às costas. Estava quase chegando ao fim da jornada.

Não estava certo de que iria encontrar por si mesmo a sepultura; talvez se visse obrigado a recorrer ao velho. Pre-

feria não ter de procurá-lo; gostaria de fazer tudo sòzinho. O velho, talvez, não compreendesse por que trazia a morta para lá. Quanto a isso... será que êle mesmo o compreendia? Havia algum sentido no que estava fazendo? Mas, sim, ela pertencia àquele lugar, ali estaria em casa, pensou. Se é que para ela tivesse existido, em algum tempo, lar ou pátria... Lá embaixo, no Vale do Gilgal, ela nunca teria repouso e, em Jerusalém, seria atirada aos cães. E isso não lhe pareceu certo. Se bem que... por que não, afinal? Que mal faria a ela se o fôsse? Que prazer lhe causaria ter sido carregada até ali, onde vivera banida e onde podia descansar no mesmo túmulo que seu filho? Nenhum. Mas, como quer que fôsse, êle o quisera fazer. Não era assim tão fácil causar prazer aos mortos.

De que tinha servido à mulher ir a Jerusalém? Que lhe valera ter seguido os visionários fanáticos do deserto, que fantasiavam acêrca da chegada de um grande Messias, clamando que todos deviam subir à cidade do Senhor? Tivesse ela dado ouvidos ao velho, nada disso lhe teria acontecido. O velho não se queria pôr a caminho. Dizia que já o fizera tantas vêzes em vão; muitos já tinham pretendido ser o Messias mas absolutamente não o eram. Por que seria aquêle o verdadeiro, justamente agora? Ela, porém, escutara o apêlo dos néscios e os seguira.

E aqui estava ela, a seus pés, dilacerada, por causa daquele Messias.

Seria o verdadeiro Messias? O redentor do mundo? O salvador de tôda a humanidade? Por que deixara que a apedrejassem por sua causa? Se era o salvador, por que não a tinha salvo?

Êle o poderia muito bem ter feito, se quisesse. Mas gostava do sofrimento, do próprio e do alheio. E queria que dessem testemunho dêle. "Agora dei testemunho de ti, como me mandaste fazer"... "Ressuscitado do reino dos mortos para dar testemunho de ti"...

Não, Barrabás não gostava nada daquele homem crucificado. Odiava-o, até. Êle causara a morte da mulher. Exigira seu sacrifício e vigiara para que ela não escapasse. O crucificado estivera presente lá embaixo, no fôsso. Ela o vira e fôra ao seu encontro, estendendo os braços, suplicando para que a socorresse; agarrara-se à orla de seu manto e êle não movera um dedo para ajudá-la. E aquêle seria o filho de Deus! O filho de Deus, cheio de amor... O salvador da humanidade!

Êle, Barrabás, pelo menos esfaqueara aquêle que tinha atirado a primeira pedra. Conseguira-o fazer. Claro que de nada adiantara. A pedra fôra lançada, acertara o alvo. Seu gesto não tivera senso algum. Mas, assim mesmo... Fizera, em todo o caso, a sua parte: abatera o homem com certeira facada.

Passou a mão pela bôca torta, sorrindo interiormente, com desdém. Depois deu de ombros e pôs-se de pé. Ergueu o seu fardo, com gesto impaciente, como se começasse a ficar farto de carregá-lo, e retomou o caminho.

Passou pela caverna do velho eremita. Conhecia o lugar, ainda do tempo em que, por acaso, viera parar ali. Tentou recordar-se do caminho pelo qual o velho o havia conduzido à tumba da criança. Tinha deixado, à direita, as grutas dos leprosos; à sua frente vira as dos exaltados visionários do deserto, mas não tinham ido até lá. Barrabás reconhecia muito bem aquêles recantos; apenas a paisagem, à luz da lua, tinha outro aspecto. Ali adiante, haviam descido o declive, e o velho lhe contara que a criança, amaldiçoada no ventre da mãe, nascera morta, e êle a enterrara imediatamente, pois todos os nascidos mortos são impuros. Maldito seja o fruto de tuas entranhas... A mãe não estivera presente, mas, depois, tinha vindo, freqüentemente, sentar-se junto ao túmulo. O velho falara sem parar...

Devia ser por ali. Ou não era? Era, sim, ali estava a laje.

Ergueu-a e depositou a morta ao lado da criança, que já estava completamente desfigurada. Arrumou o corpo dila-

cerado, como se quisesse dar-lhe posição confortável, e contemplou, mais uma vez, o semblante onde a deformação do lábio superior se tornara insignificante. Recolocou a laje, sentou-se e olhou para o deserto. Como esta paisagem, pensou, devia ser o reino da morte ao qual ela agora pertencia, para o qual êle a tinha carregado. O lugar em que se repousa não devia ter importância alguma, mas, em todo o caso, ela jazia agora ao lado do filho. Fizera por ela o que podia, ponderava Barrabás, afagando, com um sorriso desdenhoso, a barba vermelha.

Amai-vos uns aos outros...

X

Quando Barrabás voltou para junto de seus companheiros, êstes mal o reconheceram; acharam-no muito mudado. Os camaradas que tinham estado em Jerusalém certamente haviam contado que êle lhes parecera meio esquisito, mas que, a seu ver, isso não era de estranhar; afinal de contas, estivera longo tempo encarcerado e, por pouco, fôra crucificado; não havia de ser nada, isso logo passaria. Mas não passara, nem até hoje, tanto tempo depois. Êle não era mais o mesmo, sem que se pudesse, entretanto, compreender por quê.

Esquisito êle sempre fôra, não se chegava nunca a saber a quantas se andava com êle, nem o que dêle se devia esperar. Mas isso agora era coisa muito diferente, sua atitude para com êles era absolutamente a de um estranho, e êle, por sua vez, parecia ver nos companheiros gente desconhecida, que encontrava, agora, pela primeira vez. Quando expunham seus planos, mal prestava atenção, e nunca manifestava qualquer opinião. Tudo lhe parecia indiferente . Não deixava de tomar parte, uma vez ou outra, nas suas emboscadas ao longo da

estrada das caravanas e em suas incursões no vale do Jordão; mas fazia-o sem nenhum entusiasmo e sem tornar-se muito útil. Se havia algum perigo, não o evitava diretamente, o que também podia provir de sua absoluta indiferença. Parecia não ter mais vontade para nada. Certa vez, porém, quando assaltavam a carruagem do sumo sacerdote, contendo a dízima da região de Jericó, êle tornou-se furioso e abateu os dois homens da guarda do Templo que escoltavam o veículo. Fôra um gesto absolutamente inútil, pois não opuseram a menor resistência, tendo-se rendido após verificarem a superioridade dos assaltantes. Em seguida, insultou os cadáveres dos guardas e se portou de maneira tão anormal que os próprios companheiros acharam que era demais e se afastaram. Sem dúvida, também detestavam os guardas e tôda a gentalha do sumo sacerdote, mas os mortos pertenciam ao Templo, e o Templo pertencia ao Senhor. Semelhante profanação quase lhes causava mêdo.

Em geral, porém, Barrabás não manifestava desejo algum de tomar parte em tais feitos; era como se as atividades do bando não fôssem de sua conta. Nem quando assaltaram um pôsto da guarda romana de uma das balsas do Jordão mostrara grande ardor, embora se tratasse dos soldados que o deviam ter crucificado e apesar de ver os camaradas, num estado de selvagem excitação, cortarem o pescoço de um por um dos soldados e atirá-los ao rio. Não duvidavam de que o ódio de Barrabás contra os opressores do povo eleito fôsse tão grande como o dêles, mas se todos tivessem ficado impassíveis, como êle, as coisas lhes teriam corrido muito mal naquela noite.

Era completamente incompreensível a mudança que se operara em Barrabás, pois se alguém do bando tinha sido um sujeito atirado, era êle. Os assaltos de outrora, em sua maioria, haviam sido imaginados por êle, que também sempre fôra a figura destacada na execução dos planos. Nada lhe parecia impossível, e costumava, além disso, ter uma sorte incrível. Sua audácia e esperteza faziam com que os outros de boa

vontade o deixassem dirigir e engendrar planos, confiantes no sucesso. Tornara-se uma espécie de chefe, embora os camaradas comumente não reconhecessem chefes entre si e não sentissem por êle grande amizade. Exatamente por isso, talvez, por ser estranho e diferente dêles, tinham-lhe entregue a direção do bando; nunca chegaram a compreendê-lo bem, e continuaram a considerá-lo uma criatura insólita. Sempre sabiam tudo a respeito um do outro, mas dêle nada sabiam e, coisa surpreendente, isso lhes inspirava confiança, uma secreta confiança, aumentando ainda o vago mêdo que dêle sentiam. Mas era antes de tudo sua coragem, sua astúcia e seu sucesso que, naturalmente, o faziam respeitado.

Agora, porém, o caso era outro. Que fazer de um chefe que não mostrava a menor vontade de chefiar, que nem parecia dar conta da parte que lhe competia nos trabalhos, como todos faziam? Que ficava de preferência sentado à entrada da caverna, contemplando o vale do Jordão e, ao longe, o mar, a que chamavam Morto? Que os encarava com expressão misteriosa e em cuja companhia sempre se sentiam inseguros? Verdadeiramente, não se punha nunca a conversar com êles e, as raras vêzes em que lhes dirigia a palavra, era para aumentar a impressão de que algo singular se passava com êle. Seu pensamento parecia estar sempre noutro lugar, longe dali. Às vêzes se mostrava desgostoso: a sua esquisitice talvez se relacionasse com o que lhe acontecera em Jerusalém, quando quase fôra crucificado. Num certo sentido, era como se de fato o tivesse sido e depois houvesse regressado.

Espalhava o desgôsto em tôrno de si. Não lhes causava satisfação alguma terem-no de volta. E não fazia mais parte do bando e de sua vida. Era evidente que, como chefe, era imprestável, e para outra coisa não servia. Portanto, êle ali não era mais nada. Por singular que fôsse — êle ali não era absolutamente nada.

Aliás, refletindo melhor, ocorria-lhes que, além de nunca ter sido homem para dirigir e decidir, nem sempre fôra êle o Barrabás rijo e intrépido que desprezava o perigo e a morte,

que tudo arrostava. Só começara a sê-lo a partir do dia em que Eliahu lhe assestara aquêle golpe de faca sob o ôlho. Antes disso, jamais havia sido tão audacioso; quase pelo contrário, todos se lembravam muito bem. Mas depois daquele ferimento êle se tornara homem, de um dia para outro. Após o golpe traiçoeiro, intentado para lhe tirar a vida, a luta encarniçada que se seguira terminou quando Barrabás jogou o temível Eliahu, já muito velho e pesado, ao precipício situado abaixo da entrada da caverna. O môço era leve e ágil demais, e, apesar de tôda a sua fôrça, o velho urso de briga não lhe pudera oferecer resistência, tendo-lhe sido fatídica a luta na qual ousara empenhar-se. Por que se teria êle arriscado? Por que detestava Barrabás? Nunca o puderam descobrir. Mas todos haviam notado que Eliahu o odiava desde o princípio.

A partir dêste incidente, Barrabás se tornara chefe. Antes, nada existira nêle de peculiar. Não se tornara verdadeiramente homem a não ser depois daquele memorável golpe de faca.

Os companheiros comentavam o fato entre si, em voz baixa.

O que êles não sabiam, o que ninguém sabia, porém, é que êsse Eliahu, cuja imagem lhes surgia agora tão viva na memória, era pai de Barrabás. Ninguém o podia saber. Sua mãe, mulher moabita, tinha sido feita prisioneira desde muito, quando um bando pilhara uma caravana na estrada de Jericó. Após ter servido durante certo tempo ao prazer de todos, venderam-na a um prostíbulo de Jerusalém. Lá, quando se tornou evidente seu estado de gravidez, não mais a quiseram, expulsando-a. Em plena rua tivera um filho, sendo depois encontrada morta. Ninguém sabia a quem pertencia o filho, nem a mãe o saberia dizer se vivesse, porém ela o tinha amaldiçoado ainda em suas entranhas e o pusera no mundo, odiando o céu e a terra e o criador do céu e da terra.

Mas nenhum dêles conhecia esta história, nem os homens que cochichavam entre si no fundo da caverna, e nem

mesmo Barrabás, que estava sentado à entrada, contemplando o abismo, as montanhas queimadas de Moab e o mar sem fim, chamado Morto.

Barrabás nem de longe pensava em Eliahu, apesar de achar-se exatamente no lugar de onde o havia atirado ao despenhadeiro. Por uma razão ou por outra, ou antes sem nenhuma razão, pensava na mãe do salvador crucificado, na maneira pela qual ela ficara olhando para o filho pregado lá no alto, para aquêle que ela pusera no mundo. Vieram-lhe à memória seus olhos sem lágrimas, seu rude rosto de camponesa, que, entre estranhos, parecia não poder exprimir dor, ou talvez mesmo não o quisesse. Lembrava-se, também, do olhar cheio de censura que ela lhe havia lançado de passagem. Por que justamente a êle? Muitos outros havia que o mereciam melhor!

Recordava-se freqüentemente do Gólgota e do que lá acontecera. E muitas vêzes lembrava-se dela, da mãe do outro, do crucificado...

Seus olhos voltaram a procurar as montanhas além do Mar Morto. E êle viu a escuridão ir envolvendo-as lentamente e a noite descer sôbre o país dos moabitas.

XI

Preocupava muito os companheiros a maneira pela qual se poderiam desfazer de Barrabás. Gostariam de livrar-se daquela carga inútil e incômoda, e de não ver mais aquêle rosto sombrio que os deprimia e tirava o prazer a tudo. Mas, que fazer para se desvencilharem dêle? Não era coisa simples. Afinal, não poderiam dizer-lhe diretamente que êle não lhes convinha mais e que veriam com satisfação o seu afastamento. Quem lhe diria semelhante coisa? Ninguém estava muito disposto a fazê-lo ou, para falar com franqueza, nenhum dêles se atreveria: havia nêles uns restos de respeito, de mêdo, embora infundado e absurdo, mas que os fazia guardar distância.

Limitavam-se, pois, aos seus comentários a meia voz, falando do quanto estavam fartos dêle e de quão pouco o apreciavam. Verificavam, agora, que nunca tinham gostado muito dêle e que, talvez, fôsse por culpa sua que a má sorte começava a persegui-los: tinham perdido dois homens nos últimos meses, e as coisas não podiam mesmo correr bem com

semelhante múmia em seu meio. Uma atmosfera sombria, saturada de ódio e ameaças, reinava na caverna; olhares sinistros perscrutavam a penumbra, em solitária busca daquele que meditava, à beira do abismo, como se estivesse ligado a uma sorte funesta. Como se desembaraçarem dêle?

Certa manhã, Barrabás desapareceu naturalmente, sem deixar vestígios. Não estava mais por ali. De início, os companheiros imaginaram que êle, com a razão turbada, se atirara da escarpa ao precipício, ou talvez ali fôra atirado por um mau espírito que dêle se apossara — sem dúvida o espírito de Elíahu, que viera vingar-se. Procuraram-no no fundo do abismo, no lugar onde outrora tinham encontrado o corpo despedaçado de Eliahu, mas nada encontraram; nem ali, nem em qualquer outro lugar havia o menor vestígio dêle. Desaparecera misteriosamente.

Sentiram grande alívio e voltaram ao seu ninho de águias no flanco abrasado da montanha, atingido pelos raios inclementes do sol.

XII

Sôbre o destino de Barrabás, por onde andou e o que fêz desde então, enquanto ainda estava na fôrça da idade, nada se sabe ao certo. Há quem acredite que, após seu desaparecimento, êle se retirou e foi viver em completa solidão no deserto da Judéia ou do Sinai, entregue a meditações sôbre o mundo de Deus e dos homens. Outros afirmam ter-se êle unido aos Samaritanos, que detestavam o Templo de Jerusalém, seus sacerdotes e sábios versados nas escrituras, e ter sido visto, nas solenidades da Páscoa, na montanha sagrada, ao sacrificar-se a ovelha, esperando de joelhos pelo nascer do sol sôbre o Gerissim. Outros, ainda, consideram um fato comprovado ter êle simplesmente chefiado, durante a maior parte do tempo, uma quadrilha de bandidos que operava nos contrafortes do Líbano, na estrada da Síria, tratando com a mesma crueldade os judeus e cristãos que lhe caíam às garras.

Como ficou dito, não se pode saber o que há de verdadeiro em tudo isso. Sabe-se, porém, com absoluta certeza que Barrabás, quando andava pelos cinqüenta anos, chegou

como escravo à casa do governador romano de Paphos, após ter passado vários anos nas minas de cobre de Chipre, administradas por aquela autoridade. As causas que determinaram sua prisão e condenação às minas, o mais tremendo castigo que se possa imaginar, não são conhecidas. O extraordinário é que, tendo descido àquele inferno, pôde ainda retornar à vida, embora como escravo. Na verdade, só o pôde graças a circunstâncias excepcionais.

Era então um homem grisalho, com profundos sulcos no rosto, mas singularmente bem conservado, depois de passar por tanta coisa. Recuperou, com rapidez surpreendente, grande parte de suas fôrças. Ao deixar as minas parecia um cadáver — o corpo descarnado, as órbitas sem luz lembrando poços vazios. A claridade dos olhos foi voltando aos poucos, mas sua expressão, antes inquieta, era humilde e tímida como a de um cão manso. Só muito raramente brilhava em seu olhar o ódio que a mãe, ao pô-lo no mundo, nutrira contra tôda a criação. A cicatriz sob o ôlho, descorada durante longo tempo, punha-lhe de nôvo, na face, uma estria sanguínea que se perdia na barba grisalha.

Se não fôsse de têmpera rija, não teria sobrevivido. Devia agradecer isso a Eliahu e à mulher moabita, que lhe tinham dado a vida uma segunda vez, embora ambos o tivessem detestado em lugar de amá-lo. Também não se haviam amado um ao outro, o que prova quão pouco significa o amor. Mas, nada sabendo da vil união dêles, Barrabás também ignorava o que a êles devia.

A casa onde morava, agora, era grande e tinha muitos escravos. Entre êstes havia um homem alto, muito magro e desengonçado, um armênio de nome Sahak. Era tão alto que sempre andava um pouco curvado. Seus olhos grandes, ligeiramente salientes e muito abertos, causavam de certo modo a impressão de que o homem estava em estado de exaltação. Seu rosto, que parecia ter sido destruído pelo fogo, e seus cabelos brancos e curtos faziam-no parecer um velho, mas, na realidade, pouco tinha êle passado dos qua-

renta. Vinha também das minas. Barrabás e Sahak haviam estado juntos durante longos anos e juntos haviam conseguido sair das minas. Sahak, porém, não se restabeleceu como seu companheiro. Conservou-se incrìvelmente magro, os cabelos de neve e o rosto (que parecia devastado pelo fogo) marcando-o com profundos sinais. Dir-se-ia ter passado por algo horrível, que Barrabás, apesar de tudo, não experimentara. E assim fôra, de fato.

Os dois, tendo escapado do lugar de onde não se saía com vida, eram objeto da curiosidade dos outros escravos, que muito teriam gostado de os ouvir contar suas aventuras. Mas pouco conseguiam saber acêrca do seu passado. Juntos, os dois se mantinham afastados dos outros, embora também entre si não falassem muito, parecendo nada terem em comum. Causavam, entretanto, de certo modo, a impressão de que eram inseparáveis. Era esquisito. Nos momentos de folga e durante o repasto, sentavam-se sempre ao lado um do outro, e, à noite, deitavam-se lado a lado na palha. É que nas minas tinham sido acorrentados juntos.

Ao chegarem às minas, na mesma leva, vinda do continente, tinham sido logo acorrentados um ao outro. Os escravos eram sempre agrilhoados de dois em dois, para trabalharem juntos. Um homem nunca era separado de seu co-prisioneiro, e tais escravos "gêmeos" tinham tudo em comum, acabando por se conhecerem completamente um ao outro e, às vêzes, por se odiarem. Acontecia atirarem-se um sôbre o outro, numa fúria selvagem, sem razão alguma, simplesmente por estarem reunidos naquele inferno.

Mas os dois pareciam adaptar-se bem um ao outro e até auxiliar-se mùtuamente no sentido de suportarem o suplício a que estavam condenados. Iam bem entre si e podiam conversar para distrair-se um pouco durante o pesado trabalho. Barrabás, pouco comunicativo, gostava de ouvir falar o outro. No comêço, não falavam de si mesmos. Pareciam querer evitá-lo; cada um tinha segredos que não queria divulgar. Demorou, por isso, muito tempo, até chegarem a se

conhecer melhor. Por acaso, Sahak veio um dia a saber que Barrabás era hebreu, nascido num lugar chamado Jerusalém. Mostrou-se singularmente interessado e pôs-se a fazer perguntas sôbre diversas coisas. Dir-se-ia que êle conhecia bem a cidade embora nunca houvesse estado lá. Finalmente, perguntou se Barrabás sabia algo a respeito de um rabi que ali tinha vivido e cumprido sua missão, um grande profeta em quem muita gente acreditava. Barrabás compreendeu de quem se tratava e disse que já ouvira falar nêle. Sahak teria gostado de saber mais; Barrabás, porém, respondeu evasivamente que não sabia muita coisa a respeito. Êle mesmo, Barrabás, já o vira alguma vez? Sim, já o tinha visto. Sahak, com certeza, dava muito valor ao fato de Barrabás ter visto o rabi, pois, ao cabo de algum tempo, tornou a perguntar se realmente o tinha visto. Barrabás respondeu que sim, mas sem grande entusiasmo.

Sahak deixou cair a picareta e ficou pasmo, como arrebatado pelo que ouvira. Tudo para êle se tornara tão diferente, mal o podia compreender. O poço da mina tinha outro aspecto, tudo estava transformado, nada era mais como antes. Estava acorrentado a um homem que tinha visto Deus.

Nesse momento, ouviu sibilar atrás de si o azorrague do vigia, que então passava. Encolheu-se todo, como se assim pudesse fugir aos golpes, e pôs-se a brandir com afã a picareta. Quando, finalmente, o algoz se afastou, deixou-o com as costas ensangüentadas e todo o seu grande corpo tremia em conseqüência das vergastadas. Demorou muito até que pudesse falar outra vez. Depois, pediu a Barrabás que lhe contasse em que circunstâncias vira o rabi. Tinha sido no Templo, no lugar sagrado? Ou quando o profeta falara de seu reinado futuro? Ou em qualquer outra ocasião? Barrabás, a princípio, nada quis revelar. Por fim, respondeu, contra a vontade, que fôra no Gólgota.

— Gólgota? Que é isso?

Barrabás explicou-lhe que era o lugar onde se crucificavam os criminosos.

Sahak calou-se e baixou os olhos. Contentou-se em murmurar, depois:

— Ah... Então foi no momento em que...

Foi assim que falaram pela primeira vez no rabi crucificado — o que, daí por diante, iriam fazer muitas vêzes.

Sahak queria muito ouvir falar a respeito, sobretudo nas palavras sagradas que o profeta pronunciara e nos grandes milagres que havia realizado. Sabia que o tinham crucificado, certamente, mas teria preferido ouvir Barrabás falar de outra coisa.

Gólgota... Gólgota... Nome tão esquisito, estranho, relacionado com algo que lhe era tão familiar, pois já ouvira muitas vêzes falar que o Redentor fôra crucificado, e igualmente do grande milagre que então se operara. Perguntou se Barrabás tinha visto o véu do Templo depois de fendido. A montanha também se fendera; êle o devia ter visto, pois se encontrava lá na ocasião.

Barrabás respondeu que tudo aquilo poderia ter acontecido, mas que êle nada vira.

— E os mortos que se tinham erguido dos túmulos? Que tinham saído do reino da morte para dar testemunho do Senhor, de seu poder e sua glória?

— Sim... — disse Barrabás.

— E as trevas que tinham invadido tôda a terra quando êle entregava o espírito?

Aí estava uma coisa que Barrabás tinha visto. Aquela escuridão, sim...

Sahak parecia muito feliz ao ouvi-lo, embora sentisse, ao mesmo tempo, certa inquietação ao pensar no lugar do suplício e julgasse ver em sua frente a montanha fendida e a cruz com o filho de Deus nela pregado para o sacrifício. Naturalmente, o Redentor tivera de sofrer e morrer; assim era necessário para que êle nos pudesse salvar. Era assim, embora não fôsse nada fácil de compreender. Sahak preferia imaginá-lo em seu esplendor, em seu próprio reino, onde tudo era tão diferente da terra. Lamentou que Barrabás,

companheiro de corrente, só o tivesse visto no Gólgota, e em nenhuma outra vez. Por que o tinha visto justamente lá?

— Que o tenhas visto exatamente naquele momento — disse êle a Barrabás — é bem estranho. Por que te encontravas lá?

Barrabás nada respondeu.

Certa vez, Sahak perguntou-lhe se, de fato, não o vira em outro lugar. Barrabás custou um pouco a responder; depois disse que tinha estado presente na côrte do palácio onde o rabi fôra julgado, e contou como tudo se passara. Descreveu também a estranha auréola de luz que parecia envolvê-lo. Notando o quanto Sahak ficara encantado ao ouvir falar da auréola, não mencionou que seus olhos deviam estar ofuscados pela luz solar, por ter saído êle diretamente de um calabouço escuro. Por que mencioná-lo? Por que privar o outro daquela satisfação, se isso não causaria benefício a ninguém? O simples gesto de omitir a explicação do prodígio causara a Sahak tanta felicidade que êle sempre queria ouvir de nôvo a narração. Seu rosto ficou radiante e Barrabás sentiu também, dentro de si, um pouco da ventura do outro, como se êles a repartissem. Cada vez que Sahak o pedia, Barrabás falava acêrca de sua maravilhosa visão naquele dia distante, e parecia revê-la muito nìtidamente.

Algum tempo depois, contou a Sahak que também assistira à ressurreição do Mestre. Não o tinha visto pròpriamente russuscitar, isso ninguém tinha visto. Vira, apenas, um anjo precipitar-se das alturas, o braço estendido como ponta de lança e o manto ondulando como chamas. A ponta de lança, penetrando entre a rocha e a laje que fechava o sepulcro, tinha-as separado. Verificara, então, que o sepulcro estava vazio...

Sahak escutava maravilhado, seus grandes e crédulos olhos fixados em Barrabás. Seria possível? Seria realmente possível que aquêle pobre e sujo escravo vira tudo aquilo? Estivera presente quando se realizava o maior de todos os milagres? Quem era êle, então? E como êle mesmo, Sahak,

poderia ter merecido tal graça, ser acorrentado a alguém que assistira a tudo aquilo e que tinha estado tão perto do Senhor?

Radiante e transportado com o que acabava de ouvir, compreendeu que devia confiar o seu segrêdo ao companheiro, pois não podia mais retê-lo para si. Cauteloso, olhou em volta, para certificar-se de que não vinha ninguém, e disse baixinho a Barrabás que tinha algo para lhe mostrar. Levou-o até perto do lampião a óleo que ardia sôbre um rebôrdo da parede de rocha, e, à fraca claridade da bruxuleante chama, mostrou-lhe a placa de escravo que trazia pendurada ao pescoço. Todos os escravos tinham a sua placa, na qual estava gravada a marca do dono de cada um dêles. Os escravos das minas traziam a marca do Estado Romano, pois a êste pertenciam. No reverso da placa de Sahak, porém, ambos viram uns estranhos sinais místicos, indecifráveis para êles, mas que, explicou Sahak, significavam o nome do crucificado, do Redentor, do próprio filho de Deus. Barrabás olhou admirado para os curiosos entalhes, que pareciam ter mágico poder, e Sahak lhe disse, em voz baixa, que aquilo queria dizer que êle pertencia ao filho de Deus, de quem era escravo. Deixou Barrabás tomar a placa entre as mãos e segurá-la por longo tempo.

Houve um momento em que lhes pareceu ouvir os passos do feitor, mas, vendo que era engano, curvaram-se de nôvo sôbre a inscrição. Sahak contou que um escravo grego a tinha gravado. Era cristão e lhe falara do Salvador e de seu reino que não tardaria a vir; fôra quem lhe ensinara a crer. Sahak o tinha encontrado nos fornos de fundição, aos quais ninguém resistia por mais de um ano. O grego nem êsse prazo resistira; ao morrer no abrasado inferno das fornalhas, as últimas palavras que Sahak o ouvira murmurar foram estas: "Senhor, não me abandones". Depois, tinham cortado os pés do escravo para mais fàcilmente lhe tirarem os ferros, e lhe haviam lançado o corpo ao fogo, como era costume fazer na fundição. Sahak não esperara que sua própria vida terminasse de outro modo. Mas, algum tempo

depois, um lote de escravos, entre os quais êle se achava, fôra transferido para ali, pois precisavam dêles nas minas.

Agora Barrabás sabia que também êle, Sahak, era cristão, era escravo de Deus — concluiu, fixando no companheiro seus olhos leais.

Nos dias que se seguiram, Barrabás permaneceu silencioso e taciturno. Depois perguntou, com voz estranha e titubeante, se Sahak não queria gravar a mesma inscrição na sua placa de escravo.

Sahak gostaria muito de fazê-lo, se fôsse capaz. Não conhecia os sinais secretos, mas ia tomar os de sua própria placa como modêlo.

Esperaram que o vigia passasse por êles e, à luz mortiça do lampião, Sahak pôs-se a desenhar os sinais o melhor que podia, com uma aguda lasca de pedra. Sua mão, sem experiência, tinha dificuldade em copiar aquêles traços estranhos, mas esforçou-se por reproduzi-los o mais fielmente possível. Interrompiam-se muitas vêzes, quando alguém se aproximava, ou quando assim lhes parecia. Finalmente, terminaram o trabalho, e ambos acharam que a semelhança era perfeita. Contemplaram em silêncio as inscrições, os sinais misteriosos que não compreendiam, mas que sabiam significar o nome do crucificado e indicar que a êle pertenciam. Subitamente, ambos caíram de joelhos e dirigiram ardente oração ao seu Senhor, ao Redentor e Deus de todos os oprimidos.

O vigia os viu de longe por estarem embaixo do lampião. Absorvidos em sua prece, não perceberam a aproximação do outro. O carrasco atirou-se com ímpeto sôbre êles e quase os matou a chicotadas. Quando, finalmente, o homem se retirou, Sahak caiu prostrado. O algoz volveu imediatamente e, à custa de mais açoitadas, forçou-o a erguer-se. Cambaleando um contra o outro, os dois companheiros retomaram o trabalho.

Era a primeira vez que Barrabás sofria pelo crucificado, por aquêle rabi de rosto pálido e peito sem pêlos, que fôra supliciado em seu lugar.

Assim passavam os anos. Um dia era como o outro, não saberiam distinguir os dias se à noite não fôssem levados a dormir, em companhia de centenas de outros escravos, derreados e exaustos como êles. Isso os fazia perceber que a noite havia chegado. Nunca saíam da mina. Exangues, como sombras errantes, viviam constantemente, ano após ano, na mesma semi-escuridão, nas profundezas daquele reino da morte, guiados pela frouxa luz dos lampiões que tremeluziam de espaço a espaço, e, às vêzes, por um fogo de lenha. Pela entrada da mina penetrava tênue réstia de luz solar; de lá se via, muito alto, qualquer coisa que talvez fôsse o céu. Mas da terra, do mundo ao qual tinham pertencido antes, nada podiam ver. Pela abertura da mina descia também a comida dos escravos, em cestos e cochos imundos, nos quais eram alimentados como animais.

O grande desgôsto de Sahak era que Barrabás nunca mais orava com êle. Depois que pedira para ter o nome do Senhor gravado em sua placa, fizera-o umas poucas vêzes, mas acabara deixando-o por completo. Tornara-se cada vez mais esquivo e estranho, impossível de se compreender. Sahak não entendia mais nada; aquela atitude lhe era enigmática. Êle mesmo continuava com suas orações, mas Barrabás, vendo-o orar, virava o rosto como se não o quisesse ver. Costumava, todavia, tomar posição de forma que o protegesse durante suas preces, para o caso de chegar alguém, como se quisesse impedir que o companheiro fôsse perturbado em sua oração. Ajudava Sahak a orar, mas êle mesmo não orava.

Por quê? Como explicá-lo? Sahak não tinha a menor idéia. O próprio Barrabás, além do seu modo de proceder, era-lhe um verdadeiro enigma. Chegara a acreditar que o conhecia bem, e que ali, em seu mundo subterrâneo e na condenação comum, se tivessem aproximado muito um do outro, sobretudo nas poucas vêzes que tinham orado juntos. E, sùbitamente, compreendia nada saber a respeito de Barrabás, absolutamente nada, embora a êle estivesse agrilhoado. As

vêzes sentia que, de algum modo, aquêle homem a seu lado lhe era singularmente estranho.

Quem era êle, afinal?

Continuavam a falar um com o outro, mas não como antes, e Barrabás tinha um jeito todo peculiar de virar o rosto para o lado enquanto conversava. Sahak nunca mais chegara a ver-lhe os olhos. Mas já os vira de todo alguma vez? Pensando melhor nisso, acaso já os vira realmente?

A quem estava êle, afinal, unido por meio de grilhões?

Barrabás nunca mais falara de suas visões. O que isso significava para Sahak, o vácuo que em conseqüência sentia, não é difícil de imaginar. Êle próprio tinha de idear as visões, colocá-las à sua frente, recordá-las o melhor possível, o que não era nada fácil. Nem era a mesma coisa, nem podia ser. Êle nunca estivera ao lado daquele que era todo amor, nunca se deslumbrara com a auréola de luz que o cercava. Êle nunca tinha visto Deus.

Tinha de contentar-se com a lembrança de algo maravilhoso que vira outrora através dos olhos de Barrabás.

Amava sobretudo a visão da manhã de Páscoa, o anjo chamejante precipitando-se do céu à terra para libertar o Senhor do reino da morte. Vendo nìtidamente à sua frente esta imagem, sabia que o Redentor tinha ressuscitado, que vivia, e que logo viria estabelecer o seu reino sôbre a terra, tal como tantas vêzes prometera. Sahak não o duvidava, estava absolutamente convencido de que aquilo ia acontecer. Então, todos os que definhavam ali, na mina, seriam chamados à luz. O próprio Senhor estaria à entrada para receber os escravos e livrá-los de seus ferros à medida que fôssem subindo. E todos entrariam em seu reino.

Sahak ansiava por êsse dia. Cada vez que chegava a hora da ração, erguia os olhos para a abertura, a ver se o milagre se realizara. Mas não se via absolutamente nada do mundo lá em cima, não se podia saber o que, possìvelmente, se tinha passado. As maiores coisas podiam acontecer lá em cima sem que delas se tivesse a menor idéia. No entanto, se

houvesse acontecido, realmente, algo tão importante, se êle de fato já tivesse chegado, os escravos certamente teriam sido retirados da mina. Êle não os iria esquecer, com certeza, não iria esquecer os seus, que mourejavam no reino das sombras.

Certo dia em que Sahak, de joelhos ao lado da parede de rocha, fazia sua oração, aconteceu algo extraordinário. O nôvo vigia da mina, que viera substituir o antigo algoz, aproximou-se dêles por detrás, de maneira que Sahak não o viu nem ouviu. Mas, Barrabás, ao lado do companheiro que orava, sem tomar parte na prece, viu-o na penumbra, e, alvoroçadamente, avisou em voz baixa o companheiro que alguém se aproximava. Sahak abandonou imediatamente a oração e a posição genuflexa, e apressou-se a manejar a picareta. Esperava pelo pior, e suas costas se encolhiam de antemão, como se já sentissem as chicotadas. No entanto, para grande estupefação dos dois homens, não houve castigo algum. O vigia se deteve, mas para perguntar, amàvelmente, a Sahak por que estivera de joelhos e o que significava aquilo. Sahak respondeu gaguejando que estivera orando a seu deus.

— Que deus? — perguntou o homem.

Quando Sahak explicou de que deus se tratava, o vigia fêz, em silêncio, um sinal com a cabeça, dando a entender que o compreendia. Pôs-se a interrogá-lo sôbre o "Salvador" crucificado do qual já ouvira falar, e o assunto, evidentemente, o interessava muito. Era verdade que êle se tinha deixado crucificar? Que tivera a desprezível morte de um escravo? E que, ainda assim, fazia os homens adorá-lo como a um deus? Extraordinário, realmente extraordinário... E por que o chamavam de Salvador? Estranho nome para um deus... Que significava? Êle ia salvar a todos? Salvar nossa alma? Estranho... Por que faria êle isso?

Sahak tentou explicar tudo o melhor que pôde. O homem escutou-o de boa vontade, apesar de não haver muita ordem nem clareza na exposição daquele escravo ignorante. Às vêzes meneava a cabeça. Mas não deixou de ouvir atentamente, como se as palavras ingênuas o interessassem de fato.

Por fim, disse que existiam muitos deuses, o que era natural, pois deviam mesmo existir. E que era bom oferecer sacrifícios a todos para sentir-se bem seguro.

Sahak respondeu que o crucificado não exigia sacrifício algum. Queria, apenas, que cada um se sacrificasse a si mesmo.

— Sacrificar-se a si mesmo? Que queres dizer com isso?

— Que a gente se sacrifique em sua grande fornalha — disse Sahak.

— Em sua fornalha?

E o vigia sacudia a cabeça.

— És um simples escravo ignorante — continuou — e falas de acôrdo com tua limitada inteligência. Que idéias esquisitas! Onde fôste buscar noções tão absurdas?

— Ouvia-as de um escravo grego — explicou Sahak — que costumava falar assim. Eu mesmo não sei muito bem o que tudo isso quer dizer.

— Não, certamente não o sabes. E ninguém o sabe. Sacrificar-se a si mesmo... Em sua fornalha... em sua fornalha...

E assim, sempre murmurando qualquer coisa que êles não mais puderam entender, o feitor desapareceu no espaço escuro entre os lampiões, como um homem em vias de se perder nas entranhas da terra.

Sahak e Barrabás muito se admiraram dêsse singular incidente ocorrido em sua existência, tão inesperado que mal conseguiam compreender o que se passara. Como poderia o homem ter-se aproximado a tal ponto dêles? Seria realmente um vigia comum? Como procedera daquele modo, interrogando-os acêrca do crucificado, do Salvador? Como era possível? Naturalmente, porém, estavam satisfeitos com o que acontecera.

Desde então o vigia se deteve muitas vêzes ao passar por êles, para falar com Sahak. Mas nunca se dirigia a Barrabás. Fazia Sahak contar sempre mais acêrca de seu Senhor, de sua vida, seus milagres e seu estranho preceito, segundo

o qual todos deviam amar uns aos outros. Certa vez, quando Sahak terminou sua prédica, o vigia declarou:

— Estou pensando há muito tempo em acreditar nesse deus. Mas como o poderei? Como me será possível crer em coisas tão estranhas? Como poderei eu, guarda de escravos, adorar um escravo crucificado?

Sahak respondeu que seu Senhor de fato tivera a morte de um escravo, mas que, não obstante, era o próprio Deus, o único Deus. Acreditando-se nêle não se podia acreditar em outro.

— O único Deus! E crucificado como um escravo! Que pretensão! Não existir senão um deus, e os homens o terem crucificado!

— Sim — disse Sahak. — É assim.

O homem o encarou com espanto, sem nada responder. Meneando a cabeça, como era costume, continuou o seu caminho e se perdeu na escuridão das galerias.

Seguiram-no com os olhos enquanto êle se afastava. Seu vulto ainda surgiu à claridade mortiça do lampião seguinte, e depois desapareceu.

No entanto, o vigia andava pensando nesse deus desconhecido que se lhe tornava tanto mais incompreensível quanto mais nêle ouvia falar. E se, de fato, fôsse o único deus? Se fôsse mesmo o que se devia adorar e não os outros? Imaginem, se só existisse um único deus poderoso, reinando sôbre o céu e a terra, pregando sua doutrina por tôda a parte, inclusive naquele mundo subterrâneo? Uma doutrina tão estranha e tão pouca clara! "Amai-vos uns aos outros... Amai-vos uns aos outros..." Quem poderia conceber tal coisa?

Parou em plena sombra, entre dois lampiões, para refletir melhor na solidão. E, de repente, foi iluminado por uma idéia. Ocorreu-lhe, como uma inspiração, o que devia fazer. Devia retirar da mina, onde todos sucumbiam, o escravo que acreditava no deus desconhecido; devia pô-lo em qualquer outro trabalho, lá no alto, ao sol. Não compreendia aquêle deus e muito menos sua doutrina, isso lhe era impossível, mas

assim mesmo iria agir. Tinha a nítida impressão de que esta era a vontade do deus.

Na primeira ocasião em que subiu ao solo, encontrou-se com o vigia dos escravos que trabalhavam nas terras pertencentes à mina. Êste, um camponês típico de grande bôca grosseira, ao saber de que se tratava, bem pouco encantado se mostrou com a proposta; não queria escravos da mina. Podia ocupar muito bem alguns homens a mais, principalmente agora, com os trabalhos da primavera, pois os bois, como de costume, não eram em número suficiente para a tração. Mas gente da mina não o tentava. Eram uns homens imprestáveis, não tinham fôrça, e, além disso, os outros escravos não gostavam dêles; que tinham a fazer lá em cima?... Deixou-se, entretanto, convencer pelo colega mais idoso, que tinha bastante talento para conseguir sempre o que queria. E êste retornou à mina.

No dia seguinte, demorou-se mais do que qualquer outra vez, conversando com Sahak a respeito de seu deus. Disse-lhe, depois, o que tinha feito em seu favor, mandando-o apresentar-se ao guarda à entrada da mina para ser libertado das grilhetas e separado de seu co-prisioneiro. Depois seria levado para cima, para fora da mina, e seu nôvo chefe o tomaria a seu serviço.

Sahak encarou-o, sem poder compreender o que ouvia. Seria verdade? O vigia lhe respondeu que sim, acrescentando que, provàvelmente, a idéia lhe fôra inspirada pelo deus de Sahak, cuja vontade devia ser cumprida.

Sahak comprimiu as mãos contra o peito e ficou um momento em silêncio. Depois disse que não queria ser separado de seu companheiro, pois tinham o mesmo deus e a mesma fé.

O vigia olhou muito admirado para Barrabás.

— A mesma fé? Êle? Êle não tem orado como tu, de joelhos!

— Não... — disse Sahak, um pouco inseguro. — Pode ser que não. Mas estêve muito mais perto do Salvador do que eu, estêve junto à sua cruz enquanto êle sofria e mor-

ria, viu uma auréola de luz em tôrno dêle e o anjo de fogo que tirou a pedra de seu sepulcro para que êle pudesse ressuscitar do reino da morte. Foi meu companheiro quem me abriu os olhos para a magnificência do Senhor.

O vigia, desorientado ante tanta coisa enigmática, sacudiu a cabeça e olhou, desconfiado, para Barrabás, o homem com a cicatriz na face, que nunca fitava alguém diretamente, e que, mesmo agora, olhava para o lado. Aquêle homem pertencia ao deus de Sahak? Não era possível! O vigia não o achava nada simpático.

Não tinha a menor vontade de fazê-lo sair da mina. Sahak, porém, repetiu que não podia separar-se dêle. O vigia murmurou qualquer coisa e de nôvo fitou Barrabás, desta vez longamente. E cedeu, afinal, embora contra a vontade, ao desejo de Sahak; os dois sairiam juntos da mina. Depois os deixou e mergulhou na solidão.

Quando Sahak e Barrabás, à hora convencionada, se apresentaram ao guarda, foram libertados das grilhetas e levados para fora da mina. Chegando à luz do dia, vendo o sol brilhar nas encostas das montanhas perfumadas de mirtos e lavandas, e vendo os verdejantes campos primaveris estendendo-se pelo vale abaixo e, mais ao longe, o mar, Sahak caiu de joelhos e gritou em êxtase:

— Êle veio! Êle veio! Seu reino aí está!

O feitor de escravos, que viera para os conduzir, olhou estupefato para o homem ajoelhado. Tocou-o, depois, com o pé, para fazê-lo erguer-se.

— Vamos! — disse êle.

XIII

Os dois escravos serviam muito bem para ser atrelados juntos ao arado, pois já viviam tanto tempo emparelhados, que estavam perfeitamente habituados um ao outro, como um par de mulas. Magros e miseráveis, com a cabeça raspada pela metade, eram objeto de zombaria entre os demais escravos, que bem sabiam de onde tinham vindo os dois. Um dêles, porém, de natureza robusta, restabeleceu-se depressa e, ao cabo de pouco tempo, podiam os dois dar bom rendimento no trabalho. O vigia estava satisfeito com êles; em se tratando de prisioneiros das minas, até que eram bem aproveitáveis.

Barrabás e Sahak transbordavam de gratidão pelo que lhes acontecera. Embora mourejassem de sol a sol, como animais, já não era a mesma coisa. Só o fato de estarem ao ar livre, de poderem respirar, tornava tudo mais leve. Alegravam-se com o sol, embora êste fizesse suar seus corpos esqueléticos, e ainda que continuassem a ser tratados como animais, nem um pouco melhor do que antes. O chicote zunia como na mina, sobretudo nas costas de Sahak, que tinha me-

nos fôrça. Mas haviam, pelo menos, até certo ponto, retornado à vida, viviam como outros sêres humanos, sôbre a terra, e não mais em permanente escuridão. Havia manhã e tarde, dia e noite. Apreciavam tais mudanças e com elas se alegravam. Compreendiam, porém, que o reino de Deus ainda não tinha chegado.

Aos poucos os outros escravos mudaram de atitude para com os dois novos, deixando de considerá-los como uns animais fora do comum. De cabelos crescidos, tornaram-se iguais aos outros e não eram mais objeto de atenção geral. O que havia nêles de extraordinário não era o fato de terem sido prisioneiros nas minas, mas o de terem conseguido escapar ao inferno ao qual haviam sido condenados. Verdadeiramente, era isso que desde o comêço despertara a curiosidade dos outros e os levara a nutrir pelos dois uma espécie de admiração involuntária, que se esforçavam por dissimular. Procuravam fazê-los contar como tudo se passara, mas as tentativas não tinham grande êxito. Os dois não eram muito comunicativos e não queriam falar do milagre de sua libertação da mina. Ambos eram esquisitos e mantinham-se quase sempre afastados dos outros.

No entanto, nada mais os compelia a isso, pois já não estavam acorrentados. Podiam ter-se unido aos demais escravos, se o quisessem; não eram mais obrigados a comer e a dormir lado a lado. Continuavam sempre juntos, porém. O mais estranho é que se tinham tornado quase completamente alheios um ao outro, já não conseguindo conversar com a espontaneidade de antes. Portavam-se como dois sêres inseparáveis, embora no fundo separados estivessem.

Durante o trabalho tinham de andar um ao lado do outro. Mas nas horas de folga nada os teria impedido de misturarem-se ao resto dos escravos. Não o faziam, porém, tão estranhos se consideravam no meio dêles. Haviam-se habituado a manter-se juntos, a estar ligados por uma corrente que não mais existia. Quando acordavam na escuridão da noite e sentiam a falta da corrente que os ligava, eram quase

tomados de pânico, só se tranqüilizando ao verificarem que estavam deitados um ao lado do outro, como antes. Esta certeza lhes causava verdadeira sensação de alivio.

E dizer-se que Barrabás poderia passar por semelhante coisa! Que poderia ter mudado tanto! Êle, a pessoa que menos se prestava, em todo o mundo, a ser acorrentado a outro. Tinha-o sido à fôrça, por uma corrente de ferro. E agora, que a corrente não mais existia, de certo modo a conservava, como se não lhe fôsse possível viver sem ela. Naturalmente, porém, esforçava-se por se libertar...

Sahak, não. Em vez disso, sofria muito com a mudança que sobreviera entre ambos. Por que suas relações não seriam mais as mesmas?

Do seu milagroso salvamento das minas, do reino da morte, não falavam nunca. Só o tinham feito nos primeiros dias; depois, nunca mais. Sahak dissera que haviam sido salvos pelo filho de Deus, Redentor da humanidade. Era isso mesmo, sem dúvida alguma... Mas se Sahak, efetivamente, fôra libertado pelo seu Salvador, pelo filho de Deus, Barrabás o fôra por êle, Sahak. Não era isso mesmo? Acaso não era verdade?

É... Não era fácil sabê-lo ao certo.

Em todo o caso, Barrabás agradecera a Sahak por tê-lo salvo. Mas tinha também agradecido a Deus? Tê-lo-ia feito? Não era certo. Quem o poderia saber?

Sahak preocupava-se com o fato de conhecer tão pouco a respeito de Barrabás, com quem vivia tão ligado. Magoava-o não mais poder orar com êle, como naquelas poucas vêzes na mina, no reino da morte. Gostaria tanto de o fazer... Não tinha o menor ressentimento contra o companheiro. Apenas não o podia compreender.

Havia em Barrabás tanta coisa que não se compreendia. No entanto, êle vira o Salvador morrer, vira-o ressuscitar e vira também a auréola de luz celestial em tôrno dêle. Nunca mais falaram nisso...

Sahak sofria, mas não por sua própria causa. Seu rosto macilento e queimado, sob os cabelos de neve, estava marcado pelas fagulhas dos fornos de fundição, e seu corpo magro conservava os sinais das chicotadas; ainda assim, porém, não era por si mesmo que sofria. Sentia-se até feliz, sobretudo depois que o seu Senhor realizara o milagre de fazê-lo voltar a ver o sol e os lírios do campo, dos quais o Redentor falara em palavras tão belas.

O mesmo milagre o Senhor realizara com Barrabás. Mas êste só tinha olhares inquietos para o mundo que agora revia, e ninguém sabia por onde vagavam seus pensamentos.

Assim decorria a vida em comum dos dois homens, nos primeiros tempos em que estiveram lá em cima, fora da mina.

Concluídos os trabalhos da primavera, Barrabás e Sahak foram postos em atividade na roda de água que devia funcionar no começo da estação quente, para que a lavoura não definhasse com a sêca. Era também um trabalho pesado. Mais tarde, quando a colheita foi recolhida aos silos, enviaram-nos ao moinho de trigo, um dos numerosos edifícios que rodeavam a residência do governador romano e que, juntamente com a aldeia suja dos nativos, formavam tôda uma cidade em tôrno do pôrto de embarque. Assim os dois companheiros chegaram até o mar.

Foi na casa do moinho que encontraram o homem de um ôlho só.

Era um escravo atarracado, de cabeça raspada, rosto cinzento e encarquilhado, e bôca ressecada. Seu único ôlho tinha expressão sorrateira; o outro havia sido perfurado por ter êle roubado alguns alqueires de farinha. Pela mesma razão trazia uma grande golilha de madeira em volta do pescoço. Seu trabalho consistia em encher sacos de farinha e levá-los ao depósito. Nem esta simples atividade, nem sua figura insignificante de pequeno rato cinzento, tinham qualquer coisa de extraordinário. Por uma razão ou por outra, porém, despertava mais atenção do que os outros — talvez por causar sua presença uma estranha sensação de insegu-

rança e mal-estar. Sempre se sabia quando êle estava por perto, mesmo de costas voltadas; sem vê-lo, sentia-se, nìtidamente, o olhar penetrante de seu único ôlho. Era raro êle encarar alguém frente a frente.

Parecia não dar qualquer atenção aos dois recém-chegados, nem parecia vê-los. Ninguém percebia que êle, sorrindo maliciosamente, fazia com que tocassem aos dois as mós mais pesadas. Nunca se podia saber se êle ria, ou se sua bôca cinzenta e murcha pretendia fazê-lo.

Havia quatro moinhos, cada um movido por dois escravos. Não se empregavam bêstas de tração, por ser mais fácil obter homens do que animais. Tinham-se tantos quantos se queria e sua manutenção era mais barata. Sahak e Barrabás, porém, achavam a alimentação quase abundante, comparada àquela a que estavam habituados, e, em geral, achavam que iam passando melhor agora do que antes, se bem que o trabalho fôsse pesado. O feitor não os tratava muito mal; era um homem pequeno e rechonchudo, amigo do sossêgo, que andava por ali com o chicote às costas, mas sem usá-lo com freqüência. Só costumava aplicá-lo a um velho escravo cego, já completamente ao fim de suas fôrças.

O edifício era todo branco por dentro, com a farinha que, no decorrer do tempo, se depositara por tôda a parte — no chão, nas paredes e nas teias de aranha do telhado. O ambiente estava saturado de pó de farinha e pelo barulho ensurdecedor das quatro mós virando ao mesmo tempo. Todos os escravos trabalhavam nus, exceto o pequeno de um ôlho só, que se vestia com uma túnica de saco e rastejava pelo moinho, escarafunchando os cantos, como um rato. O pedaço de madeira em volta do pescoço dava-lhe o aspecto de prisioneiro que, de um ou outro modo, conseguira evadir-se. Afirmavam que comia farinha dos sacos quando estava só no depósito, embora a golilha tivesse a finalidade de o impedir. Diziam ainda que não o fazia para matar a fome, mas por afronta, pelo gôsto de arrostar o perigo, pois sabia que, se fôsse descoberto, lhe perfurariam o outro ôlho e seria pôsto a

virar mós, como o velho cego — trabalho que sabia estar acima de suas fôrças e que o enchia de pavor quase tão grande como o da escuridão que o esperava no dia em que fôsse novamente apanhado em flagrante, roubando. Quanto havia de verdade em tôdas essas histórias, naturalmente não se podia saber.

Não manifestava maior interêsse pelos recém-chegados. Olhava-os de soslaio, como a todos os outros, e esperava pelos acontecimentos. Nada tinha de particular contra êles. Eram prisioneiros das minas — dizia-se — e a êstes nunca vira antes. Mas nada tinha contra os prisioneiros das minas, nem contra ninguém.

Tendo estado nas minas de cobre, deviam ser grandes criminosos, embora um dêles não deixasse esta impressão. O outro aparentava muito mais; tinha verdadeira cara de criminoso e, evidentemente, esforçava-se por ocultar alguma coisa. Era um tipo asqueroso; o outro, ingênuo. Como teriam conseguido sair da mina, daquele inferno? Quem os teria auxiliado? Eis a questão. Mas, afinal, não era de sua conta.

Restava esperar e algo se revelaria por si mesmo. A explicação sempre vem, de um modo ou de outro. As coisas sempre costumam explicar-se, a bem dizer, por si mesmas. Bastava, naturalmente, andar-se com os olhos abertos, como êle o fazia.

Descobriu assim que o sujeito alto e magro, cóm olhos que pareciam os de um boi, tôdas as noites, quando escurecia, se punha de joelhos e orava. Por que o faria? Orava a um deus, naturalmente; mas que deus seria êsse, ao qual se orava daquela maneira?

O escravo de um ôlho só conhecia muitos deuses mas nunca lhe viera a idéia de lhes dirigir preces. E mesmo se lhe desse na veneta fazê-lo, por certo o faria como tôda a gente: perante suas estátuas, nos respectivos templos. Mas aquêle estranho escravo orava a um deus que êle evidentemente acreditava achar-se na escuridão, à sua frente. Além disso falava-lhe como a um ser vivo, como a alguém que se impor-

tasse com êle. Era muito esquisito. Ouvia-se o homem murmurar e rezar com ardor na escuridão; ora, qualquer um podia ver que ali não havia nenhum deus. Era pura fantasia.

Ninguém pode interessar-se por uma coisa que não existe. No entanto, após ter feito esta descoberta, o homem de um ôlho só começou a falar de vez em quando com Sahak, tentando saber alguma coisa a respeito daquele deus extraordinário. Sahak explicou-lhe tudo, o melhor que pôde. Disse que seu deus estava por tôda a parte, também na escuridão. Podia-se invocá-lo em qualquer lugar e sentir sua presença. Sim, podia-se senti-la até no próprio coração, o que era mais maravilhoso. O outro lhe respondeu que, de fato, aquêle era um Senhor bem extraordinário.

— É mesmo — confirmou Sahak.

O escravo pareceu refletir algum tempo sôbre o que acabava de ouvir acêrca do deus invisível, mas evidentemente tão poderoso, perguntando, depois, se fôra êsse deus que os tinha ajudado a sair da mina.

— Sim — disse Sahak. — Foi quem nos ajudou.

Acrescentou que era o deus dos oprimidos, que viria libertar todos os escravos de seus grilhões e remi-los. Sahak queria pregar sua fé e via que o outro ansiava por aprender mais a respeito, pois escutava, maravilhado.

Sahak percebeu, claramente, que o pequeno escravo, desprezado por todos e ao qual tinham furado um ôlho, queria ouvir falar em sua redenção e na de todos, e que era vontade do Senhor que êle lhe falasse. Começou a fazê-lo o mais freqüentemente possível, embora Barrabás os olhasse de soslaio e não parecesse aprová-lo. Finalmente, uma noite, quando tinham deixado o trabalho e estavam sentados a sós numa das pedras do moinho, Sahak mostrou-lhe o seu segrêdo: a inscrição no verso da placa. O outro perguntou o nome do deus desconhecido, se é que era permitido pronunciá-lo. Sahak lhe disse o nome e, depois, para melhor provar o poder e a grandeza do seu Senhor, mostrou-lhe os sinais secretos que representavam o nome sagrado. O escravo contemplou a ins-

crição com muito interêsse; ouviu também a narração de Sahak a respeito do escravo grego que a tinha gravado e que conhecia a significação de cada traço. Era inconcebível que um homem pudesse conhecer, assim, os sinais representativos de Deus.

Sahak olhou ainda uma vez para a inscrição e virou-a depois ao contrário. Comprimiu-a contra o peito, afirmando, muito feliz, que era o escravo de Deus e que a êle pertencia.

— Veja!... — exclamou, admirado, o escravo de um ôlho só.

Pouco depois, perguntou se o outro homem das minas também trazia a mesma inscrição na sua placa.

— Traz, sim — respondeu Sahak.

O escravo fêz um sinal com a cabeça, indicando que compreendia, que o havia imaginado, embora sem a certeza de que ambos fôssem da mesma fé e pertencessem ao mesmo deus, pois o criminoso (com a cicatriz da facada abaixo do ôlho) nunca orava. Continuaram a falar do deus maravilhoso, e o fizeram ainda várias vêzes, após essa conversa que, segundo a impressão de Sahak, os tinha aproximado bastante. Sahak estava certo de que fizera bem contando ao outro o seu grande segrêdo. Devia ser uma ação inspirada pelo próprio Deus.

Causou enorme admiração na casa do moinho quando o vigia anunciou, certa manhã, que Sahak e Barrabás deviam comparecer perante o governador a uma determinada hora do mesmo dia. Era um acontecimento nunca visto antes, pelo menos no tempo daquele vigia, o qual, sem dúvida, estava tão admirado como os outros, sem compreender como era possível semelhante coisa. Dois miseráveis escravos diante do governador em pessoa! Devia conduzi-los até lá e êle mesmo estava um pouco apreensivo, pois nunca tinha pôsto os pés no interior da residência do poderoso senhor. Enfim, nada podia ter com o caso; provàvelmente só lhe cabia a responsabilidade pelo comparecimento dos dois escravos. Puseram-se a caminho à hora convencionada e todos os homens do moinho os

seguiram com os olhos, inclusive o pequeno escravo que parecia um rato e que não podia rir por ter a bôca sêca. Também êste se deteve a espiá-los com seu único ôlho. Sahak e Barrabás nunca teriam encontrado o caminho pelas ruas estreitas que lhes eram completamente desconhecidas. Seguiram atrás do feitor, mantendo-se ao lado um do outro, como antigamente. Era como se de nôvo uma corrente os ligasse.

Chegados à grande casa, um escravo negro, de aspecto imponente, prêso ao batente da porta por uma corrente ligada ao tornozelo, levou-os por entre portas de cedro lavradas. No vestíbulo, entregou-os a um guarda que, ao longo de um pátio ensolarado, os conduziu a uma peça de dimensões médias, aberta para o pátio. Entraram e viram-se, de repente, em face do governador romano.

Imediatamente os três se prostraram, tocando o assoalho com a fronte, segundo as recomendações do vigia, embora Sahak e Barrabás achassem vergonhoso humilharem-se assim ante alguém que, afinal, não era mais do que um homem. Não ousaram erguer-se antes de ter recebido permissão. O romano estava recostado numa poltrona, no fundo do aposento, e acenou-lhes para que se aproximassem, o que fizeram, hesitantes, só aos poucos se atrevendo a erguer os olhos para êle. Era um vigoroso sexagenário, de rosto cheio e firme, queixo largo e bôca voluntariosa, na qual logo se notava o hábito de comandar. Seu olhar era insistente e perscrutador, mas não pròpriamente áspero. Por estranho que fôsse, nada havia nêle de temível.

Primeiro interrogou o vigia quanto à conduta dos dois escravos, querendo saber se estava satisfeito com êles. O homem respondeu gaguejando que sim, e acrescentou, para maior segurança, que sempre tratava os escravos com o máximo rigor. Foi impossível descobrir se o augusto senhor o apreciava. Lançou apenas um rápido olhar ao seu corpo nédio e o dispensou com um gesto da mão — podia retirar-se. Não precisou fazê-lo duas vêzes; o vigia partiu imediatamente. E,

em sua afobação, quase faltou com o respeito ao seu senhor, virando-lhe as costas.

O governador dirigiu-se, então, a Sahak e Barrabás. Começou interrogando-os quanto ao seu país de origem, sôbre a razão pela qual estavam sendo punidos, como haviam saído da mina e sôbre quem o tinha ordenado. Seu modo de falar era até amável. Pôs-se de pé em seguida e deu alguns passos; sua estatura, de tão elevada, causava admiração. Aproximou-se de Sahak, tomou-lhe a placa na mão, contemplou a marca e perguntou se êle sabia o que ela significava. Sahak respondeu que era a marca de propriedade do Estado Romano. O governador assentiu, com um sinal de cabeça, dizendo que estava certo, e que, por conseguinte, significava que Sahak pertencia ao Estado Romano. Depois virou a placa e examinou com visível interêsse, mas sem manifestar a mínima surprêsa, a inscrição secreta do verso.

— Christus Iesus — leu êle, e tanto Sahak como Barrabás ficaram maravilhados ao ver que êle sabia ler os sinais, interpretar o nome sagrado de Deus.

— Quem é êste? — perguntou.

— É o meu deus — respondeu Sahak, com voz ligeiramente trêmula.

— Ah, sim? Não me lembro de já ter ouvido êsse nome. Mas existem tantos deuses que não se pode estar sempre a par de todos. É o deus de teu país natal?

— Não — respondeu Sahak. — É o Deus de todos os homens.

— De todos os homens? Que dizes? Francamente, esta é muito boa! E eu nem ao menos ouvi falar nêle. Deve-se reconhecer que êle sabe manter em segrêdo a sua fama...

— Sim... — disse Sahak.

— O Deus de todos os homens. Então seu poder não deve ser pequeno. Em que se baseia?

— No amor.

— No amor? Bem... Por que não? Não quero meter-me nisso, podes crer no que quiseres. Mas, dize-me, por que trazes o seu nome na tua placa de escravo?

— Porque a êle pertenço — respondeu Sahak, de nôvo tremendo um pouco.

— Ah, é? Pertences a êle? Como assim? Não pertences ao Estado, como o prova esta inscrição? Não és escravo do Estado?

Sahak nada respondeu. Ficou olhando para o chão.

Finalmente o romano falou, mas sem qualquer animosidade.

— Deves responder a isso. Êste caso deve ficar bem claro, compreendes? Dize-me, pois, pertences ao Estado?

— Pertenço ao Senhor, meu Deus — disse Sahak sem erguer os olhos.

O governador ficou a observá-lo. Depois ergueu-lhe a cabeça e examinou de perto aquêle rosto queimado, exposto tanto tempo ao fogo das fornalhas. Nada disse, porém, e, após alguns instantes, tendo provàvelmente visto o que queria ver, largou o queixo do escravo.

Pôs-se em seguida à frente de Barrabás e, virando a placa dêste, perguntou:

— E tu? Também crês nesse deus do amor?

Barrabás não respondeu.

— Dize-me: acreditas nêle?

Barrabás meneou a cabeça, em sinal negativo.

— Não? Então por que trazes o seu nome na tua placa?

Barrabás continuou calado.

— Então não é teu deus? Não é isso que a inscrição significa?

— Eu não tenho deus algum — respondeu, por fim, Barrabás, numa voz tão baixa que mal se podia ouvir. Mas tanto Sahak como o romano o ouviram. Sahak lançou-lhe um olhar tão cheio de desespêro, de dor e assombroso ante aquelas incríveis palavras, que Barrabás o sentiu até o âmago, embora não o enfrentasse.

Também o romano parecia estupefato.

— Não compreendo — disse êle. — Por que, então, trazes êste "Christus Iesus" gravado em tua placa?

— Porque eu bem gostaria de crer... — respondeu Barrabás, sem erguer os olhos para nenhum dos dois.

O romano olhou bem para êle, para aquêle rosto dilacerado, para a cicatriz sob o ôlho e para a bôca dura, grosseira, que conservava ainda muito de sua fôrça. Mas os olhos pareciam já não ter expressão, e o governador não estava certo de encontrar nêles alguma vida, mesmo se erguesse a cabeça daquele homem, como tinha feito com o outro. Aliás, nunca lhe teria vindo a idéia de o fazer. Por quê? Não o sabia...

Voltou-se de nôvo para Sahak.

— Compreendes inteiramente o alcance de tuas palavras? Que elas equivalem a erguer-se contra César? Não sabes que êle também é deus e que a êle pertences, que é a sua marca de propriedade que trazes na placa? E dizes que pertences a outro deus, desconhecido, cujo nome gravaste na placa, para mostrar que não pertences a César, mas ao outro. Não é assim?

— Sim — respondeu Sahak, com voz trêmula, menos vacilante, porém, do que momentos antes.

— Manténs o que disseste?

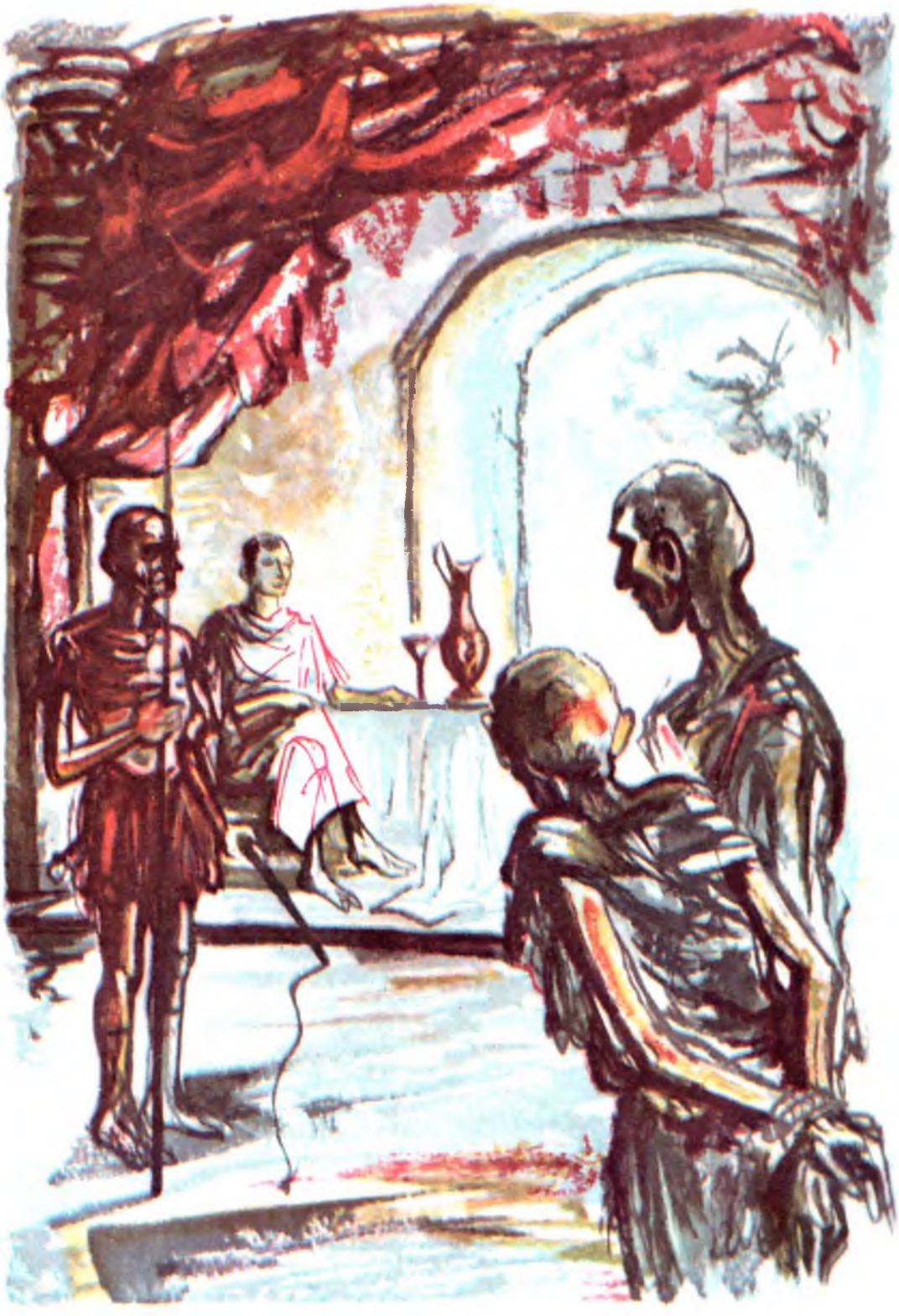
— Sim.

— Mas, então, não compreendes a que te estás expondo?

— Sim, compreendo.

O romano interrompeu-se e pensou naquele deus dos escravos, do qual já ouvira falar muito de uns tempos para cá, naquele doido de Jerusalém que tivera a morte de um escravo. "Partir todos os grilhões..." "O escravo de Deus, que êle libertará..." Não era, na verdade, doutrina tão inofensiva... Opiniões como estas, num escravo, não podiam agradar a um proprietário de escravos...

— Se abjurares tua fé, nada te acontecerá — disse êle. — Consentes em fazê-lo?



— Eu não posso — respondeu Sahak.

— Por que não?

— Porque não posso renegar meu Deus.

— Homem singular... Deves compreender a que castigo me forças a condenar-te. Tens realmente a coragem de morrer por tua fé?

— Isso não sou eu quem decide — respondeu Sahak em voz baixa.

— Não me pareces tão corajoso assim. Não dás valor à vida?

— Sim — respondeu Sahak. — Dou valor...

— Mas se não abjurares êsse teu deus, nada te salvará. Perderás a vida.

— Não posso perder o Senhor meu Deus.

O romano deu de ombros.

— Então nada mais posso fazer por ti — disse êle, voltando para a mesa junto à qual estivera sentado ao chegarem os dois escravos.

Bateu na placa de mármore com um pequeno martelo de marfim:

— És tão louco como teu deus... — acrescentou, a meia voz.

Enquanto esperavam pela chegada do guarda, o governador aproximou-se de Barrabás, virou-lhe a placa, tomou um punhal e, com a ponta, fêz dois profundos traços em cruz sôbre a inscrição "Christus Iesus".

— Êste nome é perfeitamente inútil, pois não acreditas nêle — disse o romano.

Sahak fixava Barrabás durante esta cena, com um olhar que ardia como o fogo e do qual êste nunca mais se esqueceria.

O guarda veio e levou-o, deixando Barrabás onde estava. O governador felicitou-o por seu correto procedimento e prometeu recompensá-lo. Mandou-o apresentar-se ao encarregado dos escravos da residência, que lhe iria dar outro trabalho, melhor e mais leve.

Barrabás olhou-o furtivamente, de relance, e o romano achou que o escravo revelava certa expressão, embora inofensiva. Em seus olhos brilhava o ódio, mas como ponta de seta que nunca seria desferida.

Barrabás retirou-se, em seguida, para cumprir as ordens que recebera.

XIV

Quando Sahak foi crucificado, Barrabás ficou escondido atrás de uns arbustos de hibisco, a certa distância, para que o amigo na cruz não o visse. Mas Sahak já fôra tão torturado antes que, de qualquer maneira, não o teria reconhecido. A tortura tinha sido empregada por velho hábito, na suposição de que o governador se esquecera de ordená-la. Mas, na realidade, não fôra sua intenção mandar aplicá-la, e apenas por negligência não fôra dada ordem expressa neste sentido. Assim, para maior segurança, os carrascos tinham feito como de costume. Não tinham a menor idéia do motivo pelo qual o escravo havia sido condenado, com o que, aliás, pouco se importavam. Dedicavam-se ao seu trabalho habitual.

A cabeça do condenado estava de nôvo raspada pela metade e os cabelos brancos se achavam ensangüentados. O rosto nada exprimia, pròpriamente, mas Barrabás, que o conhecia a fundo, compreendeu o que teria exprimido, se pudesse. Fixava-o sem cessar com olhos ardentes; se é que olhos como os seus pudessem ser ardentes, naquele momento o eram. Con-

templava, também, o corpo descarnado, do qual, ainda que o quisesse, não podia tirar os olhos. Era um corpo tão magro, fraco e lamentável que dificilmente se poderia imaginar qual o crime que cometera. No peito, onde os ossos sobressaíam, estavam marcadas, com ferro em brasa, as insígnias do Estado, indicando que se tratava de criminoso político. A placa de escravo havia sido retirada, pois o metal tinha valor e, além disso, não servia mais para nada, ali no peito do escravo...

O lugar do suplício, uma pequena colina fora da cidade, estava rodeado de arbustos e sarças. Atrás de um arbusto ocultava-se Barrabás, o libertado. A não ser êle e os que foram encarregados da crucificação, não havia vivalma por aquelas paragens; ninguém fazia caso de presenciar a morte de Sahak. Em geral, o povo costumava reunir-se ali, sobretudo quando se supliciava alguém que cometera um grande crime. Mas Sahak não era assassino nem coisa semelhante; ninguém o conhecia nem sabia qual o seu crime.

Era um dia de primavera, como aquêle em que tinham saído da mina, quando Sahak caíra de joelhos exclamando: "Êle veio!" O campo estava muito verde e, pela colina do suplício acima, coberto de flôres. O sol brilhava sôbre as montanhas e sôbre o mar que se estendia lá embaixo. Era por volta do meio-dia. O calor já se tornava opressivo, e grandes enxames de môscas se erguiam cada vez que alguma coisa se mexia na colina impura. Cobriam também todo o corpo de Sahak, que não se podia mover para as enxotar. Não, a morte de Sahak nada tinha de grande nem de elevado...

Era, pois, estranho, pensando bem, que Barrabás pudesse comover-se tanto com esta morte. Ela, porém, o abalou completamente. Seguia êle com os olhos aquela agonia da qual nunca mais esqueceria o mínimo detalhe, nem o suor que escorria pela fronte e das axilas magras e ôcas, nem o peito que arfava, marcado com o ferro em brasa do Estado, nem as môscas que ninguém vinha enxotar... A cabeça do moribundo pendia, sem fôrças, e êle gemia profundamente. Barrabás ouvia-lhe a respiração ofegante, mesmo à distância

em que se encontrava. Êle próprio tinha a respiração entrecortada e penosa, e a bôca entreaberta, como a do seu amigo na cruz. Pareceu-lhe sentir a sêde que o outro, lá em cima, devia estar sentindo. Era esquisito que Barrabás pudesse sentir tudo isso, mas êle estivera acorrentado tanto tempo ao outro... Naquele momento, teve a impressão de que ainda o estava, de que êle e o crucificado ainda se encontravam ligados por meio de grilhetas e correntes.

Sahak tentou falar, queria dizer alguma coisa, talvez pedir água, mas ninguém o ouvia. Nem mesmo Barrabás pôde entender o que êle dizia, por mais que se esforçasse. Além disso, êle estava longe demais. Poderia ter corrido para o alto da colina, até à cruz, ter chamado seu amigo, perguntado o que êle queria, se o podia ajudar em alguma coisa, e, ao mesmo tempo, poderia ter enxotado as môscas. Mas não se mexeu do lugar, continuou oculto atrás do arbusto, sem nada fazer. Apenas o fitava constantemente, com olhos ardentes e a bôca entreaberta, sofrendo as dores do outro.

Pouco depois se via claramente que o sofrimento do crucificado não ia durar muito. A respiração estava em vias de se extinguir, mal se lhe notava o peito a arfar, e de onde Barrabás se achava não se ouvia mais nada. Dentro em pouco o peito magro cessou de arquejar e era fácil compreender que Sahak estava morto. Não houve trevas sôbre a face da terra nem nada de prodigioso ocorreu quando êle, em silêncio e sem que ninguém o soubesse, entregou o espírito. Os que estavam encarregados de o vigiar nada perceberam; distraíam-se jogando dados, exatamente como o tinham feito outros no mesmo mister, certa vez, havia já muito tempo... Desta vez, porém, não sê alvoroçaram nem se assustaram por ter morrido um homem na cruz. Não deram mesmo a menor atenção ao fato. O único que o percebeu foi Barrabás. Quando compreendeu que tudo estava acabado, respirou convulsivamente e caiu de joelhos, como se orasse.

Era singular. Pensar em como Sahak teria sido feliz se o tivesse visto! Sahak, porém, não vivia mais...

Barrabás, conquanto houvesse dobrado os joelhos, não orou. Não tinha a quem orar... Apenas ficou ali prostrado, durante algum tempo.

Depois ocultou entre as mãos o rosto dilacerado, coberto pela barba grisalha, e provàvelmente chorou.

Um dos homens da guarda soltou de repente uma praga, ao descobrir que o crucificado já estava morto, e que agora era só descê-lo e voltar para casa. Foi o que fizeram.

Assim aconteceu quando crucificaram Sahak, e Barrabás, o libertado, assistiu à sua morte.

XV

Quando o governador deixou o cargo e voltou a Roma para ali viver seus últimos anos de vida, tinha acumulado maior fortuna do que qualquer de seus antecessores na ilha, mas, ao mesmo tempo, sua administração das minas e de tôda a província dera ao Estado um lucro nunca antes registrado. Inúmeros superintendentes e feitores, com seu devotamento ao dever, severidade e talvez mesmo crueldade, o tinham ajudado a prosperar; graças a êles fôra possível aproveitar, plenamente, os recursos naturais e explorar até o máximo a população e os escravos. Pessoalmente, êle era de todos o menos cruel. Seu regime o era, não êle; os que o incriminavam, faziam-no por ignorância, por não o conhecerem. Para a maior parte do povo êle era personagem desconhecido, era quase um mito. Milhares de farrapos humanos em seus poços de minas ou atrás de suas charruas, labutando nos campos, ao sol abrasador, suspiraram, aliviados, ao saberem de sua partida; em sua irreflexão esperavam que um nôvo administrador fôsse melhor. O próprio governador sen-

tiu muito ao deixar a encantadora ilha, onde progredira e vivera bem.

Sobretudo, ia sentir falta do seu trabalho, pois era homem válido e gostava de atividades. Como pessoa culta, porém, previa ao mesmo tempo, com prazer, as possibilidades que Roma lhe oferecia quanto a uma vida mais luxuosa, no convívio de gente instruída. Enquanto repousava em confortável cadeira de recôsto, sob o tôldo do navio, seus pensamentos giravam em tôrno dessas agradáveis perspectivas.

Levava consigo os escravos de que ia precisar para uso pessoal, entre os quais se encontrava Barrabás. Incluíra-o na lista por circunspeção e razões sentimentais, pois o homem, já idoso, não lhe podia ser de grande utilidade. Lembrara-se, porém, do escravo simpático e razoável que tão lealmente deixara riscar o nome de seu deus, e decidira levá-lo. Não se teria imaginado que o amo de Barrabás tivesse tão boa memória.

A travessia demorou mais do que de costume, em virtude da longa calmaria, mas, ao cabo de algumas semanas, durante as quais os remos não pararam um só instante, o navio entrou no pôrto de Óstia, com os galés em sangue. Já no dia seguinte, o governador chegava a Roma, onde, poucos dias depois, chegavam também seu séquito e seus bens.

O palácio que mandara comprar para si estava situado na zona mais aristocrática. Compunha-se de vários apartamentos, era revestido internamente de mármore multicor e mobiliado com pródigo luxo. Barrabás nunca chegava a ver mais do que o porão onde estava alojado com outros escravos, mas compreendia que era uma casa suntuosa e opulenta, o que, aliás, lhe era de todo indiferente. Ocupava-se de trabalhos fáceis, avulsos, e tôdas as manhãs, com alguns escravos mais, acompanhava o cozinheiro-chefe, um liberto soberbo, quando êste fazia suas compras no mercado. Dessa maneira acabou por conhecer boa parte de Roma.

Talvez nem se possa dizer que êle de fato visse a cidade. Esta deslizava ante seus olhos e não parecia despertar-lhe

interêsse. Quando penetrava na multidão formigante das ruas estreitas ou percorria o mercado barulhento, tão atulhado de gente que mal se podia andar, tudo lhe era como algo estranho, apenas divisado através de espêssa névoa. A grande cidade cosmopolita e ruidosa nunca se tornou bem real aos seus olhos; vagava por ela absorto, imerso em cismas. Homens e mulheres de tôdas as nacionalidades e de tôdas as raças ali andavam em promiscuidade; qualquer outro ficaria fascinado por aquela multidão colorida, pela riqueza e esplendor reinantes, pelos edifícios imponentes e os inúmeros templos consagrados aos deuses do mundo inteiro, aos quais os nobres se faziam transportar, em magníficas liteiras douradas, para adorarem seus deuses, quando não preferiam as lojas elegantes da Via Sacra ou os esplêndidos estabelecimentos de banhos. Os olhos de outro teriam refletido tudo isso, deslumbrados. Os de Barrabás, porém, nada refletiam; talvez porque estivessem por demais aprofundados nas órbitas, o que viam passaria por êles como algo que não lhes dissesse respeito. Não se interessava por mais nada neste mundo, que lhe era de todo indiferente. Pelo menos, era esta a sua opinião.

Mas não devia ser exclusivamente indiferença, como êle mesmo pensava, pois detestava o mundo.

Entre as coisas que lhe causavam a impressão de algo irreal, estavam também as numerosas procissões que percorriam as ruas, com sacerdotes, fiéis e símbolos sagrados. Êle, que não tinha deus, achava muito esquisito encontrar, constantemente, deuses e ter de recuar para lhes dar caminho. Comprimia-se contra as paredes das casas e, com olhares esquivos e desconfiados, os via passar. Um dia, seguiu uma dessas procissões e chegou a um templo curioso, que nunca vira. Entrou e deteve-se como os outros, ante a estátua da mãe com a criança nos braços; perguntou quem era e lhe disseram que era a bem-aventurada Ísis com o menino Horus. Ao mesmo tempo, porém, começaram a olhá-lo com suspeita

e rancor. Um homem que não conhecia o nome da Santa Mãe... Um guarda do templo expulsou-o de lá, fazendo, depois, junto aos portais de cobre, um sinal misterioso de seu rito, para proteger-se e ao templo contra o intruso. Talvez percebesse que Barrabás fôra concebido e pôsto no mundo sob o ódio contra tôda a criação, no céu e na terra, e contra o criador do céu e da terra.

A cicatriz sob o ôlho estava côr de sangue e, oculto nas órbitas, o olhar feroz vibrava como ponta de seta quando Barrabás desceu a rua em desabalada carreira, perdendo-se, depois, num emaranhado de ruas e becos que não conhecia. "Vade retro", maldito! Extraviou-se completamente, não sabia mais onde se encontrava, e, quando, finalmente, chegou a casa, pouco faltou para ser punido, só não o sendo por saberem que êle gozava o favor do amo. Acreditaram em sua explicação confusa, que se havia perdido por acaso, conhecendo ainda muito mal a cidade. Encolheu-se no canto do porão dos escravos, e ali, estirado na escuridão, sentia queimar como fogo, contra o peito ofegante, o "Christus Iesus" riscado.

À noite, sonhou que estava acorrentado a um escravo que orava a seu lado, mas que não podia ver. — Por que oras? — perguntou-lhe. — De que te servem as preces? — Oro por ti — respondeu uma voz bem conhecida que saía das trevas. Barrabás ficou então bem quieto, para não importunar o homem que orava, e sentiu que seus olhos, velhos e cansados, se enchiam de lágrimas... Ao despertar, tateando em redor de si, procurou pela corrente, mas não a encontrou; o escravo tinha também desaparecido. Não havia corrente alguma ligando-o a outro. Não estava ligado a ninguém no mundo inteiro.

Certa vez, estando só num dos porões do palácio, encontrou o sinal do peixe gravado na parede, num lugar oculto. Fôra feito por mão desajeitada, mas não deixava dúvidas

quanto à significação e à finalidade. Barrabás pôs-se a conjeturar qual dos escravos poderia ser cristão. O fato o preocupou muito e, daí por diante, começou a observar cada um, tentando descobri-lo. Não perguntou a ninguém, nem procurou informar-se, escutando o que se dizia ao seu redor. Teria sido fácil, mas preferiu nada fazer nesse sentido.

Não se dava com os outros escravos, não mantinha com êles senão as relações estritamente necessárias. Não conversava com os companheiros e, por isso, não os conhecia. Os outros, por sua vez, também não o conheciam nem se importavam com êle.

Sabia que havia muitos cristãos em Roma, que êstes se reuniam em suas casas de oração e confrarias, em diversos pontos da cidade. Mas não procurava êsses lugares. Talvez tivesse chegado a pensar em fazê-lo, mas nunca o fêz. Trazia o nome do deus dêles gravado em sua placa, mas êsse nome estava riscado.

Nos últimos tempos, porém, tinham de reunir-se secretamente, em outros lugares, pois temiam as perseguições. Ouvira falar disso, no mercado, por gente que esticava os dedos atrás dêles para proteger-se contra malefícios, exatamente como fizera com êle o guarda do templo da Santa Mãe. Eram temidos, odiados e suspeitos de feitiçaria. Seu deus era um grande criminoso, já crucificado havia muito tempo. Ninguém queria relações com aquela gente.

Uma noite, Barrabás ouviu, por acaso, dois escravos conversando em voz baixa; não o tinham visto no porão escuro, e julgavam estar a sós. Êle também não os via, mas reconhecia-os pela voz. Eram dois escravos recém-adquiridos; estavam na casa fazia apenas poucas semanas.

Falavam de uma assembléia dos irmãos que se ia realizar na noite seguinte, no vinhedo de Marcus Lucius, na Via Ápia. Continuando a prestar atenção, Barrabás percebeu que não iam reunir-se no vinhedo, mas nas catacumbas judias que ali começavam.

Lugar estranho para reuniões... Entre mortos. Como poderiam escolher, propositadamente, tal lugar?...

No dia seguinte, à tardinha, em hora propícia; antes de o porão dos escravos ser trancado como em tôdas as noites, saiu furtivamente do palácio, arriscando assim a vida.

Chegou à Via Ápia ao escurecer. Já não existia quase ninguém pelas ruas. Informando-se com um pastor que voltava para casa, tocando o seu rebanho de ovelhas ao longo do caminho, conseguiu encontrar o vinhedo.

Ali chegado, desceu pela terra adentro, avançando às apalpadelas por uma estreita e inclinada galeria. A última claridade do dia, infiltrando-se pela abertura, guiava-o; entrou na primeira galeria de túmulos e viu que ela se prolongava, perdendo-se na escuridão. Tateando, continuou por ela adentro, apalpando com as mãos as lajes frias e úmidas. Pelo que ouvira dos dois escravos, a reunião devia realizar-se na primeira grande sala funerária. Continuou a andar.

De repente, pareceu-lhe ouvir vozes. Parou, apurando o ouvido. Não, nada mais se ouvia. Prosseguiu. Tinha de mover-se com muito cuidado, pois muitas vêzes encontrava degraus, um ou vários, que conduziam cada vez mais para baixo, para as profundezas da terra. E êle avançava, avançava sempre.

A esperada sala funerária, porém, nunca aparecia. Estreita e interminável, a galeria continuava. De repente, viu-se em frente a uma bifurcação; e não sabia que lado escolher. Ficou parado onde estava, indeciso, completamente desorientado. Mas eis que viu uma luz brilhar ao longe. Muito longe... Mas era uma luz, não havia dúvida. Apressou os passos. Devia ser ali!

Sùbitamente, porém, a luz desapareceu. Não via mais a estranha claridade distante. Talvez, sem o saber, fôra parar em outra galeria, paralela à primeira. Retrocedeu, precipitadamente, para tornar a ver o brilho. Não o viu mais, a luz não existia mais!

Deteve-se, confuso, desnorteado. Onde estariam os cristãos? Onde encontrá-los? Não estariam, de todo, naquele lugar?

E onde estava êle mesmo, afinal? Ainda bem que sabia o caminho que percorrera para vir até ali. Podia voltar à entrada, era fácil... Decidiu voltar imediatamente.

Retrocedeu, tateando, pela mesma galeria, pelo caminho que estava certo de ter seguido todo o tempo, do qual já conhecia agora todos os degraus e... viu de repente a luz outra vez, à sua frente. Ali estava o brilho, nítido e muito claro, mas num corredor lateral, que não devia ter notado antes, ou que não estava na mesma direção em que, talvez, o tivesse visto. Mas devia ser a mesma luz. Dirigiu-se apressadamente para lá, pois lã devia ser! E a luz foi-se tornando cada vez mais forte.

Mas, sùbitamente, apagou. Desapareceu completamente.

Barrabás pôs as mãos na cabeça, nos olhos... Que luz teria êle visto? Ou aquêle brilho não existia? Seria alucinação ou... algo de anormal em seus olhos? Como daquela vez, fazia já muito tempo... Esfregou os olhos, olhou em tôrno...

Não, ali não havia o menor vestígio de luz! Nem ali, nem em parte alguma. Ali só havia a escuridão glacial e sinistra que o envolvia, e dentro da qual estava completamente só. Não havia cristãos por perto, ali não havia ninguém, não havia um único ser humano além dêle mesmo; só havia mortos...

Mortos! Êle estava rodeado de mortos, por tôda a parte, em tôdas as galerias e passagens, em todo e qualquer caminho que tomasse. E... que caminho devia tomar? Não tinha mais idéia para que lado ir, como encontrar a saída, como fugir dali, fugir do reino da morte...

O reino da morte! Estava no reino da morte! Prêso, fechado, dentro do reino da morte...

Transido de horror, teve a sensação de que ia sufocar. Num súbito acesso de terror, pôs-se a correr ao acaso, sem ver para onde, resvalando pelas lajes, tropeçando sôbre degraus invisíveis, caindo de uma galeria na outra, em desesperada

procura da saída, na ânsia de fugir do reino da morte... Desvairado, arquejante, sem fôlego, por último cambaleava apenas pelas galerias, batendo contra as paredes onde estavam murados os mortos, contra os muros, dos quais nunca mais conseguiria sair...

Finalmente, sentiu um sôpro quente que vinha da terra, do alto, de outro mundo... Num estado de semi-apatia, arrastou-se por uma rampa acima e saiu no meio das vinhas.

Deitou-se no chão para descansar, os olhos voltados para o céu vazio, onde reinava a noite.

A escuridão, agora, tudo envolvia, cobria o céu e a terra...

Quando Barrabás voltou à cidade, pela Via Ápia, sentiu pesar em si a solidão. Não porque ninguém andasse a seu lado nem viesse ao seu encontro, mas por achar-se só na noite infinda que cobria tôda a terra, só no céu e na terra, entre os vivos e entre os mortos. Sempre fôra solitário, mas nunca o sentira tão claramente como agora. Caminhava na escuridão e era como se ela o sufocasse, como se vivesse para sempre imerso em densas trevas. No seu velho rosto solitário havia a cicatriz, a marca do golpe de faca que recebera do pai; no velho peito encarquilhado, pendia, entre pêlos cinzentos, a placa de escravo com o nome de Deus riscado... Êle estava só, no céu e na terra.

Vivia encerrado em si mesmo, fechado em seu próprio reino da morte. Como abrir caminho para dêle sair?

Uma única vez estivera unido a outra pessoa, mas fôra, apenas, por uma corrente de ferro. Nunca por outra coisa além de grilhões.

Ouvia o ruído dos próprios passos no caminho pavimentado com pedras. A não ser isso, o silêncio era completo, como

se o único ser vivo no mundo fôsse êle. De todos os lados, as trevas o envolviam. Nenhuma luz, para onde quer que olhasse. O espaço não tinha mais estrêlas, tudo estava deserto e vazio.

Respirava penosamente, o ar estava quente, sufocante. Sentia-o como ardências de febre. Ou êle mesmo estaria com febre, estaria doente, teria ido buscar a morte lá embaixo? A morte! Trazia-a sempre dentro de si, carregara-a consigo durante tôda a vida. Ela o perseguia em seu íntimo, dentro de seu próprio arcabouço, em suas galerias subterrâneas, enchendo-o de pavor. Estava muito velho agora, não se importava mais com a vida; não obstante, ela o enchia de pavor. Embora quisesse tanto... quisesse...

Não, não morrer! Morrer, não!

Êles, sim, reuniam-se no reino da morte para fazer preces ao seu deus, para se unirem a êle e unirem-se mùtuamente. Não temiam a morte, pois a tinham vencido. Juntavam-se em assembléias fraternais e ágapes... Amai-vos uns aos outros. Amai-vos uns aos outros...

Mas, quando ali chegara para vê-los, não estavam mais, nem um único que fôsse. Em vão errara, desnorteado e solitário, pela escuridão das galerias, em vão buscara claridade em seus próprios caminhos subterrâneos...

Onde estariam êles? Onde estariam os que afirmavam amar uns aos outros?

Onde estavam agora, naquela noite abafadiça — e quanto mais se aproximava da cidade, tanto mais quente e sufocante se tornava aquela noite que pesava sôbre o mundo, noite febril, em que mal se podia respirar, que parecia asfixiá-lo?...

Ao dobrar uma esquina, veio-lhe ao encontro forte cheiro de fumaça. Era do porão de uma casa ali perto; densos rolos de fumaça saíam do apartamento subterrâneo, e de algumas trapeiras irrompiam as labaredas. Barrabás apressou-se, correu até lá.

Enquanto corria, ouviu em derredor, de outras pessoas que também corriam na mesma direção, gritos de "Fogo! Fogo!".

Num cruzamento, viu um incêndio ainda mais violento numa rua transversal. Ficou confuso, não o pôde compreender... Mas, sùbitamente, soou um grito, vindo não sabia de onde:

— São os cristãos! São os cristãos!

O grito propagou-se ràpidamente e foi repetido por todos os lados:

— São os cristãos! São os cristãos!

Parou, estupefato, sem compreender, a princípio, aquêles gritos nem o que as pessoas queriam dizer. Os cristãos...? Mas, depois, viu claramente de que se tratava, compreendeu tudo.

Sim! Eram os cristãos! Os cristãos que ateavam fogo a Roma! Que ateavam fogo ao mundo inteiro!

Compreendeu, então, por que não os tinha encontrado lá embaixo. Estavam ali em cima, para deitar fogo àquela Roma abominável, para incendiar o mundo execrável! À hora dêles soara! Tinha chegado o Salvador!

O crucificado tinha vindo, o homem do Gólgota tinha voltado! Para redimir a humanidade, para destruir o mundo, como prometera! Para arrasá-lo, fazê-lo consumir pelas chamas, como tinha prometido! Agora, sim, o Redentor mostrava seu poder! E êle, Barrabás, ia ajudá-lo! Barrabás, o réprobo, o irmão maldito do Gólgota, não ia traí-lo, não agora! Desta vez, não! Precipitou-se para a fogueira mais próxima, apanhou um facho incandescente e lançou-o através da abertura do porão de outra casa. Tomou novos fachos acesos e os foi jogando em vários pontos, nos porões das casas. Êle não trairia! Barrabás não iria desertar! Fazia serviço bem feito ao atear novas fogueiras. Aquilo, sim, era um verdadeiro incêndio! De uma casa após outra as labaredas irrompiam, formidáveis, lambendo as paredes, por tôda a parte, deixando tudo mergulhado num mar de chamas! Barrabás corria,

cada vez para mais longe, espalhando cada vez mais o fogo; corria, ofegante, levando no peito o nome de Deus riscado! Não ia desertar, agora. Não ia trair o seu Senhor, quando êste mais precisava dêle, quando a hora tinha chegado, a hora grandiosa em que tudo devia perecer... O incêndio propagava-se, as labaredas se alastravam. Até onde a vista alcançava, tudo era um vasto oceano de chamas! O mundo inteiro desmoronava, ardia numa fogueira imensa!

Vêde, o seu reino aí está! Seu reino chegou!

XVI

Na prisão, sob o Capitólio, foram reunidos todos os cristãos, acusados como responsáveis pelo incêndio, e entre êles encontrava-se Barrabás. Fôra prêso em flagrante e, após o interrogatório, pôsto no mesmo cárcere. Êle era um dêles.

A masmorra, cavada na rocha viva, era úmida e suas paredes gotejavam. Na penumbra reinante, os prisioneiros apenas se distinguiam vagamente uns aos outros, o que agradou a Barrabás. Sentado a um canto, sôbre a palha apodrecida, afastado de todos, virava o rosto para o lado.

Os outros falavam muito no incêndio e na sorte que os esperava. Eram acusados de tê-lo feito lavrar, por se necessitar de um pretexto para prendê-los e condená-los. Os juízes sabiam muito bem que não lhes cabia a culpa. Nenhum dêles havia estado no lugar; não tinham saído de suas casas ao serem avisados de que ia haver perseguições e que o local de suas reuniões, nas catacumbas, fôra revelado por um traidor. Eram inocentes. Mas de que lhes valia isso? Todos queriam acreditar que eram culpados. Todos queriam crer no que

gritava pelas ruas o populacho pago para isso: "Foram os cristãos! Foram os cristãos!"

— Quem teria pago? — ouviu-se uma voz na escuridão.

Mas ninguém deu atenção; fingiram não ter ouvido.

Como poderiam os seguidores do Mestre tornar-se culpados do incêndio, de atear fogo a Roma? Como podia haver quem acreditasse em semelhante coisa? Seu Mestre incendiava as almas, não as cidades. Êle era o Senhor e o Deus do mundo, não um malfeitor.

Puseram-se a falar daquele que era o Amor e a Luz e do reino pelo qual esperavam, segundo a promessa feita. Depois entoaram cânticos. Barrabás nunca ouvira palavras tão belas e estranhas. Sentado de cabeça baixa, ouvia-os cantar.

A tranca de ferro foi retirada da porta, os gonzos rangeram e um guarda entrou. Deixou a porta aberta para que houvesse um pouco de luz durante a distribuição da comida aos presos, da qual estava encarregado. Êle mesmo devia ter acabado de jantar àquela hora, e evidentemente tomara vinho em abundância, pois estava muito vermelho e loquaz. Com insultos grosseiros atirava-lhes a comida a que tinham direito, e que era quase intragável. Mas suas injúrias nada significavam; era o calão do ofício, corrente entre guardas de prisão. Seu aspecto era até bonachão. Ao dar com Barrabás que, por acaso, se encontrava na claridade da porta, irrompeu em gargalhadas.

— Temos aí êste sujeito estabanado! — exclamou. — Corria pelas ruas e incendiava tôda Roma! Seu idiota! E vós outros, ainda quereis dizer que não participastes do incêndio? Mentirosos! Pois êle foi prêso justamente quando ia lançar um facho aceso no depósito de óleo de Caius Servius.

Barrabás não ergueu os olhos. Seu rosto imóvel nada exprimia; apenas a cicatriz sob o ôlho tornara-se muito vermelha.

Os outros prisioneiros voltaram-se estupefatos para êle. Nenhum o conhecia. Julgavam tratar-se de um criminoso, um que não fazia parte do grupo, pois não tinha sido interrogado nem conduzido à prisão juntamente com êles.

— Não é possível... — murmuraram.

— Que não é possível? — perguntou o guarda.

— Êle não pode ser cristão — responderam. — Se fêz o que dizes, não é cristão.

— Não? Pois êle mesmo disse que sim. Os que o prenderam me contaram tudo. E no interrogatório tornou a confessá-lo.

— Nós nem o conhecemos — murmuraram êles, apreensivos. — Se fôsse dos nossos, devíamos conhecê-lo. Êle nos é completamente estranho.

— Sois todos uns farsantes, isso sim! Esperai um pouco e vereis uma coisa!

Aproximou-se de Barrabás e exibiu a sua placa de escravo:

— Olhai! Não é acaso o nome de vosso deus? Não entendo nada dêstes rabiscos, mas não é isso mesmo? Lêde vós próprios!

Reuniram-se em tôrno do guarda e de Barrabás e fixaram, pasmados, a inscrição no verso da placa. Em sua maioria, êles não a puderam decifrar, mas alguns murmuraram, receosos e em voz baixa:

— Christus Iesus... Christus Iesus...

O guarda atirou, brutalmente, a placa contra o peito de Barrabás e lançou, em tôrno de si, um olhar triunfante.

— Que dizeis, hem? Ireis dizer-me ainda que êle não é cristão? Êle mesmo mostrou esta placa ao juiz, dizendo que não pertencia ao imperador mas ao deus que adorais, àquele que foi crucificado. Quem vai ser crucificado agora é êle mesmo, creio que o posso garantir. E vós todos, aliás... Fizestes vossa parte mais hàbilmente do que êle, mas não ireis escapar. Foi pena um dos vossos ter sido tão estúpido que se atirou em nossos braços dizendo ser cristão!

E, rindo-se espalhafatosamente daquelas fisionomias perturbadas, o guarda saiu, batendo a porta atrás de si.

Aglomeraram-se de nôvo em tôrno de Barrabás e o crivaram de perguntas. Quem era? Era realmente cristão? De que confraria fazia parte? Era verdade que tinha feito lavrar o incêndio?

Barrabás nada respondeu. Seu rosto estava lívido e os olhos escondiam-se o mais possível nas órbitas.

— Cristão! Não vistes que a inscrição foi riscada?

— Riscada! O nome do Senhor foi riscado?

— Mas, sim! Vimos muito bem que sim!

Alguns o tinham notado mas não haviam refletido no que aquilo poderia significar. De fato, que queria dizer?

Um dêles tomou a placa e a examinou. Apesar de a claridade estar mais fraca ainda do que antes, viram que a inscrição estava riscada com dois nítidos traços em cruz, aparentemente feitos com um punhal, por mão vigorosa.

— Por que o nome do Senhor está riscado? — perguntaram, um após outro. — Que significa isso? Não nos ouves? Que significa?

Mas Barrabás continuava sem responder. Abaixou a cabeça, evitando olhar para os que o rodeavam. Deixou-os fazer tudo o que quiseram, mexer à vontade com sua placa de escravo, mas nada respondeu. Com crescente estupefação, e cada vez mais agitados, os outros encaravam o homem singular que se dizia cristão, mas que, evidentemente, não o era. Ninguém compreendia tão estranho procedimento. Alguns procuraram um velho que estava sentado na penumbra, mais ao fundo do cárcere, sem tomar parte no que se passava. Falaram com êle durante algum tempo e, finalmente, o ancião se ergueu e acompanhou-os até junto de Barrabás.

Era um homem de elevada estatura, costas largas, ligeiramente curvadas, mas ainda assim de tamanho acima do normal. A possante cabeça tinha cabelos longos, mas ralos e completamente brancos, como a barba que lhe caía sôbre o peito. Tinha aspecto venerável mas muito meigo; seus olhos azuis, muito abertos e límpidos como os de uma criança, revelavam a sabedoria da idade.

Primeiro, olhou longamente para Barrabás, observando-lhe o velho rosto devastado. Depois, pareceu recordar-se de qualquer coisa e fêz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Já faz muito tempo... — disse êle, num tom de escusa.

E sentou-se na palha, em frente ao outro.

Os que o rodeavam mostraram-se surpresos. O venerável pai conhecia aquêle homem?

Evidentemente, sim, a julgar pelo modo com que se pôs a conversar com êle. Perguntou-lhe como tinha vivido e como tinha passado durante tantos anos. Barrabás falou-lhe de sua vida. Não contou tudo — longe disso — mas o suficiente para que o velho pudesse compreender ou imaginar o essencial. Quando percebia qualquer coisa que Barrabás não queria dizer, meneava a cabeça em sílêncio. Conversaram livremente, embora fôsse estranho para Barrabás fazer confidências a alguém, o que, aliás, também agora, só fazia em parte. Respondia com voz baixa e cansada as perguntas do outro, fitando-o de vez em quando nos olhos sábios e expressivos que, ao mesmo tempo, lembravam os de uma criança, ou no velho rosto encarquilhado, devastado como o seu, mas de modo bem diverso. Os sulcos naquela face eram profundos, mas a impressão causada era bem diferente; o rosto irradiava grande serenidade. A pele era quase completamente branca, e as faces estavam escaveiradas, sem dúvida por não lhe restarem muitos dentes. Mas, efetivamente, êle não mudara muito. Ainda falava em seu dialeto tranqüilo e ingênuo.

O venerando ancião foi sabendo, aos poucos, por que o nome do Senhor havia sido riscado e por que Barrabás tomara parte no incêndio de Roma: êle quisera ajudá-los e ajudar seu Salvador a destruir êste mundo. O velho sacudiu tristemente a cabeça branca ao ouvi-lo. Perguntou a Barrabás como podia ter acreditado que os cristãos tivessem ateado fogo à cidade. Fôra o próprio César, a fera, que o tinha feito, e era a êle que Barrabás ajudara.

— Ajudaste o soberano dêste mundo — disse o velho — o homem ao qual pertences, de acôrdo com a tua placa de escravo, e não o Senhor cujo nome nela está riscado. Serviste, sem o saber, ao teu verdadeiro senhor. Nosso Deus é o Amor — acrescentou, tranqüilo, tomando a placa que pendia entre os pêlos grisalhos do peito de Barrabás e olhando, melancòlicamente, para o nome riscado do seu Senhor e Mestre.

Seus dedos de ancião tornaram a largar a placa e êle suspirou profundamente. Compreendia que Barrabás era forçado a carregar aquela placa e que em nada o podia ajudar. Compreendeu que o outro o sabia, notou-o em seu olhar esquivo e desolado.

— Quem é êle? Quem é êle? — perguntaram todos ao mesmo tempo, quando o ancião se ergueu.

Êste, a princípio, nada quis responder; tentou esquivar-se. Mas premiram-no tanto que se viu forçado a ceder.

— É Barrabás, aquêle que foi libertado em lugar do Mestre — disse êle.

Encararam, pasmados, o estranho. Nada os poderia ter surpreendido nem perturbado mais.

— Barrabás... — murmuraram. — Barrabás, o libertado!

Era como se não o pudessem entender. E seus olhos brilharam rancorosos e ameaçadores na penumbra.

O velho, porém, acalmou-os.

— É um homem desgraçado — disse — e não temos o direito de o julgar. Todos nós estamos cheios de defeitos e falhas, e não foi por merecimento nosso que o Senhor ainda assim teve piedade de nós. Não temos o direito de condenar um homem porque êle não tem deus.

Todos baixaram os olhos e era como se não ousassem mais olhar para Barrabás depois do que se passara, depois daquelas últimas e terríveis palavras. Afastaram-se dêle em silêncio e voltaram para onde tinham estado antes. O velho acompanhou-os a passos lentos, suspirando.

Barrabás ficou novamente só.

Permaneceu solitário durante todos os dias de reclusão, afastado dos outros. Ouvia-os cantar seus cânticos de fé e falar, cheios de esperança, da morte e da vida eterna que os aguardava. Principalmente depois de ter sido lida a sentença, falavam muito nisso. Estavam absolutamente confiantes, não existia para êles a mais remota dúvida.

Barrabás escutava, mergulhado em seus próprios pensamentos. Também êle meditava no que estava para vir. Lembrava-se do homem do Monte das Oliveiras, que partilhara com êle o pão e o sal, e que, agora, devia ter morrido outra vez. Fazia já muito tempo, e sua caveira devia estar sorrindo na eterna escuridão.

A vida eterna...

Haveria mesmo qualquer sentido na vida que tinha vivido? Achava que não. Mas, naturalmente, nada sabia. Não competia a êle julgá-lo.

Lá adiante, o velho de barbas brancas permanecia entre os seus. Êle os escutava e lhes dirigia a palavra, com sua honesta e sincera fala galiléia. Às vêzes, repousava a cabeça na palma da mão e ficava algum tempo calado. Talvez pensasse nas praias de Genesaré, onde tanto tinha desejado viver e morrer. Mas seu destino não lhe pertencia. Encontrara o Mestre em seu caminho e êste lhe dissera: "Segue-me." E tivera de segui-lo. De seus olhos de criança e de seu velho rosto enrugado, com faces escaveiradas, emanava profunda paz.

Foram levados para o suplício, acorrentados de dois em dois. Como seu número não era par, Barrabás ficou por último no cortejo, não sendo acorrentado a ninguém. Assim se deu, por acaso. Do mesmo modo, ficou completamente só no extremo da fileira de cruzes.

Havia muita gente reunida para ver, e demorou muito que tudo se acabasse. Os crucificados dirigiam-se, mùtua-

mente, palavras de consôlo e de esperança. Com Barrabás ninguém falava.

À hora do crepúsculo, os espectadores já se tinham retirado, fatigados por ficarem tanto tempo de pé. Além disso, os condenados estavam todos mortos.

Só Barrabás ainda vivia. Sentindo aproximar-se a morte, que sempre temera tanto, disse, na escuridão, como se falasse à noite:

— A ti entrego minha alma.

E rendeu o espírito.

BIBLIOGRAFIA

OBSERVAÇÃO:

Salvo menção especial, tôdas as obras de Pär Lagerkvist foram publicadas pela Editôra A. Bonnier, de Estocolmo.

1912. MÄNNISKOR (Homens).
Novela
Estocolmo, Frams förlag.

1913. ORDKONST OCH BILDKONST (Arte das Palavras e Arte das Imagens). OM MODÄRN SKÖNLITTERATURS DEKADENS (Sôbre a Decadência da Literatura Moderna). OM DEN MODÄRN KONSTENS VITALITET (Sôbre a Vitalidade da Arte Moderna).
Ensaios, com prefácio de August Brunius.
Estocolmo, Bröderna Lagerströms förlag.

TVA SAGOR OM LIVET (Dois Contos sôbre a Vida).
Estocolmo, Frams förlag.

1914. MOTIV (Motivo).
Ensaio.

1915. JÄRN OCH MÄNNISKOR (O Ferro e os Homens).
Contos.

1916. ANGEST (Angústia).
Prosa e poesia.

1917. SISTA MÄNSKEN (O Último Homem)
Drama.

1918. TEATER. DEN SVARA STUNDEN (Teatro. O Momento Difícil).
MODERN TEATER (Teatro Moderno).
Três peças em um ato e ensaios.

1919. KAOS (Caos).
Prosa, verso e drama.

1920. DET EVIGA LEENDET (O Eterno Sorriso).
Prosa.

MORGONEN (A Manhã).
Numa cidade italiana, esbôço em prosa.
Svenska Dagbladet, 24 de novembro de 1920.

1921. DEN LYCKLIGES VÄG (O Caminho do Homem Feliz).
Poesias.

1923. DEN OSYNLIGE (O Invisível).
Drama em três atos.

1924. ONDA SAGOR (Contos Cruéis).

1925. VALDA SIDOR (Páginas Escolhidas).
GÄST HOS VERKLIGHETEN (Hóspede da Realidade).
Ensaio.

1926. HJÄRTATS SANGER (Cantos do Coração).
Poesia.

1927. DE BESEGRADE LIVET (A Vida Vencida).
Considerações.

1928. HAN SOM FICK LEVA OM SITT LIV (Aquêle Que Pôde Reviver a Própria Vida).
Drama em três atos.

DIKTER I URVAL (Poesias Escolhidas).

1930. KAMPANDE ANDE: BRÖLLOPFESTEN. GUDS LILLE HANDELSRESANDE. SJÄLARNAS MASKERAD. UPPBROTTET (Espírito Combativo: As Núpcias. O Pequeno Caixeiro Viajante de Deus. A Mascarada das Almas. A Partida).
Poesias.

1932. VID LÄGERELD (Ao Fogo do Bivaque).
Poesias.

KONUNGEN (O Rei).
Drama em 3 atos.
SKRIFTER. I-III (Obras Reunidas).

1933. BÖDELN (O Carrasco).
Novela em duas partes, teatralizada depois.

1934. DEN KNUTNA NÄVEN (O Punho Fechado).
Recordações de Viagem da Grécia e da Terra Santa.

1935. I DEN TIDEN... (Naqueles Tempos...)
Ensaios satíricos.

1936. MANNEN UTAN SJÄL (O Homem sem Alma)
Drama em cinco atos.

1937. GENIUS (Gênio).
Poesias.

1939. DEN BEFRIADE MÄNNISKAN (O Homem Libertado).
Considerações.
SEGER I MÖRKER (Vitória nas Trevas).
Drama em quatro atos.

1940. SANG OCH STRID (Canto e Luta).
Poesias.
VERNER VON HEIDENSTAM.
Discurso de posse na Academia Sueca.

1941. MIDSOMMARDRÖM I FATTIGHUSET (Sonho de uma Noite de Verão no Hospício).
Drama em três atos.
DIKTER (Poesias).

1942. HEMMET OCH STJÄRNAN (O Lar e a Estrêla).
Poesias.

1944. DVÄRGEN.
Romance.

Tradução portuguêsa:

O ANÃO Trad. de João Pedro de Andrade.
Lisboa, Est. Cor. Tip. Minerva do Comércio, 1955.

1945. PROSA (Obras em Prosa).

1946. TAL ÖVER ESAIAS TEGNÉR (Discurso sôbre Esaias Tegnér).
Svenska akademiens handlingar, nº 57, 1946.
DRAMATIK (Obra Teatral).

1947. DE VISES STEN (A Pedra Filosofal).
Drama em 4 atos.

1949. LAT MÄNNISKAN LEVA (Deixai Viver o Homem).
Drama.

PROSA I-V (Obra em Prosa).
5 volumes.

1950. BARABBAS (Barrabás).
Romance

Tradução brasileira:

BARRABÁS. Traduzido do sueco por Guttorm Hanssen. Prefácio de Brito Broca.
Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1963.
Tradução aproveitada na presente edição.

Tradução portuguêsa:

BARRABÁS. Tradução de Carlos Selvagem. Lisboa, Emp. Nacional de Publicidade, 1954.

1951. MYTEN OM MÄNNISKORNA (O Mito da Humanidade).
Extratos de um romance inédito escrito em 1922, utilizados no discurso do banquete do Prêmio Nobel em 1951.
Bonniers litterära magasin, dezembro de 1951.

1953. AFTONLAND (Ocidente).
Poemas.

1956. SIBYLLAN (A Sibila).
Romance.

DRAMATIK I-III (Obra Teatral).
3 volumes.

1960. AHASVERUS'DÖD (A Morte de Aasvero).
Romance.

1962. PILGRIM Pa HAVET (Peregrino do mar).
Romance.

ÍNDICE

Kjell Strömberg,

"Pequena História" da atribuição do Prêmio Nobel a Pär Lagerkvist 7

Anders Österling,

Discurso de Recepção 19

Eric Hjalmar Lindar,

Vida e Obra de Pär Lagerkvist 27

PÄR LAGERKVIST

— *BARRABÁS* 67

Bibliografia 203

BARRABÁS
de
PÄR LAGERKVIST

*

Faz parte da
BIBLIOTECA DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA
ideada pelas edições Rombaldi, de Paris,
patrocinada pela
ACADEMIA SUECA
e pela
FUNDAÇÃO NOBEL

*

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

CRISTOBAL DE ACEVEDO
(concepção e direção literária)

GÉRARD ANGIOLINI
(direção artística)

PAULO RÓNAI
(adaptação e supervisão)

*

PAULETTE HUMBERT
(ilustrações)

MICHEL CAUVET
(retrato do autor e ornatos tipográficos)

*

Impressão do texto e das gravuras e encadernação por

AGGS INDÚSTRIAS GRÁFICAS S. A.

Rua Luís Câmara, 535 (Olaria), Rio